



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

PARTÍCULAS ENUNCIATIVAS EM SATERÉ-MAWÉ

José de Oliveira dos Santos Silva

Brasília/DF
2025



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

José de Oliveira dos Santos Silva

PARTÍCULAS ENUNCIATIVAS EM SATERÉ-MAWÉ

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Gramática: Teoria e Análise Linguística de Línguas Indígenas

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dulce do Carmo Franceschini

Brasília/DF
2025

JOSÉ DE OLIVEIRA DOS SANTOS SILVA

PARTÍCULAS ENUNCIATIVAS EM SATERÉ-MAWÉ

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Dulce do Carmo Franceschini (Orientadora/Presidente – UFFS/PPGL/UnB)

Prof. Dr. Rodrigo Albuquerque Pereira (Membro Interno – UnB)

Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Hernandes Agustini (Membro Externo – UFU)

Prof. Dr. Andrébio Márcio da Silva Martins (Suplente – UFGD)

Brasília/DF
2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

d586p de Oliveira dos Santos , José
PARTÍCULAS ENUNCIATIVAS EM SATERÉ-MAWÉ / José de Oliveira
dos Santos ; orientador Dulce do Carmo Franceschini.
Brasília, 2025.
119 p.

Dissertação(Mestrado em Linguística) Universidade de
Brasília, 2025.

1. Língua Sateré-Mawé . 2. Descrição linguística. 3.
Análise enunciativa e pragmática. 4. Partículas
enunciativas. I. do Carmo Franceschini, Dulce, orient. II.
Título.

Ao meu povo Sateré-Mawé, guerreiro, resistente e resiliente, cuja força e sabedoria ancestral me guiaram a cada passo.

A todos que me apoiaram e tornaram esta jornada possível.

AGRADECIMENTOS // WO?EWAKU YNE HAP

A Deus (*Anuma Wato*), pela vida concedida para viver nesta terra (*Unia moire'i* e *Unia magkaru'i*) e pela graça de conhecer tantas pessoas de bem de diversas partes deste Brasil.

À Universidade de Brasília (UnB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB), pela oportunidade de realizar este Mestrado, essencial para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

À CAPES, pelo suporte financeiro por meio da bolsa de pesquisa, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

À Secretaria Municipal de Educação de Barreirinha/AM, pelo apoio inicial que permitiu o início da minha jornada na Pós-Graduação.

Aos meus primeiros professores Sateré-Mawé, Leonardo Miquiles e Francisco Aristides da Paz, pela paciência e dedicação em me ensinar a escrita da minha língua, abrindo caminhos para que eu pudesse conhecê-la e escrevê-la. Aos demais professores Sateré-Mawé, por confiarem em minha capacidade e me inspirarem a exercer a liderança como Coordenador da Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé (OPISMA) durante oito anos.

À minha orientadora, Dulce do Carmo Franceschini, *Waku, Waku sēse!* Agradeço por sua incansável dedicação ao meu povo, por ampliar meu conhecimento sobre a língua Sateré-Mawé e por sua contribuição fundamental à minha trajetória no Mestrado, incluindo o acolhimento em sua casa.

À professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, expresso minha profunda gratidão pelo apoio essencial, que não apenas viabilizou meu ingresso e permanência no Mestrado, mas também se fez presente ao longo das disciplinas, cujos ensinamentos foram fundamentais para minha formação acadêmica.

Aos professores Carmen Agustini e Rodrigo Albuquerque, pela generosidade em aceitar compor as bancas de Qualificação e de Defesa desta Dissertação e pelas contribuições valiosas que fortaleceram este estudo, tornando-o uma referência sobre as partículas enunciativas na minha língua.

Aos meus clãs *Sateré* e *Moi*, em especial ao meu pai, Eulídio (*in memoriam*), cujo incentivo constante, desde a escola primária, me motivou a estudar; e à minha mãe, Honorina

(*in memoriam*), que, embora não tenha conhecido, sinto torcendo por mim a cada passo deste Mestrado.

À minha família Sateré e Wasa'i — Valmira de Oliveira da Paz, Jonias da Paz Silva, Waham da Paz Silva, Nek'i José da Paz Silva, Iasme da Paz Silva e Safira da Paz Silva — minha eterna gratidão por acreditarem em mim e apoiarem, com paciência e compreensão, cada passo da minha jornada acadêmica. Estendo meu agradecimento ao meu irmão Mario do Carmo e à sua família, pelo acolhimento e suporte nos momentos de dificuldade familiar.

À família Carneiro, minha gratidão, especialmente à Dona Irenize, à Dainessa e ao Guilherme, que sempre me acolheram com tanto carinho nas minhas passagens por Parintins. Agradeço também à Deluiza pelo auxílio com alguns dos meus documentos. Minha gratidão especial à amiga, aluna, assessora e professora Denize de Souza Carneiro, por sua dedicação incansável e pelo apoio em cada detalhe, fundamentais tanto para o meu ingresso no mestrado quanto para a conclusão desta pós-graduação.

À família Adams Carneiro, em especial ao amigo Vinícius e à amiga Deize, pela amizade, hospitalidade e apoio logístico em cada passagem por Santarém para pegar os voos para Brasília.

À família mineira de Uberlândia, minha profunda gratidão, em especial ao Seu Evando e à Dona Maria José, por sua acolhida calorosa, pelas orações e pelo apoio constante, que foram essenciais para que eu enfrentasse os desafios do Mestrado. Meu sincero agradecimento também ao amigo Rogério Cardoso, cujo suporte tecnológico e ajuda em diversos momentos fizeram toda a diferença nessa jornada. E ao jovem Heitor, pela educação, pela gentileza no trato comigo e por me chamar para brincar, lembrando-me de que, no meio da correria, sempre vale a pena dar uma pausa para refrescar a cabeça e lembrar que tem muita gente boa nesse Brasilzão.

À minha parenta Sateré-Mawé Rosenilda Rodrigues de Freitas Luciano e ao seu esposo, Gersem Baniwa, minha gratidão pela amizade e pelo apoio em Brasília.

Aos colegas indígenas e não indígenas da turma de Mestrado e Doutorado do LALLI/UnB — que prefiro não nomear para não correr o risco de esquecer alguém —, minha gratidão pela amizade, pelas trocas de saberes e pela parceria ao longo dessa caminhada.

Satere-Mawe pusu sapen

Awyato pot'u pakup
Satere-Mawe pusu sapen
Timomã-momã tuerūt
Satere-Mawe pusu sapen
Yt watimuesaika'i pote
Satere-Mawe pusu sapen
Toimomã musu sapen!

Satere-Mawe pusu sapen
To'iro Nēk'i ewy
Satere-Mawe pusu sapen
Wati'auka awyato
Satere-Mawe pusu sapen
Mi'i hawyi ro aitoria wy
Satere-Mawe pusu sapen
Kay-kay wato'e i'ewy
Satere-Mawe pusu sapen

Ajūmpeiḡ pyno eremiḡ?
Teha'āt hap mīt mienoi tote
Korã pyi aru eset
Satere-Mawe pusu sapen (2x)
Ti era'yn aru eset
Satere-Mawe pusu sapen.

Ajūmpeiḡ pyno eremiḡ?
Teha'āt hap'i tohenoi hap tote
Korã pyi aru eset
Satere-Mawe pusu sapen (2x)
So era'yn aru eset
Satere-Mawe pusu sapen.

Ajūmpeiḡ pyno eremiḡ?
Mīt wo'opo'oro hap sapen note
Korã pyi aru eset
Satere-Mawe pusu sapen (2x)
To era'yn aru eset
Satere-Mawe pusu sapen.

Ajūmpeiḡ pyno eremiḡ?
Mīt yt wo'o'aro'i hap sapen note
Korã pyi aru eset
Satere-Mawe pusu sapen (2v)
Yt rei'o 'e aru eset
Satere-Mawe pusu sapen.

Ajūmpeiḡ pyno eremiḡ?
Mīt apo-apo ehap tote
Korã pyi aru eset
Satere-Mawe pusu sapen (2x)
Apo era'yn aru eset
Satere-Mawe pusu sapen.

(Inuḡ hat: *José de Oliveira - Nēk'i*)

Partículas enunciativas Sateré-Mawé

Nova onça devoradora
Partículas enunciativas Sateré-Mawé
Está começando a desaparecer
Partículas enunciativas Sateré-Mawé
Se não fortalecemos
Partículas enunciativas Sateré-Mawé
Ela [a onça] acaba com as partículas da língua

Partículas enunciativas Sateré-Mawé
Vamos ser igual a Nēk'i
Partículas enunciativas Sateré-Mawé
Vamos matar a onça [devoradora]
Partículas enunciativas Sateré-Mawé
Depois também nós como ele
Partículas enunciativas Sateré-Mawé
Vamos chamar [as partículas] igual ele
Partículas enunciativas Sateré-Mawé

Aonde então você está se escondendo?
Onde é visto pelo locutor
Teu nome a partir de agora será
Partículas enunciativas Sateré-Mawé (2x)
Teu nome será **ti**
Partículas enunciativas Sateré-Mawé.

Aonde então você se escondeu?
Onde não é visto pelo locutor
Teu nome a partir de agora será
Partículas enunciativas Sateré-Mawé (2x)
Teu nome será **so**
Partículas enunciativas Sateré-Mawé.

Aonde então você está se escondendo?
Na partícula que dá ordem a pessoa
Teu nome a partir de agora será
Partículas enunciativas Sateré-Mawé (2x)
Teu nome será **to**
Partículas enunciativas Sateré-Mawé.

Aonde então você está se escondendo?
Na partícula que dá conselho a pessoa
Teu nome a partir de agora será
Partículas enunciativas Sateré-Mawé (2x)
Teu nome será **yt rei'o**
Partículas enunciativas Sateré-Mawé.

Aonde então você está se escondendo?
Na partícula que faz pergunta
Teu nome a partir de agora será
Partículas enunciativas Sateré-Mawé
Teu nome será **apo**
Partículas enunciativas Sateré-Mawé.

(Música de autoria de *José de Oliveira - Nēk'i*)

RESUMO // KARAIWA PUSUPUO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as partículas enunciativas em Sateré-Mawé, a partir de uma perspectiva Funcional, Enunciativa e Pragmática. Partículas enunciativas são pequenas palavras que não influenciam o sentido proposicional do enunciado, mas atribuem ao mesmo um sentido enunciativo e/ou pragmático decisivo para a sua interpretação (Fernandez, 1994). Sob a orientação teórica do Funcionalismo, objetivamos identificar e propor uma análise sistemática do funcionamento morfofonológico, semântico enunciativo e pragmático das partículas enunciativas em Sateré-Mawé. Como estratégia metodológica adotamos a pesquisa-ação, conforme Thiollent (1994), uma pesquisa de cunho social, em que os pesquisadores e os participantes contribuem e participam de forma ativa. Para sua realização, foram adotados os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica (sobre a língua e o povo Sateré-Mawé; e sobre as partículas enunciativas); construção de um *corpus* de dados orais e escritos produzidos em situações espontâneas de comunicação; identificação das partículas enunciativas desse *corpus* e, finalmente, análise dessas unidades linguísticas. Para tanto, coletou-se e realizou-se a transcrição do *corpus* oral e identificaram-se no *corpus* escrito e oral os enunciados pertinentes para a análise das partículas enunciativas. Após essas etapas, procedeu-se à análise dos enunciados selecionados, a fim de compreender o funcionamento das partículas em questão. Foram identificadas vinte e cinco partículas enunciativas, as quais foram analisadas de acordo com os enunciados em que ocorriam: assertivos, imperativos ou interrogativos. Espera-se, com este trabalho, contribuir com o desenvolvimento das pesquisas sobre partículas enunciativas, a partir da produção de conhecimentos sobre seu funcionamento em uma língua indígena ainda pouco estudada; documentar essa classe de palavras da língua sateré-mawé, a qual fará parte da gramática pedagógica dessa língua, fortalecendo-a no contexto escolar; e incentivar a formação de linguistas indígenas, com a titulação do primeiro linguista Sateré-Mawé, a ser conferido ao presente pesquisador.

Palavras-chave: Língua Sateré-Mawé; descrição linguística; análise enunciativa e pragmática; partículas enunciativas.

ABSTRACT

The aim of this research was to analyze enunciative particles in Sateré-Mawé from a Functional, Enunciative and Pragmatic perspective. Enunciative particles are small words that do not influence the propositional meaning of the utterance, but give it an enunciative and/or pragmatic meaning that is decisive for its interpretation (Fernandez, 1994). Under the theoretical guidance of Functionalism, we aim to identify and propose a systematic analysis of the morphophonological, semantic, enunciative and pragmatic functioning of enunciative particles in Sateré-Mawé. As a methodological strategy, we adopted action research, according to Thiollent (1994), which is social research in which researchers and participants actively contribute and participate. In order to carry it out, the following procedures were adopted: bibliographical research (on the Sateré-Mawé language and people; and on enunciative particles); construction of a corpus of oral and written data produced in spontaneous communication situations; identification of the enunciative particles in this corpus and, finally, analysis of these linguistic units. To this end, the oral corpus was collected and transcribed, and the relevant utterances for analyzing the enunciative particles were identified in the written and oral corpus. After these steps, the selected utterances were analyzed in order to understand the functioning of the particles in question. Twenty-five enunciative particles were identified and analyzed according to the utterances in which they occurred: assertive, imperative or interrogative. It is hoped that this work will contribute to the development of research into enunciative particles, by producing knowledge about how they work in an indigenous language that is still little studied; documenting this class of words in the Sateré-Mawé language, which will form part of the pedagogical grammar of this language, strengthening it in the school context; and encouraging the training of indigenous linguists, with the title of the first Sateré-Mawé linguist, to be awarded to this researcher.

Keywords: Sateré-Mawé language; linguistic description; enunciative and pragmatic analysis; enunciative particles.

I?OKHIK HAP

Meikowat motpāp wo'okāt'i-kāt'i hap minuḡ ni Satere-Mawe pusu sapen ko'i etiat, musu sapen wēpotpāp hap ko'i puo pyi. Musu sapen hīt'i ko'i ti sehay mienontem ko'i yt ehay ywyk'i ma'ato totum sehay pe aikotā sehay henontem hap ewy te ti ra'yn, wemū'e meimuewat etiat hat (Fernandez, 1994) pusupuo. Musu puehay wēpotpāp hap piat urupo'oro hap ewy urutunuḡ sa'awy'i te Satere-Mawe pusu sapen ko'i puenti hap tī minuḡ mi'ire ra'yn, mususapen ko'i epiok hap heko ewy-ewy. Urupotpāp hap etiat urupowyro hamo ti urutāt wentup'ok mīt (Thiollent, 1994) wepusunuḡ hap. Mi'i mīt wepusunug hap we ti motpāp minuḡ torania mīt'īn wywo, apo-apo eharia wywo ehap hawyi wēpotpāp haria imoherep ti ra'yn motpāp ehap. Motpāp nuḡ hamo ti urutu wēpotpāp kotā urutu'e: uruikāt miwan ko'i sateré-mawé etiat ko'i hawyi uruikāt musu sapen ko'i etiat irania'in miwan, wemū'e hap ko'i; mikāt'i-kāt'i wuat nuat atunuḡ hap. Meimuewat sehay-sehay ko'i ti mi'atupuenti-puenti ko'i ti miwan na'yn sehay ko'i mikāt'i-kāt'i wuat waku rakat no. Meimuewat nuā rakine ti minuḡ na'yn sehay sapen kāt'i-kāt'i hap aikotā'e tuwēpotpāp musu sapen ko'i kuap hamo. Mipuenti ti to'okape tykaman (25) rania Satere-Mawe pusu sapen ko'i. Meimuewaria ti mikāt'i-kāt'i aikotā i'atuwēpotpāp hap ewy-ewy: musu sapen hot'ok piat misu'āt, musu sapen wo'opo'oro hat, musu sapen apo-apo ehat. Mesuwat motpāp kaipyi miekatup sēse musu sapen ko'i kāt'i-kāt'i hap etiat mowyro hap, motpāp misa'awynuḡ tote pywiat te'en-te'en hap yt kāt'i te ti wemu'e hap mususapen ko'i etiat pote. Mi'ahytman Satere-Mawé pusu sapen mi'i wy ti aru mipaḡ Satere-Mawe pusu A ḡkukaḡ me, mipotpāpnuḡ muetāp wiat no. Mesuwat kaipyi ti aru wy misomo'okpipok'i po'oḡ-po'oḡ mīt'īn irania'īn wentup'ok Sateré-Mawé ra'yn tuwēmomput'ok musu kuap hap etiat hap tote pyi.

Sehay apypok hap: Satere-Mawe Pusu; musu wan hap; musupuehay kāt'i kāt'i hap hapwyi musu'oḡmiat; musupuehay ko'i

LISTA DE ABREVIATURAS // SEHAY OKTEK AHYT KO'I

Adv.	Advérbio
Afir.	Afirmação
Asp.	Aspecto
Atr.	Atributivo
Aux.	Auxiliar
Clz	Coletivizador
Cct.	Conector
Dem.	Demonstrativo
Imp.	Imperativo
Neg.	Negação
Nom.	Nominalizador
PE	Partícula Enunciativa
Pl	Plural
Plz	Pluralizador
Posp.	Posposição
Pos.	Possessivo
Pr.3	Pronome
Rel.	Relativo
Ind. Rel.	Índice Relação
Sg.	Singular
Vz.At.	Voz ativa
Vz.Inv.	Voz inversa
Vz.Md.	Voz Média
Vz.Part.	Voz Ativa Partitiva
Ø	Morfema zero
{ }	Morfema
~	Alternância / Variação
*	Não testado

LISTA DE QUADROS // “QUADRO” AHYT KO’I

Quadro 1	Famílias/clãs do povo Sateré-Mawé
Quadro 2	População Sateré-Mawé
Quadro 3	Termos gramaticais criados em Sateré-Mawé
Quadro 4	Classe he-e
Quadro 5	Classe i-Ø
Quadro 6	Classe h-ĩ
Quadro 7	Classe h-s
Quadro 8	Classe h-Ø
Quadro 09	Paradigmas flaxionais de nomes
Quadro 10	Paradigmas flaxionais dos verbos de estado
Quadro 11	Paradigmas flaxionais das posposições
Quadro 12	Partículas enunciativas em Sateré-Mawé
Quadro 13	Paradigma de conjugação de Verbo Médio I
Quadro 14	Paradigma de conjugação de Verbo Médio II
Quadro 15	Partículas enunciativas em Sateré-Mawé
Quadro 16	Partículas evidenciais e não-evidenciais em Sateré-Mawé
Quadro 17	Partículas evidenciais e não-evidenciais por atos ilocucionários
Quadro 18	Partículas enunciativas diretivas em Sateré-Mawé
Quadro 19	Partículas enunciativas interrogativas em Sateré-Mawé

LISTA DE ILUSTRAÇÃO // JA'AGKAP AHYT KO'I

Ilustração 1	Mapa da Terra Indígena Andirá-Marau
Ilustração 2	Foto da distribuição de PGTA no Marau
Ilustração 3 e 4	Fotos da voadeira e helicóptero usados para casos de emergência
Ilustração 5	Foto da Base Sanitária de Monitoramento do Marau
Ilustração 6	Cobertura de casa com caranã da região do Andirá
Ilustração 7	Cobertura de casa com palha branca da região do Marau
Ilustração 8	Cobertura de casa com telha <i>brasilit</i>
Ilustração 09 e 10	Radiofonia e rádio comunicador
Ilustração 11	<i>Puratiḡ</i> Sateré-Mawé
Ilustração 12	Gramática Sateré-Mawé – capa

SUMÁRIO // APOKYN

INTRODUÇÃO // <i>HA?AWYNUĞ HAP</i>	18
0.1 Tema e seu contexto // <i>Motpāp ypy</i>	18
0.2 Justificativa e problema // <i>Kat hap kaipyi hapwyi kat ete totpowyro</i>	19
0.3 Objetivos // <i>Ajūmpe put'ok'e teran hap</i>	21
0.4 Organização desta dissertação // <i>Motpāp ahytman hap</i>	21
CAPÍTULO I	23
NAÇÃO SATERÉ-MAWÉ // <i>SATERE-MAWE WANIA</i>	23
1.1 O surgimento da Nação Sateré-Mawé // <i>Satere-Mawe wemoherep sa'awy hap</i>	23
1.2 Clãs Sateré-Mawé // <i>Satere-Mawe ywania ko'i</i>	25
1.3 <i>Nusoken</i> , nosso Território Sagrado // <i>Urue'yi miky'e sēse Nusoken</i>	26
1.4 Área Cultural Tapajós-Madeira e o <i>Nusoken</i> // <i>Nusoken, Tapajós-Madeira irania'in weine'en hap</i>	28
1.5 Andirá-Marau, nosso território atual // <i>Korā wuat urue'yi Haki'i-Marau ehap</i>	29
1.6 População Sateré-Mawé // <i>Sateré-Mawé typy'i hap</i>	32
1.7 Organizações Sociais Sateré-Mawé // <i>Satere-Mawe werohik kuap hap ko'i</i>	33
1.8 Comunidades Sateré-Mawé // <i>Satere-Mawe etāma ko'i</i>	37
1.8.1 Rituais e festividades // <i>Seko ky'e'i ko'i hapwyi wepīt wato ko'i</i>	39
1.8.2 Comunicação e Tecnologia // <i>Sehay porerokosap hap hapwyi kare'en ko'i</i>	41
1.8.3 Rádio comunitária Sateré-Ty // <i>Sehay'a torania wat Satere ty</i>	41
CAPÍTULO II	43
A LÍNGUA SATERÉ-MAWÉ // <i>SATERE-MAWE PUSU</i>	43
2.1 A língua Sateré-Mawé // <i>Satere-Mawe pusu</i>	43
2.2 Estudos prévios sobre a língua Sateré-Mawé // <i>Wemū'e sa'awy Satere-Mawe pusu etiat hap</i>	45
2.3 A gramática Sateré-Mawé // <i>Satere-Mawe pusu aḡkukaḡ</i>	46
2.4 Classes de palavras em Sateré-Mawé // <i>Satere-Mawe ehay sok ko'i</i>	49
2.4.1 O Sistema Nominal do Sateré-Mawé // <i>Sateré-Mawé set emyi'a</i>	49
2.4.2 Verbos em Sateré-Mawé e sua classificação // <i>Satere-Mawe enuḡ'a hapwyi ipāt'ok-pāt'ok hap</i>	53
2.4.2.1 Verbos de Estado em Sateré-Mawé	53
2.4.2.2 Verbos de Processo em Sateré-Mawé	54
2.4.2.2.1 Verbos Ativos	54
2.4.2.2.2 Verbos Médios	56

CAPÍTULO III	60
REFERENCIAL TEÓRICO // <i>WEMŪ?E HAP MUESAIKA HARIA</i>	60
3.1 O funcionalismo linguístico // <i>Musu ipotpāp atu rakat</i>	60
3.2 A enunciação // <i>Sehay mienontem</i>	63
3.3 Partículas Enunciativas // <i>Sehay mienontem sapen ko'i</i>	66
3.4 A focalização // <i>Imohot'ok hap</i>	71
CAPÍTULO IV	76
METODOLOGIA // <i>MU?ĀP UITO HAP</i>	76
4.1 Enquadramento tipológico da Pesquisa // <i>Wo'okāt'i-kāt'i hap ekare'en ko'i</i>	76
4.2 Constituição do <i>corpus</i> // <i>Mikāt'i-kāt'i wuat ama'ām hap</i>	78
4.2.1 Textos orais // <i>Sehay sese ne'i</i>	79
4.2.2 Textos escritos // <i>Sehay ahyt miwan</i>	80
4.3 As fases da pesquisa // <i>Wo'okāt'i-kāt'i hap ekaria'i ko'i</i>	81
4.3.1 Fase I – O Início: Definição do tema e elaboração da proposta de pesquisa // <i>Motpāp set'ok hap hapwyi wo'okāt'i-kāt'i hap muat nuḡ hap</i>	81
4.3.2 Fase II – O desenvolvimento do trabalho // <i>Motpāp pū'i nuḡ hap ko'i</i>	82
4.3.3 Fase III – Análise // <i>Motpāp epiok hap</i>	82
CAPÍTULO V	83
PARTÍCULAS ENUNCIATIVAS EM SATERÉ-MAWÉ // <i>SATERE-MAWE PUSU PUEHAY SAPEN KO?I</i>	83
5.1 Identificação das partículas enunciativas em Sateré-Mawé // <i>Satere-Mawe pusu sapen ko'i puenti hap</i>	83
5.2 Partículas usadas em enunciados assertivos // <i>Sehay sapen hampyk piat miekowāt ko'i</i>	84
5.2.1 Partículas Evidenciais // <i>Sehay sapen ko'i herepmuat ko'i</i>	86
5.2.1.1 Partícula Evidencial {ti}	86
5.2.1.2 Partícula {tiŋ}	88
5.2.1.3 Partícula {nekē}	90
5.2.2 Partículas Não-Evidenciais // <i>Sehay sapen ko'i yt herepmuat'i ko'i</i>	91
5.2.2.1 Partícula {so}	91
5.2.2.2 Partícula {som}	92
5.2.2.3 Partícula {awiŋ}	93
5.2.2.4 Partícula {ten}	94
5.2.2.5 Partícula {pon}	95
5.2.2.6 Partícula {toro}	97

5.3 Partículas enunciativas em enunciados imperativos // <i>Sehay sapen ko'i wo'opo'oro hap ko'i</i>	98
5.3.1 Partícula {to}	98
5.3.2 Partícula {sake}	99
5.3.3 Partícula {ʔo}	100
5.3.4 Partícula {it...teiʔo}	102
5.3.5 Partícula {wainj...te}	103
5.4 Partículas enunciativas em enunciados interrogativos // <i>Sehay sapen ko'i apo-apehap ko'i</i>	105
5.4.1 A partícula interrogativa {apo}	106
5.4.2 A partícula interrogativa {inj}	108
5.4.3 Partícula interrogativa {aten}	109
5.4.4 Partícula {asom}	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS // <i>IʔAPYHIK HAP</i>	112
REFERÊNCIAS // <i>MOTPĀP APYAHAʔA KOʔI</i>	116

INTRODUÇÃO // HA?AWYNUĞ HAP



0.1 Tema e seu contexto

Motpāp ypy

Nós, povos indígenas, falamos nossa língua de forma natural, como qualquer falante imerso em sua cultura, sem refletir conscientemente sobre seus subsistemas e estruturas. Essa constatação me levou a querer me tornar um conhecedor da minha própria língua e uma maneira que vi para isso acontecer foi ingressar na pós-graduação em linguística. Isso me permitiu acessar conhecimentos científicos sobre as línguas, além de me preparar enquanto pesquisador indígena para que eu possa refletir mais sobre a situação da língua da minha nação e, principalmente, pensar em alternativas para mantê-la viva, fortalecida e valorizada.

Esta pesquisa faz parte de um projeto¹ mais amplo, coordenado por Franceschini, que é a descrição da língua Sateré-Mawé e teve como objetivo descrever e propor uma análise sistemática das partículas enunciativas em Sateré-Mawé. Essas partículas geralmente são breves (fonologicamente) e é comum estarem subordinadas a uma outra palavra e fora do conteúdo proposicional do enunciado; as mesmas resistem a qualquer especificação lexical e podem aparecer destacadas do resto do enunciado sem deixar de modulá-lo (Fernandez, 1994).

Apesar de nossa língua já ter sido objeto de descrição linguística, as partículas enunciativas ainda não foram descritas de forma sistemática². A língua Sateré-Mawé possui muitas partículas enunciativas e a descrição das mesmas é muito importante, pois elas são regulares e, embora consigamos identificá-las como elementos que têm função mais enunciativa e pragmática, a compreensão de seus diferentes significados - enunciativos e pragmáticos, não é de fácil percepção, compreensão, já que a cena enunciativa como um todo influencia em sua interpretação.

A motivação para fazer o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística

¹ Deste projeto, já resultaram três dissertações de mestrado e uma de doutorado. Atualmente estão sendo realizados um mestrado (o meu) e um doutorado sobre a língua Sateré-Mawé, orientados pela coordenadora do projeto.

² Não consideramos os estudos de Silva (2010), pois a autora apenas apresenta uma lista de unidades linguísticas com diferentes funções e pertencentes a distintos níveis da língua sob o rótulo “Partículas”, baseando-se unicamente em sua brevidade fonológica.

(PPGL) da Universidade de Brasília foi a de contribuir na documentação e valorização das línguas indígenas brasileiras, começando com a documentação da minha, mas não me restringindo apenas a pensar a língua enquanto sistema linguístico, já que o estudo da linguagem abrange também aspectos políticos e identitários. Pensar a língua Sateré-Mawé enquanto um dos principais elementos da identidade Sateré-Mawé, que enfrenta desafios frente aos avanços da sociedade envolvente, é necessário e desafiador neste momento histórico, para poder fortalecê-la e mantê-la viva.

0.2 Justificativa e problema

Kat hap kaipyi hapwyi kat ete topotpowyro

Pesquisadores que trabalham com línguas indígenas, como nós, enfrentam uma verdadeira corrida contra o tempo para documentar e fortalecer essas línguas, buscando evitar seu desaparecimento. Segundo dados da Unesco, das mais de 7.000 línguas faladas no mundo, mais da metade poderá ser extinta nos próximos cem anos, sendo a maioria pertencente a povos tradicionais. Esse processo de extinção está se acelerando: a cada duas semanas, uma língua desaparece com a morte de seu último falante (Mourão, 2014).

Como indígena, compreendo que o desaparecimento de uma língua materna não significa apenas a perda de um sistema de comunicação, mas também de formas insubstituíveis de patrimônio cultural imaterial. As línguas indígenas não apenas nomeiam o mundo, mas organizam modos próprios de pensar, sentir, interagir e transmitir o saber. Foi a partir dessa compreensão que decidi investigar o funcionamento das partículas enunciativas da minha língua, o Sateré-Mawé.

Essas partículas — expressões breves, mas fundamentais para orientar a interpretação do enunciado — como já mencionado, ainda não foram objeto de estudo sistemático por parte dos linguistas que atuam na descrição da nossa língua. Apesar disso, elas exercem papel central na construção do sentido, na articulação da posição do falante, na organização da interação e na sinalização de atitudes, evidencialidade e emoções. Em outras palavras, são elementos gramaticais que participam ativamente da dinâmica do discurso, e sem os quais o entendimento da interação pode ser comprometido ou ficar incompleto.

Conhecer o funcionamento dessas partículas é, portanto, essencial não apenas para a descrição gramatical, mas também para a valorização dos modos próprios de enunciação do nosso povo. É através delas que se revela, muitas vezes de maneira sutil, uma “cosmologia

linguística própria do Sateré-Mawé”, como revelar lógicas, valores e formas de se relacionar com o outro, com o tempo e com o mundo que são diferentes das que existem nas línguas dominantes (como no português). Seu estudo representa também um gesto de resistência: contra o apagamento, a escolha de dar visibilidade aos elementos que estruturam nosso modo de falar e existir.

Como destacou Matsuura (Unesco, s.d.), as línguas indígenas guardam um precioso legado constituído por tradições e expressões orais, sendo elas o elo vital com as futuras gerações, por meio das quais os saberes ancestrais continuam vivos. Além disso, o estudo das línguas indígenas é fundamental para o avanço do campo da linguística, oferecendo uma oportunidade única de compreender melhor as línguas naturais e as estratégias que os seres humanos desenvolveram para “elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo” (Rodrigues, 2017, p. 193).

Diante dessa realidade, meu objetivo é contribuir para o conhecimento da gramática internalizada do Sateré-Mawé, por meio da descrição, ainda inédita, do funcionamento das partículas enunciativas. Ao lançar luz sobre esses elementos discursivos, esta pesquisa fornece subsídios valiosos tanto para a descrição linguística da língua quanto para a produção de materiais didáticos mais sintonizados com sua estrutura e com os modos de uso efetivos entre os falantes. Trata-se de uma contribuição direta ao fortalecimento do ensino da língua materna Sateré-Mawé nas escolas das comunidades da Terra Indígena Andirá-Marau. A sistematização dessas partículas também enriquecerá a *Satere Mawe Pusu Aḡkukaḡ* (gramática pedagógica do Sateré-Mawé), projeto já em andamento e de grande importância para a valorização da língua e para o fortalecimento da educação indígena em nossa terra.

Assim, esta pesquisa buscou responder às seguintes perguntas:

1. Que formas se caracterizam como partículas enunciativas em Sateré-Mawé?
2. Como funcionam essas formas?
3. Quais os significados enunciativos e pragmáticos dessas partículas?

Este estudo não apenas contribui para o fortalecimento da língua Sateré-Mawé, mas também destaca sua relevância para a linguística, enquanto resistência cultural, política e científica.

0.3 Objetivos

Ajumpe put'ok'e teran hap

Geral: propor uma análise das partículas enunciativas em Sateré-Mawé, a partir de um estudo descritivo.

Específicos:

- identificar as partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé;
- descrever o funcionamento morfofonológico das partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé;
- analisar o funcionamento enunciativo das referidas partículas e seus efeitos semântico-pragmáticos.

0.4 Organização desta dissertação

Motpāp ahytman hap

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos, além da introdução e das considerações finais. Cada capítulo é apresentado com título bilíngue — em português e em Sateré-Mawé — como forma simbólica de valorização da minha língua e cultura. Abaixo de cada título, é exibida uma representação visual do *puratiḡ*³, o remo sagrado do meu povo, no qual se encontra nossa escrita ancestral. Em um lado do remo, constam ensinamentos para alcançar coisas boas para o povo Sateré-Mawé. No outro lado, estão registrados eventos e experiências dolorosas que servem de lições. Ter o *puratiḡ* representado neste trabalho, que marca profundamente minha trajetória acadêmica, é de grande significado para mim. Ele simboliza as experiências boas e ruins que permeiam a nossa história, assim como as experiências que vivi ao longo desta jornada de formação.

O **capítulo 1** apresenta informações históricas, socioculturais e demográficas sobre o povo Sateré-Mawé, com o objetivo de contextualizar o estudo. São descritos os mitos de origem, a organização social baseada em clãs, a territorialidade e os processos de resistência frente às pressões externas, com destaque para a ocupação da Terra Indígena Andirá-Marau e os desafios contemporâneos enfrentados pelo grupo.

³ Essa palavra é composta por duas bases lexicais: *pura*, que se refere a um tipo de remo utilizado na fabricação de farinha, e *tiḡ*, que significa algo pintado, com diversos pontinhos, remetendo à nossa forma ancestral de escrita.

O **capítulo 2** oferece um panorama descritivo da língua Sateré-Mawé. São apresentados aspectos relevantes de sua estrutura linguística, incluindo o sistema fonológico, classes de palavras e outras particularidades gramaticais. O capítulo também menciona estudos anteriores, desde registros missionários até pesquisas acadêmicas recentes, com ênfase nas contribuições para o ensino e a documentação da língua.

O **capítulo 3** delinea o referencial teórico que fundamenta a análise das partículas enunciativas. O capítulo aborda quatro eixos principais: (i) os princípios do Funcionalismo Linguístico, (ii) os fundamentos da Teoria da Enunciação, (iii) os estudos sobre partículas enunciativas enquanto elementos morfossintáticos e pragmáticos, e (iv) a noção de focalização como estratégia discursiva. Esse referencial sustenta a descrição dos fenômenos observados no *corpus*.

O **capítulo 4** descreve os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. A investigação se insere na Linguística Descritiva, com abordagem qualitativa e orientação tipológica. São detalhadas as estratégias de coleta, seleção e análise de dados, bem como a constituição do *corpus*, composto por textos orais e escritos em língua Sateré-Mawé. O capítulo também descreve as fases da pesquisa: o início, o desenvolvimento e a análise.

Por fim, o **capítulo 5** apresenta a análise linguística das partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé. A partir do *corpus* coletado, foram identificadas e descritas partículas que ocorrem em diferentes tipos de enunciados: assertivos, diretivos e interrogativos. A análise examina suas funções enunciativas e pragmáticas, mostrando como essas formas linguísticas contribuem para a construção do sentido, para o posicionamento do locutor e para a organização da informação no discurso. Este capítulo inédito dá visibilidade a uma dimensão ainda pouco explorada da gramática das línguas indígenas, revelando a sofisticação dos mecanismos linguísticos usados pelos Mawé para interagir, argumentar e partilhar conhecimento.

CAPÍTULO I

NAÇÃO SATERÉ-MAWÉ // *SATERE-MAWE WANIA*



Neste capítulo, compartilho informações sobre o meu povo, com o objetivo de oferecer uma caracterização para aqueles que ainda não nos conhecem. Apresento a história e a cultura da Nação Sateré-Mawé, desde suas origens mitológicas em *Nusoken* até os desafios contemporâneos. Destaco a formação dos clãs, a conexão com o território sagrado e as migrações, além da nossa resistência em preservar as tradições. Também abordo a organização no nosso território atual e uma noção dos aspectos da vida cotidiana nas comunidades.

1.1 O surgimento da Nação Sateré-Mawé

Satere-Mawe wemoherep sa'awy hap

De acordo com o relato oral dos anciões Sateré-Mawé, o meu povo é originário de um local sagrado chamado *Nusoken*. Esse local era habitado por seres espirituais, chamados *Anumania* ('Os Deuses'). Em (no *Nusoken*) que nossos seres superiores conceberam os fundamentos de nossa sociedade, estabelecendo as bases fundamentais para nossa política, organização social, tecnologias e outros meios de subsistência.

Os principais seres superiores citados nos relatos que nos guiam e orientam são:

- Deus do sol - Wahui Wato;
- Deus do Puratiã - Wasiri;
- Mãe da Nação - Uniawasap'i;
- Deuses do timbó - Ñ osãp'ywakup, Uku wato;
- Deus do timbó mais novo - Uku muhup'i;
- Deus da inteligência - Hate'ywakup;
- Deus da arte - Nyiware'i;
- Deus da noite - Wahamkuri;
- Pai da água - Ihurutunuã;
- Deus do caminho - Moi'apehiã;

- Deusa do céu - Uniamag karu'i;
- Deusa da traição - Unia Mukueru'i;
- Deusa da terra - Uniamoire'i;
- Deusa da mandioca - Uniaweru'i;
- Deus do barulho - Mypynuḡ kuri;
- Deus dos clãs - Nēk'i;
- Novo Deus da água - Suriripakup;
- Deus pai da força - Huḡ kāt wato;
- Deus filho da força - Huḡ kāt'ywakup;
- Deus da mata - Sukareporan;
- Deus do fogo - Ariawāt;
- Deus do trovão - Nuwai-Nuwai;
- Deus do taruba - Ywakup.

Uniawasap'i é considerada a mãe fundadora da nossa nação, pois, segundo nossa mitologia, surgimos do filho dela (*Moikytpakup*). Essa origem aconteceu após a morte de *Moikytpakup*, assassinado a mando dos próprios tios que não o aceitavam. *Uniawasap'i* era uma curandeira com saberes profundos sobre plantas medicinais e cura. Quando seu filho morreu ela ficou arrasada e, com suas habilidades místicas, preparou o corpo dele com uma erva especial para o enterro. Passados alguns dias depois do sepultamento, algo extraordinário aconteceu: da sua cova começaram a surgir várias espécies de animais, até que, um dia, surgiu um menino, o Mari. Segundo os relatos dos mais velhos, é com esse menino que a história da minha nação tem início. Mari fundou a nossa primeira geração, conhecida nessa época mítica com seu próprio nome. Com o tempo, o grupo Mari foi se multiplicando, crescendo e assimilando outras nações, culminando na identidade atualmente conhecida como Sateré-Mawé.

Nusoken, o local sagrado de onde nossa nação Sateré-Mawé se originou, continua a ser um ponto de referência importante em nossas memórias. Os mais velhos, os pais e os líderes sempre falam de Nusoken, lembrando a todos que foi lá que os deuses míticos criaram o primeiro Sateré que é Mari, inventaram as artes e transformaram diversos elementos essenciais para nossa sobrevivência. A terra, a água, o timbó, a mandioca, o guaraná, os peixes, os animais, os rituais, o *puratiḡ*, a noite, o teçume, o fogo e tantos outros elementos foram moldados e abençoados por essas divindades, garantindo a prosperidade e a continuidade da nossa nação ao longo das gerações.

1.2 Clãs Sateré-Mawé

Satere-Mawe ywania ko'i

Segundo as narrativas dos nossos velhos, a origem dos clãs está relacionada a um período de ameaça constante pelo temível *awyato pot'u*, um animal onça, que comiam as pessoas e aterrorizava a comunidade Mari, forçando-os a fugirem e viverem escondidos.

Em meio a essa situação de perigo constante, apenas o *Nēk'i*, que estava doente com vários ferimentos, e seu amigo *Awaru*, do grupo papagaio, permaneciam na comunidade. Foi *Awaru* quem descobriu os planos do *awyato pot'u* de atacar *Nēk'i* assim que ele se recuperasse da doença e, logo, informou ao amigo. Diante desse desafio, *Nēk'i* demonstrou sua capacidade, inteligência e determinação ao planejar sua defesa e a defesa dos demais que os deixaram. Pensando no ataque anterior, lembrou-se de uma exigência do animal devorador: 'assim que o *Nēk'i* se recuperar, vou devora-lo e da próxima vez que eu vier, quero meu mingau pronto'. Então, *Nēk'i* preparou o mingau de tucupi, mas fez de um jeito que causasse sono bem profundo, preparou também um graveto afiado. Quando o animal chegou para atacá-lo, ele ofereceu o mingau, que logo fez o *awyato pot'u* dormir parcialmente, e em seguida, enfiou o graveto no ouvido dele, pondo fim ao tormento da nação.

Com a comunidade livre do perigo, *Nēk'i* decidiu organizá-la, chamando-os e denominando os grupos de famílias de acordo com os locais de seus esconderijos, ou seja, de acordo com suas casas, pois no princípio todos eram pessoas. Ou seja, os *satere*, os *sahu*, os *akuri*, etc. Eram todas pessoas, não animais ou plantas.

No quadro abaixo, apresento mais detalhados os grupos que foram salvos por *Nēk'i*, 20, dos quais foram nomeados com nomes de animais e 06, foram nomeados com nomes de plantas:

Quadro 1: Clãs Sateré-Mawé

	Subgrupos	Locais de esconderijos
	Largata de fogo - <i>Satere</i>	Escondia-se no buraco de uma árvore <i>satere</i>
	Gavião - <i>Hywi</i>	Escondia-se no ninho do gavião real
	Tatu - <i>Sahu</i>	Escondia-se no buraco do tatu
	Cutia - <i>Akuri</i>	Escondia-se na casa das cutias (buraco de pau)
	Inambú - <i>Urūt'i</i>	Escondia-se atrás de uma árvore de inambú
	Caba - <i>GAp</i>	Escondia-se na casa das cabas
	Cobra - <i>Moi</i>	Escondia-se na casa das cobras

Animais	Mosca - <i>Meiru</i>	Escondia-se na casa das moscas
	Abelha - <i>Awi'a</i>	Escondia-se na casa das abelhas
	Formiga - <i>Sari</i>	Escondia-se na casa das formigas
	Tamanduá bandeira - <i>Himpa</i>	Escondia-se na casa dos tamanduá bandeira
	Onça - <i>Awyato</i>	Escondia-se na casa das onças
	Pássaro preto - <i>AjUntu</i>	Escondia-se na casa dos pássaros pretos
	Macaco da noite - <i>Ypara</i>	Escondia-se na casa dos macacos da noite
	Rolinha (pássaro) - <i>Myryhu</i>	Escondia-se na casa dos pássaros rolinhos
	Peixinho - <i>Wēri</i>	Escondia-se na casa dos peixinhos
	Rato grande - <i>Hapiri Wato</i>	Escondia-se na casa dos ratos grandes
	Guariba - <i>Awyky</i>	Escondia-sena casa das guaribas
	Morcego - <i>Haki'i</i>	Escondia-sena casa dos morcegos
	Urubu - <i>Hikuru</i>	Escondia-sena casa dos urubus,
Plantas	Açaí - <i>Wasa'i</i>	Escondia-se na casa do açaí (na toiceira)
	Guaraná - <i>Warana</i>	Escondia-se embaixo das ramas do guarana
	Pimenta - <i>Musē</i>	Escondia-se na casa das pimentas
	Ingá - <i>Mokiu</i>	Escondia-se na casa dos ingás
	Flexa- <i>Ūwa</i>	Escondia-se na casa das flexas
	Buruti- <i>Paiaria</i>	Escondia-se na casa dos buruti

Fonte: própria.

Nosso sistema de clãs é uma parte muito importante da nossa organização social tradicional. Por isso, uma das regras fundamentais que governam nossas relações é a proibição do casamento entre membros do mesmo clã. Quando os jovens Sateré-Mawé expressam interesse em casamento, é uma prática comum que os pais orientassem seus filhos (as) a descobrirem primeiro a qual clã pertence o interessado. Os pais não aceitam o casamento entre membros do mesmo clã, pois reconhecem que, de acordo com nossa cultura, isso seria equivalente a casar-se com um membro da mesma família, ou seja, de pai e da mãe. Assim, um jovem do clã Sateré-Mawé, em geral, não será aceito em casamento por outro membro do mesmo clã, mas estará livre para unir-se a alguém de outro clã.

1.3 Nusoken, nosso Território Sagrado

Urue'yi miky'e sēse Nusoken

Antes da chegada dos colonizadores europeus nas Américas, nós, os Sateré-Mawé, já habitávamos nosso primeiro território sagrado, o *Nusoken*.

Os mais velhos Sateré-Mawé dizem que esse território ficava numa região muito bonita, à esquerda do rio Tapajós. Suas comunidades eram situadas no centro da mata, geralmente, próximo às nascentes dos rios. Lá havia uma floresta densa, muito viva e muitas pedras que respiravam e falavam, as quais originaram o nome do território: *Nu* que significa pedra e *oken* que significa terreiro. Nesse lugar havia bastante animais (de várias espécies) e muitas plantas, que deram origem aos nossos clãs.

Infelizmente, mortes e desgraças arruinaram Nusoken e seus membros, provavelmente com a chegada dos colonizadores. Alguns registros indicam que por volta de 1669, nossa nação foi contatada por homens brancos. Dizem que esse contato ocorreu principalmente com a chegada das missões jesuíticas portuguesas, que vieram nos catequizar, assim como ocorreu com outras nações indígenas. Esse período marcou o início de uma série de desafios e tragédias para nossa nação, incluindo a perda de muitos líderes e membros das nossas famílias, pois o contato/conflito trouxe além da propagação da fé cristã, doenças, violência e afetou, também, nossa autonomia e identidade cultural. Os missionários exerceram um impacto significativo em nossas vidas, influenciando não apenas nossas crenças religiosas, mas também nossas estruturas sociais e políticas.

Diante desse cenário, minha nação foi forçada a tomar uma decisão difícil: deixar seu lar ancestral em busca de um novo território, onde pudessem encontrar mais paz e segurança. Então, as famílias foram refugiando-se na mata, seguindo a sabedoria de assentar as comunidades, próximo às nascentes dos rios. Embora tenha perdido uma parte muito importante do território, essa migração também reflete a resistência e a determinação da nossa nação em buscar alternativas para se manter vivo.

Hoje, apesar de todas as violências sofridas e de todos os impactos negativos do contato, ou melhor, do conflito, mantemos fortes relações espirituais com a nossa origem. É por isso que, hoje, continuamos vivenciando a nossa cultura (a partir de várias práticas), falamos e escrevemos na nossa língua. Muitos saberes e práticas foram, certamente, ressignificados (reinterpretados, adaptados), pois como dizem alguns antropólogos, as vezes para que patrimônios imateriais não desapareçam é necessário resignificá-los. Sem essa forte relação com nossa origem, sem referências como a das pedras resilientes e maleáveis do *Nusoken*, talvez, já teríamos quebrado e desaparecido pelos ataques de novos *awyato pot'u*.

1.4 Área Cultural Tapajós-Madeira e o *Nusoken*

Nusoken, Tapajós-Madeira irania'in weine'en hap

Os anciões contam que, após deixarem Nusoken (território de origem), nossos ancestrais ocuparam uma vasta área na região do médio rio Amazonas, especificamente na Área Cultural Tapajós-Madeira. Essa região é delimitada ao norte pelas Ilhas Tupinambaranas e ao sul pela área das cabeceiras do rio Tapajós. Esses relatos ancestrais, coincidem com os registros deixados por viajantes europeus, que também mencionaram a presença da minha nação nessa região.

Nossos velhos dizem que meus ancestrais viveram nessa área cultural, até a revolta da *Cabanagem*. A entrada de negros nas comunidades para se esconder, fez com que muitos parentes fossem punidos. Uma dessas punições, envolveu convencer os pais a permitirem que seus filhos fossem estudar na cidade, com a promessa de que, quando concluíssem os estudos, eles retornariam para as comunidades. No entanto, os jovens nunca retornavam. Na verdade, eram assassinados durante a viagem, sendo colocados em sacos, com a boca amarrada, e jogados no rio.

Quando os colonizadores retornavam à comunidade para levar mais jovens, mentiam para as famílias, dizendo que os anteriores estavam estudando bem. Isso, era apenas para repetirem o mesmo processo e matarem mais jovens Sateré-Mawé. Essa foi uma estratégia cruel para enfraquecer gradualmente minha nação. A verdade veio à tona quando um dos jovens conseguiu escapar e contou o que estava acontecendo. Furiosos, pais e lideranças e todos da comunidade decidiram se unir aos cabanos, juntamente com os Munduruku, os Mura e outras nações ribeirinhas do Tapajós-Madeira, contra os colonizadores brancos.

Após a Cabanagem, muitas nações originárias foram brutalmente forçadas a abandonar suas terras por meio da violência e da exclusão. Meus antepassados Sateré-Mawé buscaram refúgio na região de Andirá-Marau, situada na divisa entre o Amazonas e o Pará. O rio Andirá, que atravessa a Terra Indígena, recebeu esse nome devido à grande quantidade de morcegos, chamados de Andirá. Da mesma forma, o rio Marau foi assim denominado por abrigar uma abundância de sapos conhecidos como Marau. É nessa região que permanecemos até hoje, mantendo viva nossa história e nossa cultura.

1.5 Andirá-Marau, nosso território atual

Korã wuat urue'yi Haki'i-Marau ehap

A Terra Indígena Andirá-Marau é atravessada pelos rios Andirá, Marau, Miriti, Urupadi, Manjuru, Waikurapá, além de vários igarapés e afluentes. Dentro dessa área, encontra-se comunidades, roças, cemitérios, campinas grandes, áreas de caça, locais de pesca e uma grande variedade de frutas silvestres, além de plantas nativas de guaraná. Devido à abundância de guaraná, os sábios dizem que essa terra é do guaraná e nela nascerão muitos Sateré-Mawé que cuidarão dela com a sabedoria herdada dos nossos ancestrais (Mendonça; Lorenz, 2023, p. 13-14).

Conforme Teixeira (2005, p. 23), as primeiras comunidades da região Andirá- Marau, se estabeleceram nas cabeceiras dos rios. Os antigos povoados de Araticum Velho e Terra Preta, foram os centros originais, que deram origem às diversas comunidades, ao longo do rio Andirá. Já a antiga comunidade Marau Velho, serviu como ponto de disseminação para as comunidades, formadas ao longo dos rios Marau, Manjuru, Urupadi e Miriti. Atualmente, essas comunidades já não existem mais. Segundo relatos de anciãos Satere, as comunidades localizadas próximas aos antigos A Terra Indígena Andirá-Marau é atravessada pelos rios Andirá, Marau, Miriti, Urupadi, Manjuru, Waikurapá, além de vários igarapés e afluentes. Dentro dessa área, encontra-se comunidades, roças, cemitérios, campinas grandes, áreas de caça, locais de pesca e uma grande variedade de frutas silvestres, além de plantas nativas de guaraná. Devido à abundância de guaraná, os sábios dizem que essa terra é do guaraná e nela nascerão muitos Sateré-Mawé que cuidarão dela com a sabedoria herdada dos nossos ancestrais (Mendonça; Lorenz, 2023, p. 13-14).

Conforme Teixeira (2005, p. 23), as primeiras comunidades da região Andirá-Marau, se estabeleceram nas cabeceiras dos rios. Os antigos povoados de Araticum Velho e Terra Preta, foram os centros originais, que deram origem às diversas comunidades, ao longo do rio Andirá. Já a antiga comunidade Marau Velho, serviu como ponto de disseminação para as comunidades, formadas ao longo dos rios Marau, Manjuru, Urupadi e Miriti. Atualmente, essas comunidades já não existem mais.

Segundo relatos de anciãos Satere, as comunidades localizadas próximas aos antigos locais de Araticum Velho, Terra Preta e Marau Velho “guardam melhor as tradições milenares da nação Satere-Mawé, quando comparadas às comunidades mais próximas das cidades”.

Por muito tempo, minha nação viveu na Terra Indígena Andirá-Marau sem que suas

fronteiras fossem oficialmente demarcadas. Esse processo de demarcação só teve início em 1978, graças à parceria com a antropóloga Sônia Lorenz, do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), e com membros do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Antes da demarcação, enfrentamos inúmeras invasões. Exploradores das chamadas *drogas do sertão* extraíam recursos como pau-rosa, madeiras nobres e látex das seringueiras. Durante esse período, uma empresa francesa realizou pesquisas em busca de petróleo. Também surgiu a ameaça da construção de uma estrada ligando Maués a Itaituba, que atravessaria nosso território.

Diante dessas ameaças, nossa nação, sob a liderança dos tuxauas Donato Lopes da Paz, do clã Açai (*Wasa'i*), da região do Andirá (Barreirinha-AM), e Emílio Tibúrcio Neto, do clã Sateré (*Ut*), da região do Marau (Maués-AM), convocou um grande encontro. Em 1985, na comunidade Simão, residência do tuxaua Donato, reuniram-se todas as lideranças para debater estratégias e adotar medidas de proteção do território. Esse encontro foi um marco na luta pela preservação de nossas terras e nossa autonomia.

A demarcação da terra era o que todos queriam, então, a luta para isso começou. Na ocasião, foram escolhidas as lideranças que conduziriam todo o processo. Por unanimidade, foram escolhidos o tuxaua geral Donato Lopes da Paz e Emílio Tibúrcio Neto. Decidiu-se também que uma delegação iria até Brasília para dialogar com o presidente da Funai, com o senhor general Ismarth Araújo de Oliveira. Essa viagem foi organizada e custeada pela Funai local, liderada pelo chefe de PIN-Andirá, município de Barreirinha-AM, senhor Pedro de Paula Ramos, sem o consentimento do delegado da Funai regional de Manaus, senhor delegado Kasuto Cavamoto. Ao chegarem no gabinete do presidente, as lideranças explicaram os motivos de sua visita e, após uma longa discussão, o presidente da Funai Geral acatou todas as reivindicações e enviou equipes para iniciar o processo demarcatório.

Depois de mais de cinco anos de luta, a Terra Indígena Andirá-Marau, teve seu processo de demarcação concluído. Isso aconteceu principalmente devido ao interesse, as parcerias, principalmente com CIMI e a luta incansável das lideranças do meu povo. Em 06 de agosto de 1986, a demarcação foi homologada e registrada no Cartório de Registro de Imóveis (CRI) e na Secretaria de Patrimônio da União (SPU). A área total da Terra Indígena Andirá-Marau é de 788.528 hectares, abrangendo os municípios de Barreirinha, Maués e Parintins no estado do Amazonas, e os municípios de Aveiro e Itaituba no estado do Pará.

O mapa, a seguir, ilustra nosso território em relação aos municípios vizinhos.

Ilustração 1: Terra Indígena Andirá-Marau



Fonte: Portal dos Filhos do Waraná (s.d.).

Após a demarcação do nosso território, as lideranças Sateré-Mawé estabeleceram uma estrutura organizacional para a gestão e desenvolvimento da nossa TI. Sob a liderança do tuxaua geral José Miquiles, conhecido como Zuzu, em 15 de setembro de 1987, foi fundado o Conselho Geral da Tribo Satere-Mawé (CGTSM). Este conselho foi criado com o objetivo de representar politicamente a nação Sateré-Mawé e desenvolver projetos de desenvolvimento socioeconômico, principalmente.

Um dos marcos mais significativos para o fortalecimento da nossa nação foi o lançamento, em 1993, do Projeto Integrado de Etnodesenvolvimento da Nação Sateré-Mawé — o *Projeto Warana*. Desenvolvido pelo CGTSM, em parceria com seus assessores e com o Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé, esse projeto tem como objetivo não apenas promover a produção de guaraná para o consumo interno, mas também sua comercialização no mercado nacional e internacional, garantindo uma fonte de renda sustentável para os produtores.

Mais recentemente, em 2014, demos mais um passo importante na gestão do nosso território. No âmbito da Chamada Pública de Apoio à Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas (PNGATI) do Fundo Amazônia/BNDES, foi aprovado o projeto *Consolidando a Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas*, coordenado pelo Centro de Trabalho

Indigenista (CTI) com o apoio do CGTSM. O projeto visou promover a gestão territorial e ambiental sustentável, contribuindo para a redução do desmatamento por meio da elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) da Terra Indígena Andirá-Marau.

Concluído em 2023, o Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) foi nomeado *Yi Esaikāp* ('A força do nosso território') e tem como objetivo central proteger e gerir os recursos naturais e a biodiversidade de nosso território, guiando-se pelos princípios e saberes ancestrais da nação Sateré-Mawé. O plano já foi impresso e está em fase de distribuição para as comunidades. Sua finalidade é atuar como um instrumento de conscientização, incentivando toda a população Sateré-Mawé a compreender e valorizar a preservação e o cuidado com a T.I. Andirá-Marau, honrando o legado deixado por nossas lideranças ancestrais.

A foto a seguir, mostra a entrega do plano de gestão *Yi Esaikāp*, na região do Marau.

Ilustração 2: Foto da distribuição do PGTA no Marau



Fonte: Jefé Michiles (2024).

1.6 População Sateré-Mawé

Sateré-Mawé typy'i hap

Comparando dados atuais com anteriores da população da minha nação, observamos que ela aumentou bastante. Em 1987, a estimativa era de quase 5 mil pessoas (Lorenz, 1992) e hoje, somos mais de 17 mil Sateré-Mawé (DSEI/Parintins, 2023).

Os dados do quadro abaixo dão melhor detalhes da nossa população atual, mostrando os números das comunidades e pessoas por região da T.I Andirá-Marau.

Quadro 2: População Sateré-Mawé

Região	Nº de Comunidades	Nº de Sateré-Mawé
Andirá	66	7.890
Marau	54	7.947
Waikurapá	07	979
Mamuru	03	163
Boa Vista do Ramos	02	324
Total	132	17.303

Fonte: própria, com base em fontes obtidas no DSEI Parintins-AM em 2023.

Na região de Andirá (Barreirinha-AM), há 66 comunidades habitadas por 7.890 pessoas. Na região do Marau, (Maués-AM) há 54 comunidades com uma população de 7.947 indivíduos. Já na área de Waikurapá, (Parintins-AM) existem 07 comunidades com 979 pessoas. Em Boa Vista do Ramos, existem duas comunidades com 324 pessoas. Por fim, na região do Mamuro, fundaram 03 comunidades com 163 pessoas.

1.7 Organizações Sociais Sateré-Mawé

Satere-Mawe werohik kuap hap ko'i

Várias foram as organizações sociais criadas em nossa TI Andirá-Marau, com a finalidade de lutar por nossos direitos. Para educação, em 1989, foi criada a Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé (OPISM) foi estabelecida para promover a educação escolar diferenciada em todo o território. Essa organização foi criada na Escola Agrícola São Pedro, atual Escola Indígena São Pedro, que fica localizada na região do rio Andirá, município de Barreirinha-Amazonas. O objetivo desta era reivindicar, representar e gerenciar os projetos de educação escolar Sateré-Mawé da região do Andirá e do Marau. Os primeiros coordenadores da OPISM foram os professores Álvaro Carvalho da Silva, da comunidade Ponta Alegre, rio Andirá, que exerceu essa função de 1989 a 1990; Em seguida, assumiu a coordenação da OPISM, o professor Lúcio Ferreira Menezes, também da comunidade Ponta Alegre (1991-1992).

No entanto, devido à grande área geográfica da TI Andirá-Marau e pelo fato dessa área pertencer administrativamente a diferentes municípios, houve um consenso para se criar

uma organização por região, pois tornou-se impossível uma única organização, a OPISM, representar os professores Sateré-Mawé em todos os municípios. Os professores dos rios Marau-Urupadi, pertencentes ao município de Maués (AM), criaram, então, a Associação dos Professores dos rios Marau, Urupadi e seus afluentes (WOMUPE - Wo'omū'e Marau, Urupadi Piaria Esaikāp). Então, em 1998, na comunidade Nossa Senhora de Nazaré, rio Marau, município de Maués- Amazonas, houve uma assembleia para criação da Associação WOMUPE. O primeiro presidente, que a coordenou por dez anos, foi o professor e atual tuxaua Bernardo Alves, da comunidade Terra Nova, rio Marau. Em seguida, atuaram como coordenadores da WOMUPE os professores indígenas Euzébio José Torquato, Jesiel Santos dos Santos e José Bota. Atualmente, o professor Edson dos Santos de Oliveira, da comunidade Vila Nova II, rio Marau, exerce a função de presidente da WOMUPE.

Em 2002, durante o Curso de Formação de Professores Indígenas (Pira-Yawara-SEDUC, AM), os professores das regiões do rio Andirá (Barreirinha-AM) e do rio Waikurapá (Parintins-AM), criaram a OPISMA (Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá), para representá-los. Fez-se, então, uma assembleia para discutir o estatuto da OPISMA e eleger seu coordenador. O professor Manoel Caetano Batista Neto, da comunidade Araticum Novo, rio Andirá, foi eleito, então, como coordenador e exerceu essa função até 2005. Em 2005, foi eleito o professor Nek'i José de Oliveira dos Santos Silva, para assumir a coordenação da OPISMA, o qual exerceu essa função de 2006 a 2013. Durante a gestão do professor Nek'i, foi regularizada toda a documentação da OPISMA (Estatuto, etc.) e vários projetos foram desenvolvidos na área da educação, voltados para o fortalecimento da língua e dos saberes tradicionais. Para gerenciar esses projetos, instalou-se, com o apoio da Diocese de Parintins, um pequeno escritório da OPISMA nessa cidade. OPISMA fez o primeiro Projeto “Revitalização da Língua e de Práticas Culturais Tradicionais Sateré-Mawé” financiado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF. Também a organização ganhou um prêmio do Ministério da Cultura através de Prêmio Culturas Indígenas. Com esse prêmio foi construído uma sede da organização denominado *MUSUEMPO*, que significa local de adquirir conhecimentos para o trabalho. Em 2014, o professor Euro Alves foi eleito como coordenador dessa Instituição. E ultimamente, o professor Elizandro Barbosa que está assumindo a coordenação.

A Educação Escolar Indígena em nosso território é, em grande parte, concentrada no Ensino Fundamental I e II, com poucas escolas oferecendo Ensino Médio mediado por tecnologia. Embora a legislação assegure uma educação diferenciada, bilíngue e de qualidade

para os povos indígenas, a realidade evidencia que ainda há muito a ser alcançado. Faltam ações concretas e eficazes por parte dos órgãos municipais e estaduais para garantir o pleno cumprimento dessas normas. Os materiais didáticos, em sua maioria provenientes do MEC, não contemplam as especificidades culturais e pedagógicas dos alunos e professores Sateré-Mawé. Além disso, as condições físicas das escolas são precárias: os prédios e o mobiliário frequentemente não são adequados à nossa realidade e, em algumas comunidades, sequer existem estruturas escolares, comprometendo o direito a uma educação inclusiva, relevante e culturalmente respeitosa.

Na área da saúde, a Organização dos Agentes Indígenas de Saúde Sateré-Mawé (OASISM) foi criada com objetivo de para buscar melhores serviços de saúde em todo território. Mas também devido à grande área geograficamente impossível de atender todas as áreas e as demandas da saúde Sateré-Mawé, houve um consenso entre as duas regiões para criar uma organização por região. Então, criou-se para os Agentes Indígenas de Saúde do Marau – MOMUPE (*Mohañnuñ haria Marau, Urupāt'i Piaria Esaikāp*), a Associação dos Agentes Indígenas de Saúde. E no Andirá, continuam com a Organização dos Agentes Indígenas de Saúde Sateré-Mawé (OASISM).

A saúde indígena Sateré-Mawé na Terra Indígena Andirá-Marau é de responsabilidade da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), em parceria com o Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI). Para facilitar o atendimento, foram implantados polos-base em cada região da TI Andirá-Marau, onde profissionais de saúde prestam assistência à nossa população.

Na região do Andirá, município de Barreirinha (AM), foram estabelecidos cinco polos-base nas comunidades de Ponta Alegre, Araticum Novo, Umituba, Vila Nova I e Kuruatuba. Na região do Marau, município de Maués (AM), existem quatro polos-base localizados nas comunidades de Vila Nova II, Santa Maria, Nova Aldeia e Nova Esperança. Já na região de Waikurapá, município de Parintins (AM), foi implantado um polo-base na comunidade São Francisco.

Em casos de acidentes graves, o atendimento de primeiros socorros é realizado por transporte fluvial (foto 3) ou aéreo (foto 4), garantindo a remoção dos pacientes para hospitais nas cidades mais próximas, onde recebem os cuidados e tratamentos necessários.

Ilustração 3 e 4: fotos da voadeira e helicóptero usados para casos de emergência



Fonte: Fotos tiradas pelo Agente de Saúde Sateré-Mawé, Marcos Santana Paixão em 2024.

Os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e os Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN) são escolhidos pela própria comunidade e contratados pelo órgão responsável vinculado ao DSEI/Parintins.

Tradicionalmente, o povo Sateré-Mawé recorre ao pajé, às parteiras e aos puxadores de osso para tratar doenças que estão sob a competência desses profissionais tradicionais. No entanto, em algumas comunidades, a valorização desses saberes tem diminuído devido à interferência de algumas igrejas, que acabam desvalorizando práticas de cura ancestrais.

Quando deixamos Nusoken, nosso povo buscava paz, tranquilidade e a segurança de um ambiente livre de violência. No entanto, continuamos enfrentando desafios desse tipo. Apesar de termos nosso território demarcado e o respaldo de organizações governamentais para garantir esse direito, somos constantemente ameaçados. Muitos “predadores” (como *awyato pot’u*) atacam nossa saúde, nossa vida e nossos saberes tradicionais, como os estereótipos, álcool e drogas (principalmente entre os mais jovens) e doenças vindas das cidades próximas ao nosso território. Isso gera graves problemas sociais aos Sateré-Mawé.

Para minimizar alguns problemas, estão sendo implementadas barreiras sanitárias de monitoramento na entrada de nossa Terra Indígena (TI). Um exemplo já em funcionamento é a Base Sanitária de Monitoramento do Marau, implantada com o apoio da Igreja Católica e de ONGs, conforme ilustrado na foto a seguir:

Ilustração 5: foto da Base Sanitária de Monitoramento do Marau



Fonte: Humbernison, 2024.

Na região do Andirá, a instalação de uma barreira sanitária semelhante está em andamento, e as lideranças já planejam implementar outra na região de Waikurapá.

1.8 Comunidades Sateré-Mawé

Satere-Mawe etāma ko'i

As comunidades Sateré-Mawé estão localizadas em áreas de terra firme, onde a água não alcança em período de cheia/enchente. Nessas localidades há duas espécies de palmeiras são predominantes para a construção das coberturas das casas: *caranã* e *palha branca* (guia de babaçú). Nas regiões próximas ao rio Andirá (Barreirinha-AM) as famílias geralmente utilizam o *caranã* para fazer as coberturas de suas casas, devido à abundância desse material na área. Por outro lado, nas proximidades do rio Marau (Maués-AM), as famílias utilizam a guia de babaçú para suas coberturas, conforme ilustram as fotos abaixo.

Ilustração 6: cobertura de casa com caranã da região do Andirá



Fonte: Sandro Romualdo da Paz (2024).

Ilustração 7: cobertura de casa com palha branca da região do Marau



Fonte: Euzébio José Torquato (2024).

Atualmente, devido ao constante contato dos Sateré-Mawé com o mundo ocidental, muitas famílias decidem usar telhas de *brasilite* para cobrir suas casas, apesar do aumento da temperatura interna. Apesar da praticidade, esse uso traz impactos negativos aos conhecimentos tradicionais de tecelagem e várias técnicas, como o amarril das casas, transmitidos ao longo das gerações.

A foto a seguir, ilustra uma casa com cobertura de *brasilite*.

Ilustração 8: cobertura de casa com telha *brasilite*



Fonte: Sandro Romualdo da Paz (2024).

Embora a vida nas comunidades não seja exatamente como sonharam nossos ancestrais — livre de perseguições e violência —, tentamos viver bem em nossa terra. Nosso dia começa cedo, com o ritual de ir ao rio ou igarapé tomar banho, um gesto que simboliza a busca por saúde e renovação. Após o banho, compartilhamos (em família) a refeição da manhã, e cada um segue para suas atividades.

Grande parte das famílias se dedica ao cultivo de guaraná, tubérculos e frutas, além da produção de farinha, beiju e outros alimentos à base de mandioca. Nos últimos tempos, algumas famílias passaram a criar galinhas, enquanto a caça e a pesca continuam sendo práticas essenciais, com vários caçadores e pescadores nas comunidades.

Além dessas atividades tradicionais, alguns membros desempenham funções assalariadas, como professores e agentes de saúde indígena, entre outros. Muitos idosos recebem aposentadoria, e, ao final de cada mês, viajam até a cidade para sacar o benefício e adquirir alimentos nos supermercados, complementando o sustento familiar.

1.8.1 Rituais e festividades

Seko k̄y'e'i ko'i hapwyi wepīt wato ko'i

Temos muitos dias festivos que celebram nossas tradições culturais e religiosas. As festas tradicionais, em especial, estão ligadas aos rituais, como os de passagem para a vida adulta e o do *Wara*.

O ritual do *Womat*, conhecido como “Festa da Tucandeira” marca a transição dos meninos Sateré-Mawé para a fase adulta. Durante o rito, os meninos usam luvas feitas de fibras vegetais (caranã e flexa), recheadas com formigas tucandeiras (*unia magkut'i kyt'i, uniamatyamaigperia*), cujas ferroadas são intensamente dolorosas. O ritual é acompanhado por danças e cantos tradicionais e exige que o participante suporte as ferroadas sem demonstrar fraqueza. A iniciação pode começar a partir dos 12 anos, quando o menino expressa seu desejo de participar e só se completa após passar por 20 rituais consecutivos. Caso interrompa o ciclo, acredita-se que o jovem sofrerá consequências graves, como fraqueza física ou doença. Ao concluir essa jornada, o jovem é reconhecido como um membro maduro, pronto para desempenhar papéis importantes, como ser um caçador habilidoso, um pai dedicado e um defensor dos valores comunitários.

O ritual das mulheres, conhecido como *Moça-Nova* (*maratkag'i*), marca a transição para a vida adulta, simbolizando a preparação da jovem para seus papéis sociais na

comunidade. Ao término do período de resguardo da primeira menstruação, que dura cerca de 90 dias, a jovem passa por um processo de transformação simbólica: seu corpo é arranhado dos pés à cabeça com um dente de paca (macho jovem) e seu cabelo é cortado pela anciã responsável pelo ritual. Esse ato, segundo nossa tradição, purifica o corpo ao eliminar o “sangue ruim” e a preguiça. Após os arranhões, a anciã aplica uma mistura de mangarataia e catauri nas feridas para acelerar a cicatrização. Em seguida, a jovem é levada à roça para catar mandioca, momento em que deve suar intensamente, reforçando sua disposição para o trabalho. Esse ritual representa não apenas a transição física, mas também o compromisso com responsabilidades futuras, como o cuidado com a família, destacando a prontidão da jovem para os deveres matrimoniais e comunitários.

O ritual do *Wara*, ligado ao cultivo e consumo do guaraná, é profundamente enraizado em nossa cultura e permeado por significados simbólicos. Esse processo não se limita à produção agrícola, mas envolve uma série de rituais sagrados, incluindo a preparação da bebida cerimonial chamada *çapó*. A confecção do *çapó* segue protocolos rigorosos e requer grande respeito, por exemplo, ao ralar o guaraná na água, a mulher simbolicamente “escreve” a sabedoria transmitida pelas lideranças e anciãos do povo Mawé. O guaraná ralado no *patawi*, uma espécie de taça feita com doze talas de inajá, representa a essência do conhecimento necessário para liderar e organizar o povo. O *patawi*, além de ser um recipiente ritual, simboliza proteção, funcionando como um escudo contra os maus olhados e energias negativas.

Ainda sobre festas tradicionais Sateré-Mawé, também dançamos o *maiã-maiã*, uma dança tradicional que imita os movimentos de diversos animais (como borboletas, macacacos, pássaros jurutis, gavião e cobras-sucuriu) e a natureza (como o vento). Essa dança expressa nossa conexão com a natureza e simboliza a harmonia entre os seres vivos.

As festas religiosas em nosso território estão relacionadas às atividades realizadas pelas igrejas cristãs, atualmente representadas por 21 igrejas católicas e 23 evangélicas. As igrejas católicas celebram os santos(as) padroeiros das comunidades, seguindo o modelo das festividades das comunidades católicas não indígenas. Já as igrejas evangélicas realizam cultos, estudos bíblicos e reflexões em grupo, promovendo sua fé.

Essas festas — sejam elas tradicionais ou religiosas — proporcionam uma significativa interação entre os Sateré-Mawé, já que pessoas de diferentes comunidades participam ativamente. Mais do que momentos de celebração, esses encontros servem como oportunidades de atualização sobre os acontecimentos na Terra Indígena, reforçando os laços sociais e comunitários.

1.8.2 Comunicação e Tecnologia

Sehay porerokosap hap hapwyi kare'en ko'i

No que diz respeito à comunicação, temos utilizado diferentes meios que evoluíram ao longo dos anos. Até recentemente, o principal recurso de comunicação era o aparelho *rádio-fonia* (foto 9), usado tanto para a comunicação entre as comunidades quanto para contato com a cidade. Em seguida, foram instalados telefones públicos em alguns polos, e, mais tarde, adotamos *rádios comunicadores* (foto 10), que funcionam por ondas eletromagnéticas.

Ilustração 09 e 10: Radiofonia e rádio comunicador



Fonte: própria.

Há cerca de quatro anos, a internet chegou à nossa Terra Indígena (TI). Embora ainda não disponhamos de sinal de celular, usamos aplicativos de mensagens como *WhatsApp* e *Telegram* por meio de celulares conectados à rede. Notamos uma preferência pelo uso dos rádios comunicadores e das mensagens de voz nesses aplicativos, já que, de modo geral, preferimos falar a escrever. A comunicação ocorre frequentemente em nossa língua materna, o que é extremamente valioso. Essa prática mantém viva a oralidade, um elemento importante para fortalecer e preservar tanto nossa língua quanto nossa identidade cultural.

1.8.3 Rádio comunitária Satere-Ty

Sehay'a torania wat Satere ty

Em 2021, inauguramos nossa rádio comunitária *Satere-Ty* (“mãe do sateré”), com o apoio da Igreja Católica. A programação é bilíngue e abrange uma variedade de temas, como utilidade pública, saúde, educação, meio ambiente, religião, língua, identidade e cultura Mawé, além de notícias sobre outros povos indígenas. O uso das línguas varia conforme o tema:

quando o conteúdo está relacionado ao universo Mawé, utiliza-se a língua materna; quando diz respeito ao mundo externo, utiliza-se o português, e, em algumas situações, ambas as línguas.

Apesar do impacto positivo, o projeto ainda enfrenta desafios financeiros que limitam as condições de trabalho e a produção de conteúdo. São necessários investimentos, por exemplo, em energia solar, devido à precariedade do fornecimento de energia elétrica nas Terras Indígenas, e na produção de músicas na língua Sateré-Mawé, que conta com vários compositores talentosos. Além disso, é necessário contratar recursos humanos para enriquecer a programação, fortalecendo, de forma concreta, a identidade cultural e a autonomia do nosso povo.

Neste capítulo, apresentei informações que proporcionam uma visão sobre minha nação indígena, destacando nossa resistência e resiliência frente aos desafios impostos pela colonização, bem como pelas pressões externas atuais, como a modernização e os problemas socioambientais.

No capítulo seguinte, apresentamos algumas características da língua Sateré-Mawé, de acordo com estudos já realizados sobre essa língua, as quais fazem parte de uma gramática pedagógica escrita em Sateré-Mawé, elaborada por nós, professores indígenas, com a assessoria da profa. Dulce Franceschini, no âmbito de um projeto desenvolvido entre 2004 e 2006, com o apoio da FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas). Essa gramática foi publicada e é usada como material de apoio para o ensino da língua Sateré-Mawé nas escolas da T.I. Andirá-Marau.

CAPÍTULO II

A LÍNGUA SATERÉ-MAWÉ // *SATERE-MAWE PUSU*



As línguas são muito mais do que ferramentas de comunicação, elas constituem modos de existir e compreender o mundo. Conforme Krenak (2024), a língua é uma tecnologia de sobrevivência, capaz de criar mundos e, pode-se dizer, de ver o mundo. É a partir de nosso referencial cultural, representado e organizado através de nossas línguas, que vemos e interpretamos o mundo. Nesse sentido, a língua Sateré-Mawé se destaca como uma expressão viva da resistência cultural e identitária dos Mawé, que continuam vivendo com sua língua após mais de 400 anos de contato.

Este capítulo tem o objetivo de apresentar algumas das características da língua do meu povo, que são importantes para um estudioso dessa língua e também permitem ao leitor conhecer um pouco da especificidade do sistema linguístico do Sateré-Mawé.

2.1 A língua Sateré-Mawé

Satere-Mawe pusu

Os povos indígenas, tradicionalmente, não possuem sistemas de escrita desenvolvidos. Eram considerados ágrafos. A transmissão do conhecimento para as crianças era feita principalmente por meio da oralidade, através da narração de histórias e mitos. Para promover uma educação mais eficaz, o letramento, juntamente com todas as etapas do processo de ensino e aprendizagem, deve ser construído levando em consideração a cultura e a tradição desses povos como base. Por essa razão, é essencial valorizar a tradição oral nas escolas indígenas. Uma estratégia enriquecedora é envolver membros da própria comunidade, na sala de aula, para compartilhar suas histórias (Grupioni, s.d), pois somos nações da oralidade, não podemos nos deixar silenciar pelo poder da escrita, mas devemos dominar os dois mundos tanto o da oralidade, quanto o da escrita, em qualquer espaço em que vivermos.

Apesar disso, nós, Sateré-Mawé, consideramo-nos como nação que já teve uma escrita, pois temos o *Puratiã*, no qual foram registrados os acontecimentos do bem e do mal. Esse

Puratiã, era lido e interpretado pelos nossos anciões. Nossa história era registrada pelos nossos ancestrais neste remo, o *Puratiã*, mas, infelizmente, esse sistema de escrita já não é mais conhecido pelas novas gerações.

Ilustração 11: *Puratiã* Sateré-Mawé



Fonte: Mendonça; Lorenz (2023, p. 75).

A língua Sateré-Mawé foi classificada por Aryon D. Rodrigues (1984/1985), como único membro da família linguística Mawé, pertencente ao tronco Tupi. Nesse tronco, apresentam-se 10 famílias (Tupi-Guarani, Arikém, Aweti, Juruna, Mawé, Mondé, Purubora, Munduruku, Ramarama, Tupari), somando 40 línguas e 15 dialetos. Também conforme Rodrigues (2005), foram extintas 1,2 mil línguas indígenas após o contato com o mundo ocidental nos anos 1500. Hoje, restam apenas 220 povos indígenas, com 180 línguas que ainda são faladas, por uma população de aproximadamente 160 mil indígenas.

Essa diminuição das populações indígenas e suas línguas em geral, aconteceu após a chegada dos colonizadores, para explorar as riquezas existentes no território brasileiro. Além disso, também, teve a participação religiosa que obrigavam os indígenas abandonarem suas línguas, crenças, costumes, rituais entre outros para assumirem a língua, o costume e a religião dos colonizadores. Essa relação de dois mundos, pode-se dizer que não é somente de contato, mas sim, de conflito cultural, pois os povos indígenas são obrigados a negar sua própria identidade de uma nação.

Mesmo com essa realidade, após mais de 400 anos de contato, a língua Sateré-Mawé ainda é falada pela maioria dos que vivem no Território Andirá-Marau. Mas pode-se observar

que a perda linguística nas comunidades mais próximas das cidades é bastante significativa, sendo que na região do rio Waikurapá, município de Parintins-AM e na comunidade Ponta Alegre, rio Andirá, município de Barreirinha-AM, os jovens e crianças, em sua maioria, já não falam mais a língua materna.

2.2 Estudos prévios sobre a língua Sateré-Mawé

Wemū'e sa'awy Satere-Mawe pusu etiat hap

Os estudos prévios sobre a língua Sateré-Mawé foram realizados por Sue e Albert Graham, missionários do Summer Institut of Linguistics – SIL, na década de 1980, com o objetivo de traduzir a bíblia na língua Sateré-Mawé e nos evangelizar. Esse casal também produziu, apenas com alguns membros da comunidade onde atuavam, alguns materiais para a leitura, como frases e palavras em Sateré-Mawé. A atuação dos evangélicos introduzidos pelo SIL, em nossa área, até hoje, gera problemas, uma vez que fizeram com que muitos de nossos membros passassem a desvalorizar nossas práticas e rituais, como a tucandeira, por exemplo. Também, em relação à escrita, a proposta feita por esses missionários é ainda defendida pelos seus ‘discípulos’ – evangélicos, que rejeitam a escrita proposta por nós, professores Sateré-Mawé, criando um conflito entre nós, quanto a essa questão.

A partir da década de 1990, a linguista Dulce do Carmo Franceschini, com a autorização de nossas lideranças, realiza estudos na perspectiva da pesquisa-ação, com o objetivo de descrever e analisar a língua Sateré-Mawé, com a participação ativa dos professores indígenas, tendo contribuído bastante para o estabelecimento de uma ortografia para nossa língua e com a produção de material didático para o ensino e fortalecimento de nossa língua no contexto escolar, principalmente. Elaboramos, com Franceschini, vários livros de leitura monolíngues, um dicionário temático monolíngue Sateré-Mawé e uma gramática monolíngue em Sateré-Mawé, todos elaborados com a participação de professores Sateré-Mawé, de diferentes comunidades.

Franceschini defendeu sua tese, “La langue Sateré-Mawé: description et analyse morphosyntaxique”, em 1999, na Universidade de Paris VII e publicou vários artigos sobre aspectos da morfossintaxe dessa língua, entre os quais: “O Sistema verbal em Sateré-Mawé” (2000), “A voz inversa em Sateré-Mawé” (2001), “Os demonstrativos em Sateré-Mawé” (2005), “Os valores da voz média em Sateré-Mawé” (2007), “As posposições em Sateré-Mawé” (2009), “Estrutura actancial em Mawé” (2011), dentre outros.

Com o objetivo de contribuir com a continuidade dos estudos da língua Sateré-Mawé, foram defendidas, sob a orientação de Franceschini, três dissertações de mestrado sobre aspectos dessa língua que ainda não haviam sido analisados e sistematizados: “A interrogação em Sateré-Mawé” (2011), defendida por Fernanda Ferreira Espoladore – UFU (Universidade Federal de Uberlândia); “Construções negativas em Sateré-Mawé” (2012), defendida por Denize de Souza Carneiro – UFU; E “Os conectores de enunciados da língua Sateré-Mawé” (2014), defendida por Virgínia do Nascimento Peixoto. Atualmente, estamos desenvolvendo estudos sobre as “Partículas enunciativas em Sateré-Mawé”, objeto dessa minha dissertação; e estudos sobre “Os enunciados complexos da língua Sateré-Mawé”, o qual é objeto de estudo de doutorado de um dos membros de nosso Grupo de Estudo, a professora Denize de Souza Carneiro, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Todos esses estudos fazem parte de um projeto coordenado pela professora Dulce Franceschini, que tem como objetivo a elaboração de uma gramática da língua Sateré-Mawé.

Além dos estudos de Franceschini e de seu grupo de pesquisa, citado acima, Silva defendeu uma tese sobre a língua Sateré-Mawé em 2010. No entanto, seu trabalho apresenta muitos exemplos problemáticos – não aceitáveis pelos falantes, além de não trazer uma análise sistemática e coerente dos dados, não acrescentando nada aos trabalhos já desenvolvidos sobre essa língua.

2.3 A gramática Sateré-Mawé

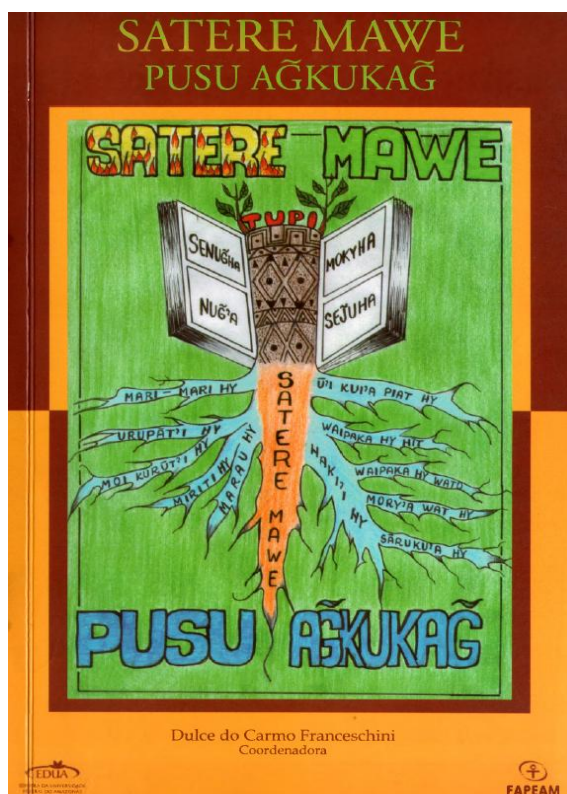
Satere-Mawe pusu aḡkukaḡ

A construção da gramática *Satere-Mawe pusu aḡkukaḡ* se deu a partir de dados já analisados e sistematizados na tese de doutorado de Franceschini. Essa gramática está organizada em dois capítulos, sendo que o primeiro trata da fonologia da língua Sateré-Mawé e apresenta uma proposta de ortografia, discutida e definida pelos professores indígenas. Já o segundo capítulo, apresenta uma análise morfossintática dos nomes, pronomes e verbos da língua Sateré-Mawé.

Essa gramática foi elaborada em oficinas de formação linguística que tinham por objetivo levar os professores indígenas a conhecerem o funcionamento de sua própria língua, a fim de compreenderem os conceitos gramaticais para, posteriormente, criar palavras em sua própria língua para designá-los. Para nomear os conceitos gramaticais, os próprios falantes da língua não queriam a satererização dos termos, portanto, primeiro, eles buscavam compreender

o conceito dos termos gramaticais do português e, após a compreensão, criavam novos termos ou utilizavam termos existentes, atribuindo-lhes um novo sentido – gramatical.

Ilustração 12: Gramática Sateré-Mawé – capa



Esta é a capa da primeira gramática monolíngue Pedagógica Sateré-Mawé da qual sou coautor, que foi escrita em língua materna de forma coletiva pelos professores Sateré-Mawé junto com a pesquisadora. Essa gramática tem por finalidade contribuir para a valorização e o fortalecimento da minha língua escrita, principalmente, no ambiente escolar para os professores de língua materna. Essa gramática é organizada em duas partes: uma sobre a ortografia e outra sobre as classes de palavras. Ao longo de toda essa gramática, foram criadas palavras em Sateré-Mawé para designar conceitos relativos à ortografia e à gramática. Alguns dos termos criados foram:

Quadro 3: Termos gramaticais criados em Sateré-Mawé

Português	Sateré-Mawé
Gramática – estrutura da língua	<i>Pusu aġkukaġ</i>
Vogal	<i>Senuçha</i>
Consoante	<i>Mokyha</i>

Sílaba	<i>Sehayypy</i>
Verbo	<i>Nuḡ'a</i>
Verbo de processo	<i>Nuḡ'a wepotpāp</i>
Verbo de estado	<i>Nuḡ'a tȳra</i>
Substantivo	<i>Seḷuha</i>
Pontuação	<i>Misewēharia</i>
Coletivo	<i>Ahyt'a</i>
Plural	<i>Tȳm'ym</i>
Singular	<i>Wē'ok'i</i>
Glotal	<i>Terek'a</i>
Morfema zero	<i>Kuru</i>
Alfabeto	<i>Muehay ja'ḡkap ahyt</i>
Aparelho fonador	<i>Muehay amak hat</i>
Pronomes pessoais	<i>Miseḷano</i>
Pronome possessivo	<i>Mieḷano</i>
Ponto	<i>Tiḡ</i>
Vírgula	<i>Pekin</i>
Ponto e vírgula	<i>Tiḡ pekin</i>
Aspas	<i>Apyēhupko'i</i>
Dois pontos	<i>Tytiḡ</i>
Reticências	<i>Myetiḡ</i>
Hífen	<i>Ywai</i>
Travessão	<i>Pā'yp</i>
Ponto de exclamação	<i>Mo'yha</i>
Ponto de interrogação	<i>Pina</i>
Frase	<i>Sehay wempowāt</i>
Texto	<i>Sehay ahyt'okhik</i>
Partículas enunciativas	<i>Pusu puehay sapenko'i</i>
Flexão	<i>Ywēp-ywēp</i>
Raiz	<i>Hapo koro</i>
Maiúscula	<i>Iwato'in</i>
Minúscula	<i>Minin</i>

Fonte: própria.

A seguir apresentamos algumas das classes de palavras da língua Sateré-Mawé, conforme estudos de Franceschini.

2.4 Classes de palavras em Sateré-Mawé

Satere-Mawe ehay sok ko'i

As palavras da língua Sateré-Mawé podem ser agrupadas em dois grandes grupos, o daquelas que se flexionam e o das que não se flexionam. Dentre as que se flexionam estão os nomes substantivos, pronomes possessivos, posposições e verbos.

Para a compreensão da organização gramatical desta língua, que é muito diferente do português, a seguir, apresentamos o sistema nominal e verbal do Sateré-Mawé.

2.4.1 O Sistema Nominal do Sateré-Mawé

Sateré-Mawé set emyi'a

Os nomes em Sateré-Mawé podem ser classificados, morfologicamente, em cinco classes, a depender do índice relacional que recebem no paradigma pessoal ao se flexionar.

Quando o substantivo está flexionado, apresenta a seguinte estrutura: prefixo de pessoa, índice relacional e base nominal, sendo que os morfemas relacionais indicam o tipo de posse existente entre o referente do nome e a pessoa indiciada no nome, podendo esta ser alienável ou inalienável.

Pode-se, portanto, classificar semanticamente os nomes em dois grupos, o dos nomes alienáveis, compatíveis com os morfemas relacionais {*he ~ e*}; e o dos nomes inalienáveis, compatíveis com os demais morfemas relacionais {*i ~ o; h~j; h~s; h~ o*}, conforme apresentamos a seguir.

2.4.1.1 Nomes Alienáveis

A essa classe, pertencem os nomes de objetos que são próprios da nação Satere-Mawé e outros adquiridos após o contado com o mundo ocidental, mas que os Sateré-Mawe vivem sem depender desses materiais. Quando se flexiona, apresenta o índice relacional (-he-), na 1ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural inclusivo e 2ª pessoa do plural e

(-e-), na 2ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural exclusivo e 3ª pessoa do plural, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 4: Classe {he ~ e} em Sateré-Mawé

Pessoas	Índice pessoal	Índice relacional	Base Lexical	Tradução
1ª singular	u	-he-	sokpe	‘minha roupa’
3ª singular não-correferente	ø	-he-	sokpe	‘roupa dele’
1ª plural inclusiva	a	-he-	sokpe	‘nossa roupa’
2ª plural	e	-he-	sokpe	‘vossas roupas’
2ª singular	e	-e-	sokpe	‘sua roupa’
3ª singular correferente	to	-e-	sokpe	‘roupa dele’
1ª plural exclusiva	uru	-e-	sokpe	‘nossa roupa’
3ª plural correferente	ta’atu	-e-	sokpe	‘roupas deles’
3ª plural não-correferente	ia’atu	-e-	sokpe	‘roupas deles’

Fonte: própria, com base em Franceschini (2005).

2.4.1.2 Nomes *inalienáveis*

Pertencem a esta classe, nomes de partes do corpo e elementos essenciais do dia a dia da nação Sateré-Mawé, sem os quais não é possível viver.

Esses nomes se agrupam em quatro classes morfológicas, de acordo com a forma como se flexionam, sendo que a maior parte dos mesmos se flexiona pela adição de prefixo relacional, recebendo, de acordo com a pessoa, a variante {i} ou a variante {ø}.

Quando se flexionam, os nomes desse subgrupo de inalienáveis apresentam a variante do índice relacional {-i-}, na 1ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural inclusivo e 2ª pessoa do plural; e a variante {-ø-}, na 2ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural exclusivo e 3ª pessoa do plural, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 5: Classe {i ~ ø} em Sateré-Mawé

Pessoas	Índice pessoal	Índice relacional	Base lexical	Tradução
1ª singular	u	-i-	po	‘minha mão’
3ª singular não-correferente	ø	-i-	po	‘mão dele’

1ª plural inclusiva	a	-i-	po	‘nossa mão’
2ª plural	e	-i-	po	‘vossas mãos’
2ª singular	e	-ø-	po	‘sua mão’
3ª singular correferente	to	-ø-	po	‘mão dele’
1ª plural exclusiva	uru	-ø-	po	‘nossa mão’
3ª plural correferente	ta’atu	-ø-	po	‘mãos deles’
3ª plural não-correferente	ia’atu	-ø-	po	‘mãos deles’

Fonte: própria, com base em Franceschini (2005).

Os demais subgrupos de nomes inalienáveis apresentam poucos lexemas nominais, e se flexionam, não pelo acréscimo de morfema, mas pela alteração da consoante inicial da base nominal no paradigma pessoal.

Um desses subgrupos de nomes inalienáveis, quando flexionadas, suas unidades apresentam a consoante /h/, na 1ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural inclusivo e 2ª pessoa do plural, alternando com a consoante palatal nasal /j/, na 2ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural exclusivo e 3ª pessoa do plural, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 6: Classe {h ~ j} em Sateré-Mawé

Pessoas	Índice pessoal	Índice relacional	Base lexical	Tradução
1ª singular	u	h	aiğ	‘meu dente’
3ª singular não-correferente	ø	h	aiğ	‘dente dele’
1ª plural inclusiva	a	h	aiğ	‘nosso dente’
2ª plural	e	h	aiğ	‘vossos dentes’
2ª singular	e	j	aiğ	‘seu dente’
3ª singular correferente	to	j	aiğ	‘dente dele’
1ª plural exclusiva	uru	j	aiğ	‘nosso dente’
3ª plural	ta’atu	j	aiğ	‘dentes deles’

Fonte: própria, com base em Franceschini (2005).

O terceiro subgrupo de inalienáveis, quando se flexiona apresenta a consoante /s/, alternando com a consoante /h/ no paradigma de pessoa, sendo que /h/ ocorre na 1ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural inclusivo e 3ª pessoa do plural e a consoante

/s/ na 2ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural exclusivo e 3ª pessoa do plural, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 7: Classe {h ~ s} em Sateré-Mawé

Pessoas	Índice pessoal	Índice relacional	Base lexical	Tradução
1ª singular	u	h	ũ	‘meu sangue’
3ª singular não-correferente	ø	h	ũ	‘sangue dele’
1ª plural inclusiva	a	h	ũ	‘nosso sangue’
2ª plural	e	h	ũ	‘vosso sangue’
2ª singular	e	s	ũ	‘seu sangue’
3ª singular correferente	to	s	ũ	‘sangue dele’
1ª plural exclusiva	uru	s	ũ	‘nosso sangue’
3ª plural correferente	ta’atu	s	ũ	‘sangue deles’
3ª plural não-correferente	i’atu	s	ũ	‘sangue deles’

Fonte: própria, com base em Franceschini (2005).

Já deste quarto e último subgrupo de inalienáveis, fazem parte nomes que iniciam com consoante (s) na base nominal: olho ‘*seha*’, língua ‘*segku*’, rosto ‘*sewa*’, visagem, ‘*sehog*’, pulmão ‘*sepekik*’. E quando são flexionados, apresentam na sua base a consoante /h/, na 1ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural inclusivo, 2ª pessoa do plural, em variação com o morfema zero /ø/, na 2ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural exclusivo e 3ª pessoa do plural, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 8: Classe h ~ ø em Sateré-Mawé

Pessoas	Índice pessoal	Índice relacional	Base lexical	Tradução
1ª singular	u	-h	eḡku	‘minha língua’
3ª singular não-correferente	ø	-h	eḡku	‘língua dele’
1ª plural inclusiva	a	-h	eḡku	‘nossa língua’
2ª plural	e	-h	eḡku	‘vossas línguas’
2ª singular	e	ø	eḡku	‘sua língua’
3ª singular correferente	t	ø	eḡku	‘língua dele’
1ª plural exclusiva	uru	ø	eḡku	‘nossa língua’
3ª plural correferente	ta’atu	ø	eḡku	‘nossas línguas’
3ª plural não-correferente	i’atu	ø	eḡku	‘nossas línguas’

Fonte: própria, com base em Franceschini (2005).

2.4.2 Verbos em Sateré-Mawé e sua classificação

Satere-Mawe enuǵ'a hapwyi ipāt'ok-pāt'ok hap

De acordo com Franceschini (1999), os verbos em Sateré-Mawé, dividem-se em duas grandes classes: os verbos de estado e os verbos de processo. Os verbos de estado apresentam o mesmo paradigma flexional que os nomes, sendo que, semanticamente, diferem dos nomes, pois as diferentes classes morfológicas indicam diferentes formas de relações atributivas e, do ponto de vista sintático, funcionam como núcleo de enunciado verbal.

Já os verbos de processo apresentam, diferentemente dos verbos de estado, prefixos pessoais da série ativa, diferentemente dos verbos de estado que apresentam prefixos pessoais da série inativa. E também diferem dos verbos de estado em relação aos morfemas relacionais, os quais indicam classes de lexemas verbais semanticamente distintas, além da orientação verbal.

A seguir apresentamos esses dois agrupamentos dos verbos da língua Sateré-Mawé.

2.4.2.1 Verbos de Estado em Sateré-Mawé

Os verbos de estado recebem os mesmos prefixos pessoais e relacionais que os nomes, no entanto, os índices relacionais indicam diferentes tipos de atribuição de estados às pessoas indicadas no verbo. O morfema de atributivo I indica que o estado denotado pela base verbal, conforme evidencia o índice de voz, é um estado duradouro ou que afeta inteiramente a pessoa, o ser indiciado no verbo. Já o atributivo II, indica um estado transitório, ou que afeta parcialmente a pessoa, o ser indiciado no verbo, como mostram os exemplos nos quadros 9 e 10.

Quadro 9: Paradigmas flexionais dos Verbos de Estado – Atributivo I

Pessoas	Índice pessoal	Índice de voz	Base lexical	Tradução
1ª singular	u-	- i -	kyt	‘eu sou gordo’
2ª singular	e-	- Ø -	kyt	‘você é gordo’
3ª singular correferente	to-	- Ø -	kyt	‘ele/a é gordo’
3ª singular não-correferente	Ø-	- i -	kyt	‘ele/a é gordo’
1ª plural inclusiva	a-	-i-	kyt	‘nós somos gordos’
1ª plural exclusiva	uru-	- Ø -	kyt	‘nós somos gordos’

2ª plural	e-	-i-	kyt	‘vocês são gordos’
3ª plural correferente	ta’atu-	- Ø -	kyt	‘eles/as são gordos’
3ª plural não-correferente	i’atu-	- Ø -	kyt	‘eles/as são gordos’

Fonte: própria, com base em Franceschini (1999).

Quadro 10: Paradigmas flexionais dos Verbos de Estado – Atributivo II

Pessoas	Índice pessoal	Índice de voz	Base lexical	Tradução
1ª singular	u-	- he -	sỹ’at	‘eu estou com fome’
2ª plural	e-	- e -	sỹ’at	‘você está com fome’
3ª singular correferente	te-	- e -	sỹ’at	‘ele/a está com fome’
3ª singular não-correferente	Ø-	- he -	sỹ’at	‘ele/a está com fome’
1ª plural inclusiva	a-	- he -	sỹ’at	‘nós estamos com fome’
1ª plural exclusiva	uru-	- e -	sỹ’at	‘nós estamos com fome’
2ª plural	e-	- he -	sỹ’at	‘vocês estão com fome’
3ª plural correferente	ta’atu-	- Ø -	sỹ’at	‘eles/as estão com fome’
3ª plural não-correferente	i’atu-	- Ø -	sỹ’at	‘eles/as estão com fome’

Fonte: própria, com base em Franceschini (1999).

2.4.2.2 Verbos de Processo em Sateré-Mawé

Os verbos de processo caracterizam-se por poder se flexionar mediante a prefixação de morfemas pessoais da série ativa (construções agentivas) e morfemas indicadores de voz, ou seja, de orientação verbal. De acordo com os prefixos de voz que recebem, podem ser classificados em dois grandes grupos: verbos ativos, que recebem um prefixo de voz ativa; e verbos médios, que recebem um prefixo de voz média.

2.4.2.2.1 Verbos Ativos

Os verbos ativos se subdividem em dois grupos, de acordo com o prefixo indicador de voz ativa que recebem: verbos ativos I {-ti- ~ -i- ~ -Ø-} e verbos ativos II {-he- ~ -e-}. Esses verbos são prefixados por morfemas pessoais da série agentiva, ou seja, morfemas que fazem referência ao agente do processo, mas se diferenciam de acordo com o aspecto lexical télico ou

atélico das bases verbais, sendo que “a telicidade nos verbos ativos está relacionada à forma como o processo afeta o referente do segundo actante” (Franceschini, 2010, p. 171).

Conforme Franceschini (2010, p. 168), os verbos ativos em Sateré-Mawé

denotam processos que se realizam a partir do sujeito e fora dele, isto é, o participante indiciado no verbo (primeiro actante) age sobre uma entidade representada no enunciado pelo segundo actante (objeto direto), não sendo ele mesmo afetado pelo processo que realiza. Do ponto de vista semântico, o primeiro actante das construções ativas assume o papel temático de agente (+ controle) e o segundo actante, o de paciente (-controle) em construções não causativas (...)

Verbos Ativos I

Esses verbos apresentam o prefixo relacional de orientação ativa I{-ti- ~ -i- ~ -Ø-}, que indica que o evento denotado pela base verbal afeta diretamente e inteiramente o participante não indiciado no verbo - o segundo actante. Essas bases verbais apresentam um aspecto lexical télico, pois, conforme Franceschini (2010:171), “(...) denotam processos delimitados em sua realização e que atingem o referente do segundo actante como um todo e diretamente”.

- (1) moi Ø - ti - ʔauka aware
 ‘cobra’ 3sg.+At.I+‘matar’ ‘cachorro’
 “A cobra matou o cachorro.”

A seguir, apresentamos o paradigma flexional dos verbos ativos I

Quadro 11: Paradigma de conjugação de Verbo de Processo Ativo I

Pessoas	Índice pessoal	Índice de voz	Base lexical	Tradução
1ª singular	a-	- ti -	ʔauka	‘eu mato’
2ª plural	e-	- ti -	ʔauka	‘você mata’
3ª singular correferente	to-	- ti -	ʔauka	‘ele/a mata’
3ª singular não-correferente	Ø-	- ti -	ʔauka	‘ele/a mata’
1ª inclusiva	wa-	- ti -	ʔauka	‘nós matamos’
1ª exclusiva	uru-	- i -	ʔauka	‘nós matamos’
2ª plural	ewe-	- i -	ʔauka	‘vocês matam’
3ª plural correferente	ta’atu-	- Ø -	ʔauka	‘eles/as matam’
3ª plural não-correferente	i’atu-	- Ø -	ʔauka	‘eles/as matam’

Fonte: própria, com base em Franceschini (1999).

Verbo ativo II

- (2) aware Ø - he - katuʔu kurum
 ‘cachorro’ 3sg.+At.II + ‘morder’ ‘menino’
 “O cachorro mordeu o menino.”

Quadro 12: Paradigma de conjugação de Verbo de Processo ativo II

Pessoas	Índice pessoal	Índice de voz	Base lexical	Tradução
1ª singular	a-	- ti -	ʔauka	‘eu mato’
2ª plural	e-	- ti -	ʔauka	‘você mata’
3ª singular correferente	to-	- i -	ʔauka	‘ele/a mata’
3ª singular não-correferente	Ø-	- ti -	ʔauka	‘ele/a mata’
1ª inclusiva	wa-	- ti -	ʔauka	‘nós matamos’
1ª exclusiva	uru-	- i -	ʔauka	‘nós matamos’
2ª plural	ewe-	- i -	ʔauka	‘vocês matam’
3ª plural correferente	ta’atu-	- Ø -	ʔauka	‘eles/as matam’

Fonte: própria, com base em Franceschini (1999).

Os verbos ativos I também podem receber o prefixo partitivo [-hoʔo-], que indica que o processo atinge uma parte de um coletivo representado pelo segundo actante no enunciado, como mostra o exemplo abaixo.

- (3) kurum Ø - hoʔo - ʔauka awyky
 ‘menino’ 3sg. + Vz.Part.+ ‘matar’ ‘guariba’

“O menino matou um ou mais de um guariba (de um coletivo de guaribas).”

2.4.2.2.2 Verbos Médios

Os verbos médios, assim como os ativos, subdividem-se em dois grupos, de acordo com o aspecto lexical das bases verbais: verbos médios I, atélcos; e verbos médios II, télcos. Esses verbos apresentam, tal como os verbos ativos, prefixos pessoais da série agentiva, mas se diferenciam destes por apresentarem um prefixo de voz média e ocorrerem em diferentes tipos de construções, conforme veremos a seguir.

Verbos Médios I

Os verbos médios I são atéticos e apresentam uma construção similar a dos verbos ativos: prefixo pessoal + prefixo de voz + base verbal. Esses verbos são atéticos, pois denotam processos que não apresentam uma delimitação inerente, ou seja, que não são apreendidos globalmente pelos falantes. Segundo Franceschini (2010, p. 181),

Fazem parte dessa classe bases verbais que denotam processos que são frequentemente atualizados pelo participante indiciado no verbo (o primeiro actante), por exemplo, as necessidades do organismo humano e as atividades quotidianas, assim como processos que envolvem algum tipo de atividade física ou mental.

Vejamos o exemplo abaixo:

- (4) a - re - wei
1sg.+ Vz.Md.I+‘banhar’
“eu me banho”

Quadro 13: Paradigma de conjugação de Verbo Médio I

Pessoas	Índice pessoal	Índice de voz	Base lexical	Tradução
1ª singular	a-	- re -	wei	‘eu me banho’
2ª plural	e-	- re -	wei	‘você se banha’
3ª singular	Ø -	- to-	wei	‘ele/a se banha’
1ª plural inclusiva	wa-	- to -	wei	‘nós nos banhamos’
1ª plural exclusiva	uru-	- Ø -	wei	‘nós nos banhamos’
2ª plural	ewe-	- i-	wei	‘vocês se banham’
3ª plural	te’eru-	- Ø -	wei	‘eles/as se banham’

Fonte: própria, com base em Franceschini (1999).

Verbos médios II

Já os verbos médios II apresentam, em sua estrutura, um verbo auxiliar acompanhado do verbo principal. Suas bases verbais são télicas e, “assim como as bases verbais ativas télicas, denotam processos precisos e delimitados em seu tempo interno de realização, isto é, eventos que apresentam um ponto final inerente” (Franceschini, 2010, p. 180), ou seja, eventos pontuais, como mostra o exemplo a seguir:

- (5) *pun* *a* - *re* - *ʔe*
 ‘correr’ 1sg.+ Vz.Md.II+ Aux

“eu corri”

Quadro 14: Paradigma de conjugação de Verbo Médio II

Pessoas	Verbo não conjugado	Índice pessoal	Índice de voz	Base lexical	Tradução
1ª singular	<i>pun</i>	<i>a-</i>	<i>- re -</i>	<i>ʔe</i>	‘eu corri’
2ª plural	<i>pun</i>	<i>e-</i>	<i>- re -</i>	<i>ʔe</i>	‘você correu’
3ª singular correferente	<i>pun</i>	<i>to -</i>	<i>- e -</i>	<i>ʔe</i>	‘ele/a correu’
3ª singular não-correferente	<i>pun</i>	<i>Ø-</i>	<i>- e -</i>	<i>ʔe</i>	‘ele/a correu’
1ª inclusiva	<i>pun</i>	<i>wato-</i>	<i>- e -</i>	<i>ʔe</i>	‘nós corremos’
1ª exclusiva	<i>pun</i>	<i>uruto-</i>	<i>- e -</i>	<i>ʔe</i>	‘nós corremos’
2ª plural	<i>pun</i>	<i>ewe-</i>	<i>- i -</i>	<i>ʔe</i>	‘vocês correram’
3ª plural correferente	<i>pun</i>	<i>ta’atu-</i>	<i>- Ø -</i>	<i>ʔe</i>	‘eles/as correram’
3ª plural não-correferente	<i>pun</i>	<i>i’atu-</i>	<i>- Ø -</i>	<i>ʔe</i>	‘eles/as correram’

Fonte: própria, com base em Franceschini (1999).

Os verbos médios II, diferenciam-se dos médios I, por sua estrutura formada por um verbo principal não flexionado, seguindo de um verbo auxiliar flexionado. Essa estrutura também marca a voz média e reflete um aspecto télico, ou seja, um evento que teve início e que é apreendido como um todo (Franceschini, 1999). No exemplo *pun areʔe* ‘eu mergulhei’, a base verbal *pun* ‘correr’ aparece sem flexão, enquanto o verbo auxiliar *ʔe* é flexionado e carrega a marca da voz média. O efeito da ação recai sobre o próprio sujeito, mas, ao contrário dos verbos médios I, a ação é interpretada como concluída.

Além dessas classes flexionais apresentadas acima, algumas classes não flexionais da língua Sateré-Mawé já foram estudadas e outras ainda necessitam de mais estudos para sua sistematização. Já foram estudadas e sistematizadas as classes dos pronomes demonstrativos, pronomes pessoais e possessivos, posposições e ainda estão sendo estudadas as seguintes classes: conjunções, partículas enunciativas, advérbios, entre outras.

Como demonstrado ao longo deste capítulo, as partículas enunciativas do Sateré-Mawé ainda não foram objeto de um estudo sistemático, o que faz desta pesquisa uma contribuição inédita para a descrição desse fenômeno linguístico. A análise aqui empreendida não apenas

inaugura os estudos sobre o papel dessas partículas no discurso, mas também busca lançar luz sobre um tema ainda pouco explorado na linguística indígena brasileira.

No próximo capítulo, apresentamos o arcabouço teórico que fundamenta nossa investigação sobre as partículas enunciativas em Sateré-Mawé.

CAPÍTULO III

REFERENCIAL TEÓRICO // *WEMŪ?E HAP MUESAIKA HARIA*



Esta pesquisa sobre as partículas enunciativas em Sateré-Mawé fundamenta-se no arcabouço da linguística descritiva, ancorada, principalmente, nas reflexões teóricas do Funcionalismo, da Enunciação e da Pragmática linguística. Neste capítulo, apresento as principais reflexões teóricas que sustentam essa investigação, organizadas em quatro subseções: funcionalismo linguístico, enunciação, partículas enunciativas e focalização.

3.1 O funcionalismo linguístico

Musu ipotpāp atu rakat

Esta pesquisa tem como pano de fundo as orientações teóricas do funcionalismo linguístico, uma corrente que enfatiza a função comunicativa de uma língua e rejeita a ideia de que sua estrutura seja autônoma em relação ao uso. No entanto, caracterizá-lo de maneira unívoca é uma tarefa complexa, pois existem diferentes vertentes dessa corrente. O termo abarca desde estudiosos que se opõem ao formalismo até aqueles que desenvolveram teorias próprias (Neves, 2004).

Apesar dessa diversidade, é comum nos modelos funcionalistas o entendimento de que a língua é um instrumento de interação social e que ao linguista cabe investigar o modo como os falantes se comunicam. Para Martinet (1994), é a competência comunicativa que deve nortear a investigação linguística, uma vez que “toda língua se impõe, tanto em seu funcionamento quanto em sua evolução, como um instrumento de comunicação da experiência [humana]”⁴. Segundo o autor, essa experiência diz respeito a tudo que as pessoas sentem, percebem e compreendem durante suas existências.

Os estudos funcionalistas partem do pressuposto de que a estrutura linguística só pode ser plenamente compreendida quando analisada em seu contexto comunicativo. Uma de suas principais contribuições é a incorporação da pragmática à teoria gramatical, evidenciando a

⁴ Texto original : “Toute langue s’impose donc, aussi bien dans son fonctionnement que dans son évolution, comme un instrument de communication de l’expérience.” (Martinet, 1994, p. 14)

relação indissociável entre forma e uso. Assim, ao investigar a língua em sua função interacional, o funcionalismo rejeita a noção de uma estrutura linguística autônoma em relação ao discurso (Neves, 2004).

Nessa perspectiva, argumenta-se que a função comunicativa não apenas influencia a organização formal da língua, mas, em uma abordagem mais radical, que a própria estrutura linguística se desenvolve a partir de seu uso (Votre; Naro, 1989). Além disso, autores como Givón (1995) e Nichols (1984) defendem que a análise linguística deve considerar fatores mais amplos, como cognição, interação social, cultura e evolução, reforçando a ideia de que a língua é um sistema dinâmico e adaptativo.

Considerando a diversidade de teorias da corrente funcionalista, a noção de função é abordada sob diferentes ângulos. Pode referir-se à relação entre formas (função interna), à relação entre forma e significado (função semântica) ou à relação entre forma e contexto (Dillinger, 1991). Os diferentes autores funcionalistas compreendem o conceito de *função* a partir de distintas perspectivas, mas sempre em relação à função comunicativa e ao papel cognitivo da linguagem. Vejamos a compreensão de alguns autores no quadro 1:

Quadro 15: A noção de função para teóricos funcionalistas

Autor	Noção de função linguística
Martinet (1970)	A função está na língua como instrumento de comunicação, mas também serve de suporte ao pensamento. Sua evolução obedece ao princípio da economia linguística, equilibrando eficiência comunicativa e facilidade de articulação. As unidades linguísticas são definidas por sua função distintiva no sistema.
Halliday (1994 [1985])	A função linguística se manifesta em três metafunções: experiencial (representação do mundo), interpessoal (interação social) e textual (organização da mensagem).
Givón (2018 [1979])	A gramática de uma língua emerge da necessidade comunicativa e da cognição, sendo moldada por processos diacrônicos adaptativos.
Chafe (2018)	A função da linguagem é organizar o pensamento em expressões linguísticas, destacando operações cognitivas que estruturam a gramática.
Croft (2001)	A função linguística está nas construções, rejeitando categorias sintáticas universais e priorizando padrões oriundos do uso comunicativo.
Bybee (2010)	A gramática se forma a partir da repetição e da frequência de uso, consolidando-se em redes de construções.
Van Valin (2005)	A função da gramática está na intermediação entre sintaxe, semântica e pragmática, estruturando-se em camadas hierárquicas.
Dik (1997)	A função linguística deve ser analisada a partir da predicação e da organização da oração em termos semânticos e pragmáticos.
Hengeveld & Mackenzie (2008)	A função da linguagem está na organização dos atos comunicativos, estruturando a gramática em diferentes níveis discursivos.

Fonte: própria, com base em Módolo e Coneglian (2020).

Fica evidente a diversidade de abordagens sobre a função linguística dentro do funcionalismo. Enquanto Martinet enfatiza a função comunicativa, Halliday propõe três metafunções que estruturam a linguagem. Givón e Chafe destacam a relação entre cognição e gramática. Croft e Bybee ressaltam a centralidade do uso na formação das construções linguísticas. Já Van Valin, Dik e Hengeveld & Mackenzie enfatizam a interdependência entre sintaxe, semântica e aspectos pragmático-discursivos. Em comum, essas perspectivas reforçam a ideia de que a estrutura linguística não pode ser dissociada de seu funcionamento comunicativo e cognitivo.

Dentre os diversos autores que se enquadram no funcionalismo, consideramos especialmente relevante para a descrição de línguas naturais as reflexões teóricas de André Martinet (1978). Esse autor concebe língua como um *sistema funcional* que emerge da vida em sociedade, cuja função primordial é a comunicação. As línguas não são simples instrumentos de designação, mas refletem as experiências e as percepções de uma comunidade linguística, cada uma organizada de maneira única. Como ele afirma, não existe “a língua”, mas “as línguas”, cada qual expressando a diversidade da experiência humana.

Martinet (1978) descreve três características fundamentais de uma língua: (1) ela é um instrumento de comunicação, (2) tem caráter oral e (3) é duplamente articulada. A *comunicação*, para ele, não é apenas a troca de informações, mas um processo dinâmico de ajustamento entre o que se deseja expressar e as formas disponíveis para isso. A *articulação*, por sua vez, envolve a organização das unidades linguísticas em dois níveis: a *primeira articulação* forma os monemas (unidades com significado), e a *segunda articulação* forma os fonemas, que não têm significado próprio, mas são essenciais para distinguir os monemas.

A *economia linguística*, também central na teoria de Martinet, refere-se à combinação de unidades limitadas (fonemas) para expressar um número ilimitado de enunciados. Esse princípio, que reflete a natureza articulada da linguagem, permite a linearidade das mensagens e a marcação das relações entre os signos linguísticos. Assim, a relação sintagmática tem um importante papel na organização dessas relações e na expressão coerente da experiência comunicada.

Martinet (1978) também destaca a importância da *análise sincrônica*, que estuda a língua em um dado momento, embora reconheça a relevância da diacronia para compreender sua evolução. Essa abordagem descritiva depende da documentação linguística, essencial para a pesquisa e a manutenção de línguas ameaçadas. Outro aspecto importante apontado pelo autor, é que a descrição linguística deve partir dos dados empíricos e não de teorias preexistentes, para

capturar de forma mais precisa possível o funcionamento de uma língua. Ele destaca o rigor e a coerência metodológica na descrição linguística.

O funcionalismo, portanto, compreende a língua como um sistema dinâmico, adaptável às necessidades comunicativas dos falantes e profundamente interligado aos aspectos sociais e culturais. A análise da comunicação e da interação humana possibilita uma compreensão ampla da estrutura e do desenvolvimento das línguas naturais. Além disso, as abordagens funcionalistas dialogam tanto com a linguística da enunciação quanto com a pragmática linguística (que abordamos na próxima seção), pois compartilham a visão de que uma língua deve ser estudada em seu uso efetivo e em sua função comunicativa. Por tudo isso, as contribuições dos teóricos funcionalistas estiveram na base da nossa prática descritiva, neste trabalho.

3.2 A enunciação

Sehay mienontem

A abordagem enunciativa, uma reação contra a lógica extensional e a linguística estrutural, tende a integrar o sujeito ao próprio sistema da linguagem. Essa integração, que se baseia no estudo de categorias subjetivas explícitas (pessoa, dêixis, modalidade – “O aparelho formal da enunciação”, conforme Benveniste), visa a identificar os traços das operações linguísticas no discurso.

Considera-se Bakhtin, Jakobson e Benveniste como pioneiros nos estudos da enunciação, sendo que Bakhtin foi um dos primeiros a apontar como objeto da linguística, o enunciado, em 1929. Já Jakobson e Benveniste começaram a refletir sobre a enunciação nos anos 50, na França, abrindo esse grande campo de pesquisa.

A língua para Bakhtin (2010), é enunciação, ou melhor, é um objeto dinâmico, pois “vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual dos falantes” (Bakhtin, 2010, p. 128). E o enunciado “não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes” (Bakhtin, 1997, p. 294), sendo que organizamos nossa comunicação verbal por meio de gêneros do discurso, e é através deles que agimos e interpretamos o mundo, pois se não existissem e nem dominássemos os gêneros, a comunicação verbal seria praticamente impossível.

Para Benveniste, enunciar significa dizer. A enunciação é o ato de dizer. E o enunciado é o dito. Para esse autor, a enunciação é a apropriação da língua por um ato individual, é a instância de mediação entre a língua e a fala. A enunciação é o ato de enunciar, de transformar individualmente a língua, um mero sistema virtual, em discurso. É o resultado da apropriação da língua pelo sujeito falante que, a partir do aparelho formal da enunciação, coloca a língua em uso para expressar, em palavras (oral, escrita), informações, ideias, pensamentos e se relacionar com as pessoas e o mundo (Benveniste apud Flores e Teixeira, 2005). O ato de enunciar envolve sempre um locutor (o ‘eu’) e um alocutário (o ‘tu’).

Segundo Benveniste, o fenômeno enunciativo exige considerar três elementos fundamentais da linguagem, a saber: a pessoa, o tempo e o espaço. A *pessoa* é o centro da enunciação, pois ela que é responsável por apresentar o locutor (eu) e o alocutário (tu). O *tempo* é um elemento essencial da enunciação, mas quem o determina é o eu, pois é a partir do momento da enunciação que os fatos são situados no tempo, seja em um tempo anterior ou em um tempo posterior à enunciação, seja em um tempo concomitante ao da enunciação. O *espaço* é o espaço onde ocorre o acontecimento enunciativo, dessa forma, abrange sua própria delimitação e seu próprio limite.

Para enunciar, o locutor precisa da língua em funcionamento. A linguagem é a ferramenta que nos permite interagir com o mundo e com as outras pessoas. Ao enunciar, utilizamos não apenas palavras e frases, mas também gestos, entonações, expressões faciais e corporais para tornar a comunicação mais clara e eficaz. Além da oralidade, a enunciação se manifesta na escrita, por meio de textos, mensagens, e-mails, entre outros. A enunciação é essencial para a nossa vida em sociedade, pois é através dela, que conseguimos nos relacionar, expressar nossos sentimentos, compartilhar conhecimentos, negociar e convencer o público-alvo.

Considerando isso, a enunciação não se restringe a uma estrutura linguística abstrata, mas se concretiza na interação entre sujeitos, considerando os elementos de pessoa, tempo e espaço. Ao enunciar, o falante não apenas transmite informações, mas também age sobre o mundo e sobre os interlocutores, influenciando suas percepções e comportamentos. Nesse ponto, a teoria dos atos de fala, proposta por Austin (1962), complementa a abordagem enunciativa ao evidenciar que todo enunciado realiza uma ação no contexto comunicativo.

Se Benveniste destaca a enunciação como a apropriação da língua pelo sujeito para expressar significados e interagir com o outro, Austin (1962) demonstra que esse processo vai além da simples produção de um enunciado, envolvendo atos simultâneos: o ato de dizer algo,

a força e a intenção desse dizer, bem como os efeitos que ele produz. Nesse sentido, a teoria dos atos de fala oferece uma chave interpretativa para compreender como a enunciação, no curso da interação discursiva, não apenas representa a realidade, mas também a transforma, partindo da premissa de que *dizer é fazer*.

Austin (1962) denomina esses atos como *ato locucionário*, *ato ilocucionário* e *ato perlocucionário*. O ato locucionário refere-se à formulação de enunciados dotados de sentido, referência e estruturados conforme a gramática (internalizada) de uma língua, ou seja, à dimensão linguística da enunciação. No entanto, ao proferir um enunciado, o locutor não apenas constrói uma estrutura linguística, mas também expressa uma intenção⁵ comunicativa específica, que traz consigo uma força associada a um significado, como de informar, ordenar, comprometer-se ou outros, o que caracteriza o ato ilocucionário. Esse ato, por sua vez, pode gerar efeitos diversos no interlocutor – como sentimentos, pensamentos e ações – por meio da própria enunciação, configurando o ato perlocucionário. Contudo, para que um ato de fala seja bem-sucedido, é necessário que a intenção do locutor esteja alinhada às convenções sociais e que o interlocutor reconheça essa intenção, considerando os diferentes graus de formalidade e as normas discursivas da comunidade linguística.

Austin propõe, então, a classificação dos enunciados em função de sua força ilocucionária em cinco tipos básicos: *veriditivos*, *exercitivos*, *comissivos*, *comportamentais* e *expositivos*. Na definição do autor (1990, p. 131):

[...] o **veriditivo** é um exercício de julgamento; o **exercitivo** é uma afirmação de influência ou exercício de poder; o **comissivo** é assumir uma obrigação ou declarar uma intenção; o **comportamental** é a adoção de uma atitude e o **expositivo** é o esclarecimento de razões, argumentos e comunicações. (grifo nosso)

Searle (2002), a partir dos estudos desenvolvidos por Austin, propõe cinco categorias gerais de atos ilocucionários, conforme descritas a seguir:

1) *Assertivos*: descrevem um estado de coisas no mundo. São passíveis de uma veracidade ou não (afirmar, explicar, presumir, etc.). Comprometem o locutor com a verdade expressa.

2) *Diretivos*: têm a pretensão de fazer com que o interlocutor realize uma determinada ação (ordenar, pedir, aconselhar, etc.).

⁵ A linguagem é constituída de intenções comunicativas, ou seja, a língua exerce um propósito comunicativo que rege a relação entre sujeito/sujeito e sujeito/mundo, realizando então uma ação (Oliveira, 1996).

3) *Compromissivos*: comprometem o locutor com a realização de uma determinada ação (prometer, garantir, oferecer, etc.).

4) *Expressivos*: manifestam um estado de ânimo (sentimentos - atitudes) a respeito de algo (agradecer, perdoar, felicitar, etc.).

5) *Declarativos*: produzem uma mudança em seu contexto em virtude da autoridade que lhe foi delegada (batizar, contratar, delegar uma sentença, etc.).

A importância de se estudar os atos de fala está basicamente na busca por compreender como cada comunidade estrutura seus códigos linguísticos (ato locucionário) para executar e cumprir uma intenção comunicativa (ato ilocucionário) e gerar seus efeitos (ato perlocucionário).

Assim como para a abordagem Enunciativa, para a Pragmática, é necessário, ao estudar a linguagem, levar em consideração o dito, o contexto no qual os sujeitos estão inseridos, quem são esses sujeitos que proferiram o enunciado e as intenções que existem, além da estrutura literal de um enunciado.

A seguir, apresentamos algumas considerações sobre a noção de partícula enunciativa, nas quais nos embasamos para a análise de nossos dados.

3.3 Partículas Enunciativas

Sehay mienontem sapen ko'i

Até há pouco tempo, as partículas enunciativas (PEN) eram as *personae non gratae* da descrição estilística, gramatical e mesmo linguística. Muitas vezes designadas por "palavras de enchimento" ("vazias/expletivas"), foram as primeiras a serem excluídas dos textos escritos ou editados. No entanto, as partículas enunciativas são extremamente frequentes na oralidade, "pertencem à própria essência da comunicação humana" e apresentam uma *função essencialmente pragmática* - atitudinal e avaliativa (Fernandez, 1994).

O termo *partícula*⁶ será empregado neste trabalho para designar morfemas (= formas linguísticas) que apresentam as seguintes características: a) são breves foneticamente (geralmente monossilábicos); b) são subordinados a uma outra palavra; c) não podem ser identificados por critérios morfológicos ("invariabilidade"), como os afixos ou os clíticos,

⁶ O termo partícula na literatura linguística tem sido objeto de muita discussão. Como nosso objetivo não é discutir a terminologia, apresentamos uma definição desse termo que é aceita por muitos linguistas e que permite caracterizar as unidades linguísticas que são nosso objeto de estudo, as partículas enunciativas.

tampouco por critérios sintáticos, uma vez que desempenham funções enunciativo-pragmáticas e não sintáticas. Ou seja, partículas enunciativas são pequenas palavras que não influenciam o sentido proposicional do enunciado, mas atribuem ao mesmo um sentido adicional, decisivo para a interpretação, conforme mostra o exemplo da língua Sateré-Mawé, a seguir:

Ex.:	nimo	so	it	kat	ʔi	wantim
	‘antigamente’	PEN	Neg.	Pron.	Neg.	‘noite’

“Dizem que antigamente não existia a noite.”

Nesse enunciado, retirado da história da noite, a partícula enunciativa {so} indica um discurso relatado, ou seja, que o contador da história não viu e nem vivenciou o que está narrando.

A abordagem das partículas enunciativas, proposta por Fernandez (1994), parte da tradição francófona da enunciação, uma variante francófona da “pragmática” de origem anglo-saxônica. Do problema enunciativo, essa autora retém a integração do sujeito no sistema da língua, reconhecendo nas abordagens enunciativas, apesar da heterogeneidade das escolas, a concepção comum de uma semântica em ação. O conceito de partícula não é definido de acordo com um conjunto fechado de características formais, mas com referência a um processo fundamental de organização do discurso, sendo que *uma mesma partícula pode ter simultaneamente vários valores*.

As partículas enunciativas podem ser caracterizadas a partir de duas abordagens substancialmente diferentes, mas não fundamentalmente contraditórias:

1) A abordagem linguística, que sublinha a invariabilidade das partículas enunciativas, através das quais *o locutor procura modular a sua mensagem* (de humor e julgamento), esclarecendo a relação interlocucionária.

2) A abordagem pragmática, que estabelece uma definição prototípica universal, com base em critérios estruturais e funcionais. Uma partícula enunciativa deve satisfazer estes dois aspectos, ou seja, *ser desprovida de sentido proposicional, qualificar o processo de enunciação e não a estrutura dos enunciados, e ancorar as mensagens do locutor nas suas atitudes (sentimentos) de forma indireta ou implícita*. O termo partículas enunciativo é reservado às manifestações verbais desta ancoragem, que também pode ser efetuada por meios gestuais ou prosódicos.

As partículas enunciativas ancoram implicitamente o enunciado: elas não podem (facilmente) qualificar o universo interno do texto, mas devem ser interpretadas como se transmitissem as atitudes e os comentários de um locutor.

Entre as características constitutivas do conceito de implícito, a de “relevância atual” merece atenção: ela enfatiza a construção transfrástica da mensagem. A “relevância atual”, no campo da coerência do discurso, é aquela que, ao preparar o destinatário para a interpretação apropriada de um enunciado, permitirá, por exemplo, que o falante justifique sua ação ou inação, mas também que afirme, ao indicar sua fonte, a confiabilidade de sua afirmação.

Enquanto a referência explícita ao contexto, inclui os aspectos periconditionais e proposicionais relevantes, bem como a referência espaço-temporal, a *referência implícita* não qualifica o “dito” como tal, mas o próprio processo enunciativo e certos aspectos de suas implicações interlocutivas. Exemplo: *Estou aqui agora* é um enunciado dêitico, explicitamente ancorado na situação; modalize-o para *Enfim estou aqui, felizmente*, e o falante opera uma espécie de mudança no contexto espaço-temporal, as duas palavras inseridas permitem que ele ancore implicitamente o enunciado em atitudes e sentimentos relacionados a um contexto enunciativo. Mas nem sempre é fácil estabelecer um limite.

O reconhecimento de duas subcategorias de partículas é quase unânime entre os linguistas:

1) *partículas de natureza textual*, próximas dos conectores (uma classe mista de “conjunções-partículas”) que ligam partes do texto (proposições, sentenças, declarações);

2) *partículas interpessoais*, que impulsionam e regulam o processo interativo. Exemplos: elementos fixadores de atenção que você vê, olha, ouve; e processos de “atenuação”, mais difíceis de caracterizar do ponto de vista funcional, que atenuam a força ilocucionária do enunciado (ordem > sugestão, etc.).

A perspectiva interacional permite compreender melhor o valor semântico-enunciativo das partículas, sob pelo menos dois pontos de vista:

1) As partículas enunciativas desempenham o papel de delimitadores pragmáticos. Excluindo algumas das possíveis interpretações da expressão, indicam que tipo de relevância está em questão. As línguas podem desenvolver estruturas particulares, a fim de orientar o processo de interpretação, estipulando certas propriedades dos contextos: o uso de tais estruturas reduz o custo de processamento de um enunciado.

Essas ideias, desenvolvidas pelos teóricos da *pertinência*, lembram a definição, proposta pelos etnógrafos da comunicação, de “*pistas de contextualização*”⁷: “os meios pelos quais o falante sinaliza e os ouvintes interpretam (...), como o conteúdo semântico deve ser compreendido e como cada frase se relaciona com o que precede e o que segue”. As pistas de contextualização se relacionam com o alinhamento entre os atos ilocucionários e perlocucionários, os quais podem se alinhar ou se desalinhar. Quando os atos se alinham, a intenção do locutor é compreendida pelo interlocutor, caso contrário, a intenção do locutor não será compreendida pelo interlocutor (atos se desalinham).

2) O locutor, ao utilizar partículas enunciativas, opta por organizar a sua mensagem num quadro interpretativo, ou seja, fornecer ao seu interlocutor indicações sobre a sua própria avaliação da situação e sobre a natureza do ato de linguagem que ele considera ser efetuado por sua declaração.

Estes dois pontos de vista sublinham a função de enquadramento e regulação/orientação das partículas. Suas principais diferenças correspondem aos dois subgrupos de partículas enunciativas estabelecidos por pesquisas recentes:

- 1) partículas especializadas em uso textual;
- 2) partículas especializadas em uso interpessoal.

Um terceiro subgrupo, destacado pela análise conversacional, são as “interjeições” (não onomatopaicas) que muitas vezes desempenham o papel de marcadores de *feedback*: “*ah bien, oui, ah bon*”.

A observação de um grande *corpus* discursivo permite identificar, apesar das fronteiras flutuantes entre grupos, algumas tendências gerais: quanto mais uma partícula enunciativa assume funções coesivas ou textuais, mais ela evolui para o uso sintático, para se tornar uma conjunção particular. A história próxima do finlandês oferece numerosos exemplos de transferências de partículas de um grupo para outro, por exemplo, a palavra emprestada *ja*, uma interjeição que se tornou uma conjunção; as conjunções *jos* “se”, *kun* “quando” e *mutta* “mas”, todas de origem pronominal, tornando-se partículas após terem sido advérbios, etc.

Uma caracterização universal das partículas enunciativas centra-se no domínio da modalidade, com o qual partilham um certo número de critérios (implicitude, expressividade,

⁷ Segundo Gumperz (1998), as “pistas de contextualização são todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais”. Os traços podem ser de três tipos: a) sinais não verbais; b) sinais paralinguísticos e c) conteúdo semântico das mensagens. As pistas referentes aos sinais não verbais englobam desde o olhar até a gesticulação; os sinais paralinguísticos se referem à altura do som da voz e ritmo e a última categoria, os conteúdos semânticos dos enunciados.

intersubjetividade) e no da sua pertinência transfrástica, que combina aspectos de coesão (formal) e de coerência (semântica).

A análise do posicionamento do locutor frente ao dito ou ao modo de sua enunciação permite estabelecer graduações diferentes de seu engajamento ou de seu afastamento em relação ao que afirma. Por sua vez, as formas de verificar o compromisso assumido pelo falante diante de uma enunciação permitem situar o papel da subjetividade e da objetividade na construção do discurso. As marcas de subjetividade estão registradas em certos elementos linguísticos que traduzem um maior ou menor comprometimento do locutor, em relação ao conteúdo do que enuncia.

Chafe e Nichols (1986) utiliza o termo *evidencialidade* para fazer referência à relação subjetiva do locutor com a informação veiculada, sendo que o mesmo envolve o comprometimento do sujeito com o dito e com a fonte da informação (se o locutor realmente viu / vivenciou aquilo sobre o que está falando, ou se ele apenas tece conjecturas sobre a ocorrência de um dado evento baseado em alguma evidência, ou ainda se alguém lhe contou um determinado fato, ou se ele apenas ouviu falar sobre tal fato), sendo que tal postura pode afetar o status da informação no que diz respeito à sua credibilidade. No entanto, alguns autores fazem uma distinção entre os atos de indicação da fonte de informação (Evidencialidade) e os atos de indicação de comprometimento do locutor em relação à verdade da informação (Modalidade Epistêmica). Para os autores, essas noções estão atreladas uma à outra, sendo que a função dos marcadores evidenciais é indicar o grau de compromisso do locutor com a verdade de sua proposição. Para esse autor, portanto, a modalidade epistêmica se situa no domínio da evidencialidade.

Também para Neves (2006), a modalidade epistêmica, se situa na linha do conhecimento do falante e expressa o grau de certeza em relação ao conteúdo do enunciado e também o grau de verdade existente nele. Esse conhecimento pode se modificar desde uma proposição que é absolutamente certa até uma que seria quase impossível, sendo muitas as possibilidades que uma língua oferece para caracterizar os graus do possível no eixo do conhecimento: absolutamente possível > indiscutivelmente possível > bem possível > seria possível > pouco possível > muito pouco possível > é quase impossível > seria quase impossível.

No extremo da certeza, há um locutor que avalia como verdadeiro o conteúdo de seu enunciado, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem relativização. Por outro lado, muitos enunciados oferecem um discurso com marcas do possível e, no entanto, contêm elementos gramaticais que, em princípio, confirmam

certeza ao enunciado (Neves, 1996). Conforme Neves (na mesma obra), o grau de certeza expresso no enunciado consente ao locutor dar confiabilidade ao seu discurso, sem deixar brecha para dúvida em relação ao seu conhecimento daquilo que é dito. E complementa:

Até mesmo em situações em que o falante produz um enunciado com elementos que evidenciam o grau de não-certeza ou desconhecimento do assunto, chamados por Neves (1996) de “elementos de relativização”, ele faz uso de elementos de asseveração (expressam certeza) ao lado desses elementos de não-certeza (relativização), fazendo ressalvas e não perdendo a credibilidade. Mesmo quando esse discurso é feito em primeira pessoa, o locutor pode se isentar da certeza do conhecimento, exprimindo sua não certeza em relação àquilo que é dito, sem perder sua credibilidade. Algumas das expressões que exprimem essa não-certeza são: “eu acho”, “eu acredito”, “eu penso”, “na minha opinião”, “eu tenho a impressão” etc. O falante pode, ainda, dar credibilidade ao seu discurso, atribuindo as afirmações a terceiros, usando expressões como: “diz-se”, “dizem”, “disseram”, “afirma”, entre outras. (Neves, 1996, p. 179).

Para Neves (1996), portanto, para analisar a modalidade epistêmica em uma língua, faz-se necessário qualificar os enunciados atribuindo-lhes características de certeza, que influenciam o grau de comprometimento do falante ou do texto.

Em Sateré-Mawé, as partículas enunciativas (PEN) podem desempenhar diferentes funções enunciativas e pragmáticas, sendo que o uso de partículas enunciativas evidenciais confere um maior grau de comprometimento do falante com a verdade do que é dito. Além desse funcionamento, as PEN do Sateré-Mawé servem para focalizar / topicalizar constituintes ou, até mesmo, enunciados como um todo.

3.4 A focalização

Imohot’ok hap

A *focalização*, assim como a *topicalização*, é definida por Creissels (2006, p. 109 -116) como “operações que tem por objetivo explicitar a estrutura discursiva da frase, quaisquer que sejam os procedimentos formais empregados”⁸. Ou seja, focalização e topicalização são estratégias empregadas para assinalar explicitamente no enunciado o foco e o(s) tópico(s).

O *tópico* é definido por esse autor como ‘um elemento do enunciado a partir do qual o enunciador desenvolve um comentário’; já o *foco* como um elemento que ‘é apresentado como particularmente carregado de um valor informacional elevado’.

8 “opérations ayant pour effet d’expliciter la structure discursive de la phrase, quels que soient les procédés formels mis en œuvre”.

A escolha do tópico e do foco em um enunciado, para Creissels e Hagège⁹, está subordinada ao contexto enunciativo e à intenção comunicativa do enunciador, pois o já *conhecido* e o *novo*, “não são conceitos absolutos, cabe ao falante analisar o interlocutor e a situação para decidir o que será tema e o que será rema. Isto explica por que uma mesma oração pode ter diferentes articulações” (Castilho citado por Ilari, 1992).

Segundo Creissels (2006), as línguas podem apresentar enunciados sem tópico, mas não sem foco e também podem topicalizar vários termos em um mesmo enunciado (encadeamento de tópicos), porém não é possível focalizar dois termos de um mesmo enunciado.

A relação entre as funções discursivas *tópico* e *foco*¹⁰ e as funções sintáticas são reguladas pelas línguas de maneira muito variável (Creissels, 2006); ou seja, há línguas nas quais os sistemas permitem (mas não totalmente) que os papéis sintáticos coincidam com os discursivos (sujeito=tópico e predicado=foco); mas há outras onde não ocorre nenhuma equivalência, pois o sistema linguístico faz distinção entre essas duas noções, como, por exemplo, em húngaro e em basco.

Segundo Creissels (2006), o sistema de uma língua permite construir frases diferentes a partir de um mesmo conjunto de constituintes nominais e de um mesmo verbo em função predicativa, com as mesmas implicações referentes aos papéis semânticos atribuídos aos termos da construção do verbo, porém apresentando discursivamente *diferentes organizações da informação*, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- | | | | |
|---|-------------------------|----|-----------------------|
| 1 | João | // | comeu peixe ontem. |
| | Tópico | // | Foco |
| | | | |
| 2 | Foi PEIXE ¹¹ | // | que João comeu ontem. |
| | Foco | // | Tópico |
| | | | |
| 3 | Foi ONTEM | // | que João comeu peixe. |
| | Foco | // | Tópico |

⁹ Hagège emprega os termos *tema* e *rema* com o mesmo valor que os termos *tópico* e *foco* empregados por Creissels.

¹⁰ Para Creissels (2006) e Hagège (1982), as funções *tópico* e *foco* fazem parte da análise do nível enunciativo-hierárquico do enunciado, sendo também necessária a análise do nível morfossintático (funções sintáticas) e do nível semântico-referencial (papéis semânticos), para a compreensão do funcionamento de uma língua.

¹¹ Emprega-se, nos exemplos, a grafia em caixa alta para indicar o termo focalizado pelo enunciador.

O exemplo (1) acima apresenta uma estrutura canônica do ponto de vista enunciativo-hierárquico, ou seja, sem topicalização e sem focalização; nesse exemplo, a função *tópico* é assumida pelo constituinte nominal em função *sujeito* “João”, e a função *foco* pelos demais constituintes do enunciado.

No entanto, de acordo com a intenção comunicativa do enunciador, outros termos dessa construção podem passar a funcionar como *tópico* ou *foco* mediante o emprego de estratégias de *topicalização* ou *focalização*. Nos exemplos (2) e (3) acima, observa-se que o complemento de objeto direto “peixe” e o circunstancial “ontem” são focalizados por meio do emprego de uma construção clivada, o que implica em uma mudança de posição do termo focalizado de pós-verbal para pré-verbal.

Segundo Creissels (2006), quatro são as estratégias mais comuns empregadas nas línguas para topicalizar ou focalizar determinado termo (ou termos) do enunciado, a saber: 1) *entonação*; 2) *adição de formas morfológicas*; 3) *ordem das palavras* (posição); 4) *combinação da entonação e ordem das palavras e/ou adição de formas morfológicas*.

Quanto à *focalização*, Creissels distingue a *focalização simples* (ou informativa) da *focalização contrastiva*. Na *focalização simples*, o foco chama a atenção para uma *informação* julgada importante. Essa noção está estreitamente ligada à noção de interrogação, sendo, então, foco a informação que falta em uma interrogação parcial, ou, na asserção, o que é apresentado como a informação que preenche uma lacuna.

Por sua vez, a *focalização contrastiva* abrange vários tipos de estruturas comunicativas, as quais implicam um contraste entre a informação em foco e uma informação alternativa, que pode aparecer explicitamente ou pressuposta, conforme apresentamos a seguir (Creissels, 2006):

1) *Focalização de rejeição*

A: - João foi ao teatro com a Ana.

B: - Não, não foi com a Ana que ele foi ao teatro.

2) *Focalização de substituição*

A: - João foi ao teatro com a Ana.

B: - Não, foi com a Carla que ele foi ao teatro.

Creissels observa que a focalização de substituição aparece frequentemente combinada na mesma frase com uma focalização de rejeição, conforme exemplo abaixo:

A: - João foi ao teatro com a Ana.

B: - Não, não foi com a Ana que ele foi ao teatro, foi com a Carla.

3) Focalização de expansão:

A: - João foi ao teatro com a Ana.

B: - Não só foi ao teatro com a Ana, ele também a levou em casa.

4) Focalização de restrição

A: - João saiu com a Ana e a Carla.

B: - Não, ele saiu somente com a Carla.

5) Focalização de seleção

A: - *Eu me pergunto se* João saiu com a Ana ou com a Carla.

B: - Posso te dizer que foi com a Carla que ele saiu.

Em Sateré-Mawé, os enunciados interrogativos podem apresentar as partículas {apo} ou {in}, as quais, além de indicarem que se trata de uma interrogação, focalizam o constituinte sobre o qual incide a interrogação, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (2) [pira]¹² apo e - tu - ʔu
 'peixe' part.inter. 2Ag.+At.T+'ingerir'

“[Peixe], você comeu?”

- (3) [e - tu - ʔu pira] apo
 2Ag.+At.T+'comer' 'peixe' Inter.

“[Você comeu o peixe]?”

No exemplo (2), o constituinte focalizado é o primeiro actante sujeito, que ocorre em posição inicial do enunciado seguido da partícula interrogativa *apo*. Já no exemplo (3), todo o enunciado é focalizado e a partícula interrogativa ocorre no final do enunciado. Se apenas um

¹² Termo focalizado – marcado pelos colchetes.

dos constituintes do enunciado é focalizado, esse ocupará a posição inicial do enunciado, conforme mostra o exemplo (2).

Observa-se que a focalização, em Sateré-Mawé, é marcada pelo uso de partículas enunciativas e pela posição do termo focalizado, sendo que esse ocorrerá em posição inicial de enunciado.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA // MUʔĀP UITO HAP



Neste capítulo, apresento a descrição dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Nossas escolhas metodológicas são organizadas em subseções, que abrangem o enquadramento tipológico da pesquisa, a construção do *corpus* de análise e as fases para o desenvolvimento do trabalho.

4.1 Enquadramento tipológico da Pesquisa

Wo'okāt'i-kāt'i hap ekare'en ko'i

Esta pesquisa está fundamentada, quanto a abordagem, no paradigma da *pesquisa qualitativa*, cuja principal finalidade é compreender a complexidade das relações sociais e investigar os significados, valores, crenças e atitudes de um grupo social. Diferentemente da abordagem quantitativa, que privilegia dados métricos e análises estatísticas, a pesquisa qualitativa foca em análises aprofundadas, conduzidas por meio de uma interação dinâmica entre os objetivos do pesquisador, suas orientações teóricas e os dados coletados (Gerhardt; Silveira, 2009).

A pesquisa qualitativa se preocupa com o estudo de fenômenos em seus contextos naturais, respeitando sua complexidade intrínseca e os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos (Gerhardt; Silveira, 2009). Essa abordagem é amplamente adotada em estudos linguísticos que exploram dados de fala espontânea, pois permite uma análise contextualizada e sensível às particularidades socioculturais. Além disso, oferece flexibilidade metodológica, integrando diversas estratégias de investigação que compartilham características comuns, como a riqueza descritiva e a valorização dos processos interativos entre pesquisadores e campo de estudo (Bogdan; Biklen, 1994).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa mostra-se particularmente apropriada para alcançar os objetivos desta investigação, que busca descrever as partículas enunciativas da língua Sateré-

Mawé. Tal abordagem permite compreender os fenômenos linguísticos no contexto sociocultural e histórico em que se manifestam.

Quanto à natureza, trata-se de uma *pesquisa básica*, pois tem como objetivo produzir conhecimento científico sobre as partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé. No entanto, espera-se que os resultados desse estudo possam ser aplicados futuramente em iniciativas práticas de fortalecimento da língua, especialmente no contexto educacional das aldeias da Terra Indígena Andirá-Marau.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa é *descritiva*, pois busca descrever o funcionamento das partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé. Para isso, utiliza dados coletados a partir do uso natural da língua, refletindo sua dinâmica neste contexto histórico específico. Portanto, é uma pesquisa sincrônica e insere-se no campo da Linguística Descritiva e Tipológica.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa conjuga *pesquisa bibliográfica*, *pesquisa de campo* e *pesquisa-ação*, proporcionando uma abordagem abrangente e participativa entre mim, membros do meu povo e orientadora.

A *pesquisa bibliográfica* envolveu o levantamento de referências teóricas relacionadas às partículas enunciativas. Embasamo-nos, principalmente, nos estudos do Funcionalismo, da Enunciação (Benveniste, 2006), da Pragmática (particularmente Austin, 1962) complementados por outros teóricos que discutem o tema em estudo (Fernandez, 1994), conforme apresentamos no capítulo 3. Paralelamente, foram pesquisados aspectos socio-históricos (como origem e história de contato Mawé) e linguísticos (estudos prévios e características do sistema linguístico) do meu povo e da língua Sateré-Mawé.

A *pesquisa de campo* consistiu na coleta de dados linguísticos por meio de interações naturais entre falantes do povo Sateré-Mawé, principalmente na subregião do Andirá, município de Barreirinha/AM. Esse procedimento, essencial para a composição do *corpus* de análise, também complementou informações obtidas no levantamento bibliográfico, especialmente em relação a aspectos históricos e linguísticos Mawé.

Esses procedimentos tiveram/tem como pano de fundo a estratégia metodológica da pesquisa-ação, definida por Michel Thiollent (1994, p. 15) como “um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”, envolvendo pesquisadores e participantes de forma cooperativa e participativa.

Desde os primeiros estudos sobre a língua Sateré-Mawé, sob a orientação da professora Dra. Dulce do Carmo Franceschini e outras pesquisadoras, essa estratégia tem se mostrado

eficiente. Ela não apenas produz conhecimento sobre a língua, mas também contribui para a formação dos envolvidos (professores(as) e lideranças Mawé), valorizando o saber local e revelando sutilezas linguísticas que poderiam ser negligenciadas em metodologias mais padronizadas. Dessa forma, esta pesquisa não se limita à descrição linguística; ela também busca fortalecer a língua Sateré-Mawé e a identidade cultural do meu povo, com um compromisso ativo de transformação e valorização.

4.2 Constituição do *corpus*

Mikāt'i-kāt'i wuat ama' ām hap

Na perspectiva de diversos autores, o *corpus* é amplamente reconhecido como um recurso fundamental para os estudos linguísticos. Ducrot e Todorov (2001) o definem como um “conjunto, tão variado quanto possível, de enunciados efetivamente emitidos por usuários da referida língua em determinada época”, ressaltando a diversidade e a autenticidade no registro de dados linguísticos. Para Trask (2004), o *corpus* é “um conjunto de textos escritos ou falados numa língua”, evidenciando sua relevância como base empírica para investigações científicas. Ambas as concepções convergem na ideia de que um *corpus* representa de forma concreta e acessível o uso real da língua, sendo, portanto, uma ferramenta indispensável para a análise linguística sistemática.

O *corpus* que constituímos para esta pesquisa reúne textos orais e escritos, compondo uma amostra variada de enunciações em língua Sateré-Mawé. Esse corpus começou a ser formado antes do meu ingresso na pós-graduação, no contexto de atividades de pesquisa-ação voltadas à valorização e documentação da língua e da cultura Mawé.

Devido ao caráter colaborativo intrínseco à pesquisa-ação, tanto os integrantes da pós-graduação (esta pesquisadora e sua orientadora) quanto os pesquisadores da comunidade (professores, agentes de saúde, pajés, parteiras e lideranças) são considerados colaboradores igualmente importantes. Cada um contribuiu (e continua contribuindo) com suas experiências, perspectivas e conhecimentos, possibilitando a construção de um *corpus* representativo e significativo da língua em estudo.

A inclusão de textos orais e escritos no corpus justifica-se pela necessidade de contemplar a diversidade de manifestações linguísticas do Sateré-Mawé em diferentes gêneros discursivos e contextos de uso. A oralidade, predominante na transmissão de saberes na cultura Mawé, reflete diretamente as interações cotidianas e os modos de enunciação próprios da

comunidade, como conversas informais, reuniões e encontros. Esses textos correspondem a cerca de 80% do material coletado. Para fins de análise, todas as falas foram integralmente transcritas e, posteriormente, traduzidas para o português.

Os textos escritos, embora tenham sido introduzidos mais recentemente na história do povo Sateré-Mawé, desempenham um papel relevante na documentação e preservação da língua, especialmente no contexto educacional e na produção literária contemporânea. Este trabalho considera uma amostra de textos escritos elaborados segundo os padrões da modalidade oral do Sateré-Mawé, uma característica marcante da escrita dos professores e historiadores Mawé. Observa-se, contudo, que o uso das partículas enunciativas é mais recorrente nos diálogos orais.

Ao integrar ambas as modalidades discursivas, buscamos uma abordagem mais abrangente e representativa da língua. A oralidade permite observar a dinâmica espontânea das interações linguísticas, incluindo marcas próprias da fala, como pausas, repetições e reformulações. Já os textos escritos, ainda que fortemente ancorados na oralidade, favorecem uma análise mais sistemática dos mecanismos gramaticais e discursivos, devido ao maior grau de planejamento e organização exigido pela escrita. Assim, a complementaridade entre oralidade e escrita contribui para uma investigação linguística mais rica, ampliando as possibilidades de compreensão do funcionamento da língua Sateré-Mawé em seus múltiplos usos.

4.2.1 Textos orais

Sehay sese ne'i

O *corpus* que compilamos inclui falas coletadas tanto presencialmente, em contextos naturais de comunicação, quanto em interações registradas em aplicativos de mensagens instantâneas, principalmente pelo *WhatsApp*.

As falas presenciais foram registradas com o uso de aparelhos digitais, como gravadores de voz e celulares, abrangendo diferentes contextos:

1) *Falas provenientes de atividades de pesquisa-ação*: durante o período em que atuei como coordenador da Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá (OPISMA)¹³, nossa equipe coletou um amplo acervo audiovisual das interações em

¹³ Conforme já mencionado, atuei como coordenador (2006-2013) da OPISMA. Durante minha gestão, implementamos diversos projetos voltados à revitalização da língua e das práticas culturais do meu povo. Um dos destaques foi o projeto *Revitalização da Língua e das Práticas Culturais Sateré-Mawé*, financiado pelo Unicef,

Mawé. Desse material, selecionamos algumas falas de um encontro de mulheres que discutiam educação e saberes tradicionais. As gravações, com duração aproximada de 20 a 30 minutos cada, incluem relatos sobre a educação recebida de pais e avós, práticas relacionadas à alimentação em períodos de resguardo e o papel das mulheres na sociedade Mawé.

2) *Conversas realizadas na aldeia Simão*: foram registradas reuniões comunitárias abordando temas diversos ligados à organização da comunidade e de outras ordens, além de falas em diversos contextos interacionais do cotidiano na aldeia Simão onde resido. Essa comunidade fica localizada no curso médio do rio Andirá, na Terra Indígena Andirá-Marau (município de Barreirinha/AM) e conta com uma população de cerca de 600 pessoas.

3) *Falas em aplicativo de mensagem instantânea, WhatsApp*: registramos interações em grupos de *WhatsApp*, onde a língua Sateré-Mawé é amplamente usada na modalidade oral. As mensagens selecionadas tratam de temas como questões políticas, acontecimentos internos na Terra Indígena e divulgação de informações entre aldeia-aldeia, aldeia-cidade-aldeia. Essas interações são consideradas relevantes para a análise, pois evidenciam o uso vivo da língua e permitem observar os diferentes tipos de enunciados (assertivos, interrogativos e diretivos) nas trocas comunicativas entre locutores e interlocutores.

4.2.2 Textos escritos

Sehay ahyt miwan

Os textos escritos que integram o *corpus* desta pesquisa foram selecionados de diferentes fontes: de livros monolíngues em Sateré-Mawé, de duas narrativas mitológicas inéditas e do livro *As Bonitas Histórias Sateré-Mawé*.

Os livros monolíngues foram elaborados por professores indígenas de várias aldeias da Terra Indígena durante oficinas de Língua Sateré-Mawé escrita, realizadas no âmbito de projetos de pesquisa-ação e em aulas ministradas pela linguista Dulce Franceschini. As narrativas mitológicas inéditas foram redigidas por dois professores indígenas em momentos distintos de suas atividades docentes. Já o livro *As Bonitas Histórias Sateré-Mawé*, de autoria

que promoveu oficinas de artes, encontros com professores, tuxauas, mulheres, jovens e agentes de saúde, integrando a valorização da língua materna com os saberes tradicionais. O acervo audiovisual ao qual me refiro é composto, em grande parte, pelos registros dessas atividades.

do Padre Henrique Uggé¹⁴(1991), consiste numa obra bilíngue em Sateré-Mawé/Português e reúne narrações mitológicas e dados etnográficos do povo Sateré-Mawé. Os textos foram narrados por líderes e anciãos Mawé, como: Álvaro Terêncio Batista, Maria Lopes Trindade, Tuxaua Deuclides e Tuxaua Manoelzinho, e transcritos por Leonardo Miquiles e pelo próprio autor.

4.3 As fases da pesquisa

Wo'okāt'i-kāt'i hap ekaria'i ko'i

4.3.1 Fase I – O Início: Definição do tema e elaboração da proposta de pesquisa

Motpāp set'ok hap hapwyi wo'okāt'i-kāt'i hap muat nuḡ hap

O ponto de partida para esta pesquisa foi o meu desejo profundo de contribuir para a produção de conhecimento científico sobre a língua dos meus ancestrais, o Sateré-Mawé. Esse desejo foi cultivado ao longo de mais de 15 anos de participação em projetos de pesquisa-ação voltados para a valorização e revitalização da língua e cultura Sateré-Mawé.

Ao tomar conhecimento do edital da Universidade de Brasília (UnB), que incentivava a formação de linguistas indígenas, percebi que era o momento ideal para ingressar na pós-graduação e aprofundar meus estudos. A escolha do tema foi motivada pela necessidade de um estudo científico detalhado sobre as partículas enunciativas da minha língua, um aspecto que ainda carecia de análise sistemática.

Com o tema definido, iniciei a elaboração da proposta de pesquisa, organizando uma lista preliminar das formas que identifiquei como partículas enunciativas. Paralelamente, comecei a buscar fontes teóricas que poderiam embasar a investigação, estabelecendo as bases para o trabalho que viria a ser desenvolvido. Esse início marcou não apenas uma etapa metodológica, mas também um compromisso pessoal e acadêmico com a preservação e ampliação do conhecimento sobre a língua dos meus antepassados.

¹⁴ Padre vinculado ao Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME), com uma trajetória de aproximadamente 40 anos de trabalho missionário na Amazônia, especificamente na Diocese de Parintins (AM). Sua atuação tem sido voltada, sobretudo, para os Sateré-Mawé do rio Andirá, localizado na Terra Indígena Andirá-Marau (Soares, 2020).

4.3.2 Fase II – O desenvolvimento do trabalho

Motpāp pū'i nuḡ hap ko'i

Quando ingressei no mestrado, paralelo às atividades dos componentes curriculares, fui trabalhando, juntamente com o nosso coletivo de pesquisa-ação, na compilação do *corpus*. Inicialmente, selecionamos, transcrevemos e traduzimos textos do nosso acervo audiovisual. Posteriormente, sentindo à necessidade de textos em gêneros diversos, enunciados por diferentes indivíduos passamos a coletar novos textos, os quais coletamos tanto de reuniões e encontros, assim como de interações no *WhatsApp*. Com um número importante de material, fomos ao encontro de nossa orientadora, em Chapecó, onde permanecemos alguns meses. Lá recebemos orientações sobre a organização do material coletado, como a verificação de formas que atuam como partículas enunciativas, depois disso, a seleção dos enunciados em que elas apareciam.

Concomitante a isso, fomos pesquisando textos sobre partículas enunciativas nas línguas do mundo e buscando compreender o universo da linguística enunciativa e da pragmática linguística para compreender o funcionamento desse fato linguístico.

4.3.3 Fase III – Análise

Motpāp epiok hap

Concluídas as etapas da fase anterior, iniciamos a análise das partículas enunciativas em Sateré-Mawé identificadas no *corpus*. No total, foram encontradas 25 partículas com função enunciativa, porém, foi possível analisar apenas 18 delas.

Inicialmente, realizamos uma análise detalhada da estrutura morfosintática e morfofonológica dos enunciados que continham essas partículas (com base nos estudos de Franceschini, 1999). Em seguida, examinamos o valor enunciativo de cada partícula, formulando hipóteses sobre seu funcionamento com base nas funções discursivas observadas nos contextos analisados.

Para aprofundar a compreensão e validar nossas interpretações, recorremos, em alguns casos, à elicitación de dados junto a diferentes falantes nativos. Esse procedimento garantiu maior confiabilidade à análise.

Esses foram nossas escolhas metodológicas. A seguir, apresentamos nossa proposta de descrição do funcionamento das partículas enunciativas em Sateré-Mawé.

CAPÍTULO V

PARTÍCULAS ENUNCIATIVAS EM SATERÉ-MAWÉ // *SATERE-MAWE* *PUSU PUEHAY SAPEN KO?I*



Neste capítulo, apresento uma proposta de análise das partículas enunciativas em Sateré-Mawé. Em consonância com os objetivos da pesquisa, identificamos essas partículas e analisamos seu funcionamento enunciativo, bem como seus efeitos semântico-pragmáticos. A análise foi organizada conforme os tipos de enunciados em que as partículas ocorrem, a saber: assertivos, imperativos e interrogativos.

5.1 Identificação das partículas enunciativas em Sateré-Mawé

Satere-Mawe pusu sapen ko'i puenti hap

Consideramos partículas enunciativas (PEN) os morfemas da língua Sateré-Mawé que carregam significados enunciativos, ou seja, aqueles que expressam as relações estabelecidas pelo locutor com o seu enunciado. Esses morfemas são denominados partículas enunciativas, pois, ao contrário de outros morfemas, não estabelecem relações sintáticas com os outros termos do enunciado, mas desempenham uma função estritamente enunciativa.

Para a constituição do *corpus* para a análise das partículas enunciativas nessa língua, partimos de textos orais produzidos em situações naturais de comunicação – reuniões, histórias contadas; diálogos realizados por meio de *WhatsApp*; narrativas escritas por professores indígenas e publicados. Esse material foi transcrito e analisado, a fim de identificarmos o uso de partículas enunciativas nos mesmos. Além disso, utilizamos frases elaborados pelo pesquisador, pois é falante da língua, para elucidar algumas análises.

A partir da análise desse material, identificamos o uso de várias partículas que desempenham uma função enunciativo-pragmática em Sateré-Mawé. No entanto, devido ao elevado número e significados das mesmas, não foi possível compreender o funcionamento de todas essas partículas identificadas.

No quadro abaixo, apresentamos apenas as partículas que conseguimos analisar no âmbito desse estudo, de acordo com os enunciados em que ocorrem: assertivos, imperativos ou interrogativos.

Quadro 15: Partículas enunciativas em Sateré-Mawé

Partículas usadas em enunciados assertivos		Partículas usadas em enunciados imperativos	Partículas usadas em enunciados interrogativos
ti ~ ni ~ ri ¹⁵	so	to ~ ro ~ no	apo
tiŋ ~ riŋ ~ niŋ	nekē	ʔo	iŋ
ten ~ ren ~ nen	som	it...reiʔo ~ it...teiʔo ~ it...neiʔo	aten
awiiŋ	pon	waiŋ...te ~ waiŋ...re ~ waiŋ...ne	asom
	toro		

Fonte: própria, no âmbito deste trabalho.

Essas partículas são empregadas pelo locutor para modalizar seu enunciado, situando-o em um tempo e/ou espaço enunciativo, podendo indicar também modo, aspecto e posicionamento do locutor em relação ao dito ou ao modo de sua enunciação.

No âmbito desta pesquisa, não foi possível analisar exaustivamente essas partículas, que apresentam um funcionamento semântico-pragmático bastante complexo, já que podem se combinar entre si e, conseqüentemente, alterar seu funcionamento (significado semântico-pragmático). A seguir apresentamos uma análise dessas partículas a partir dos enunciados em que ocorrem, conforme apresentado no quadro acima.

5.2 Partículas usadas em enunciados assertivos

Sehay sapen hampyk piat miekowāt ko'i

Os enunciados assertivos descrevem um estado de coisas no mundo, o qual é passível de uma veracidade ou não, comprometendo o locutor com o grau de certeza em relação ao conteúdo do enunciado e também com o grau de verdade existente nele. Pode-se considerar que correspondem a atos ilocucionários assertivos e expressivos de Searle (2002), já que descrevem um estado de coisas no mundo e comprometem o locutor com a verdade expressa (atos

¹⁵ O símbolo [~] indica alomorfes de um mesmo morfema.

assertivos); e também podem manifestar sentimentos e atitudes em relação a algo (atos expressivos).

Essas partículas enunciativas, em Sateré-Mawé, além de servirem para expressar as intenções, fonte da informação, ponto de vista do locutor em relação ao seu dito, sentimentos, podem indicar tempo, modo e aspecto.

Por meio dessas partículas, o locutor inscreve, no enunciado, seu julgamento sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição por ele expressa, opiniões sobre o conteúdo que diz ou escreve, sendo que o conteúdo proposicional de um enunciado pode ser expresso ou ser pensado pelo falante de várias maneiras, incluindo asseveração, dúvida, desejo, frustração etc.

A análise do posicionamento do sujeito enunciativo frente ao dito ou ao modo de sua enunciação permite estabelecer graduações diferentes de seu engajamento ou de seu afastamento em relação ao que afirma.

Algumas dessas partículas funcionam como *evidenciais*, isto é, fazem referência à relação subjetiva do locutor com a informação veiculada, sendo que o mesmo envolve o comprometimento do sujeito com o dito e com a fonte da informação (se o locutor realmente viu / vivenciou aquilo sobre o que está falando, ou se ele apenas tece conjecturas sobre a ocorrência de um dado evento baseado em alguma evidência, ou ainda se alguém lhe contou um determinado fato, ou se ele apenas ouviu falar sobre tal fato), sendo que tal postura pode afetar o status da informação no que diz respeito à sua credibilidade.

Além de desempenharem uma função enunciativo-pragmática, essas partículas servem para organizar a informação no enunciado, ou seja, tem uma função enunciativo-hierárquica no enunciado (Hagège, 1982), indicando as funções *tópico* ou *foco*, conforme veremos ao longo deste capítulo.

As partículas assertivas podem ser agrupadas em dois grupos, o das partículas *evidenciais* e o das *não-evidenciais*, conforme mostra o quadro 16, a seguir:

Quadro 16: Partículas evidenciais e não-evidenciais em Sateré-Mawé

Partículas Evidenciais	Partículas Não-Evidenciais	
{ti} > [ti] ~ [ri] ~ [ni]	so	toro
{tiŋ} > [tiŋ] ~ [riŋ] ~ [niŋ]	som	{ten} > [ten] ~ [ren] ~ [nen]
nekē	pon	awiŋ

Fonte: própria, no âmbito deste trabalho.

A seguir apresentamos uma análise dessas partículas, a partir dessa classificação.

5.2.1 Partículas Evidenciais

Sehay sapen ko'i herepmuat ko'i

O uso dessas partículas em Sateré-Mawé faz referência à relação subjetiva do locutor com a informação veiculada, sendo que o mesmo envolve o comprometimento do sujeito com o dito e com a fonte da informação, indicando que o locutor realmente viu / vivenciou aquilo sobre o que está falando.

O fato do locutor ter vivenciado ou observado/visto o que está relatando (Evidencialidade), permite ao locutor se comprometer com a veracidade do dito (Modalidade Epistêmica). Concordamos com Chafe e Nichols (1986), ao considerar que essas noções estão atreladas uma à outra, sendo que uma das funções dos marcadores evidenciais em Sateré-Mawé é indicar o grau de compromisso do locutor com a verdade de sua proposição.

Vejamos, a seguir, o funcionamento das partículas evidenciais {ti}, {tiŋ} e {nekē}.

5.2.1.1 Partícula Evidencial {ti}

A partícula {ti} indica que (i) o evento expresso pelo enunciado foi presenciado ou vivenciado pelo locutor; (ii) que esse evento não é pontual - terminado, ou seja, é um evento que se repete no tempo, não tem um final; (iii) e que pode ter ocorrido no passado, mas que continua tendo validade / ocorrendo no presente (aspecto imperfectivo). Essa partícula também serve para enfatizar (topicalizar) o constituinte ou enunciado que o precede.

A partícula {ti} apresenta dois alomorfes: {ni} e {ri}; o uso dessas variantes é condicionado por fatores fonéticos. A partícula {ti} ocorre após constituintes terminados por vogal e pelas consoantes orais implosivas [k] e [p], conforme mostra o exemplo (1):

- (1) miʔi hawii **ti** meɲewat uito **ti** heso rakat ewi /
 ‘isso’ ‘depois de’ PEN Pron. ‘eu’ PEN ‘é mentira’ PR Posp.
- wenkiʔa it a - tu - ʔu - ʔi are(ʔe) **ti** raʔin /
 ‘saúva’ Neg. P1 + Vz.At.I + ‘comer’+Neg. ‘eu digo’ PEN Asp.

“E depois disso, quanto a mim, aquilo parecia que era mentira (para mim); eu não como mesmo saúva, eu afirmo / digo.

it	a	-	ti	-	ʔutui	-	ʔi	hap	ti	raʔin
Neg.	P1	+	Vz.At.I	+	‘gostar’+Neg.			PR	PEN	Asp.

É que eu não gosto mesmo!”

Essa fala é um relato oral de uma senhora sateré-mawé (MB), que viveu a experiência de um resguardo e que a mesma repassou sua experiência às demais jovens mulheres sateré que estavam presentes em encontro de mulheres, promovido pela Organização dos Professores Sateré-Mawé.

Nesse exemplo, a partícula {ti} ocorre em diferentes posições. Após a locução {miʔi hawii} “depois disso”, formada pelo pronome anafórico {miʔi}, que retoma o relato anterior dessa mesma senhora MB, seguido do conector {hawyi}, que significa “depois de”; o uso da partícula {ti} nesse contexto linguístico indica que o que foi dito anteriormente pela mesma senhora, foi vivenciado por ela – o fato de o sal fazer mal e doer na boca, se consumido no resguardo do período menstrual, e que continua válido atualmente.

Após essa retomada, MB continua relatando sua experiência e utiliza a partícula {ti} após o pronome pessoal {uito} “eu” para enfatizar que ela não comia e nem come saúva atualmente.

No enunciado seguinte, a partícula {ti} ocorre após {are (ʔe)} “eu digo/afirmo”, enfatizando e indicando que o que está sendo dito é vivenciado pela locutora MB. Finalmente, MB utiliza a partícula {ti} após o predicado, enfatizando e indicando, mais uma vez, que ela não gostava e continua não gostando de saúva.

Vejamos, agora, o emprego da variante {ni}, que ocorre após consoantes nasais, como se pode observar no exemplo (2).

(2)	u	-	i	-	miʔu	pakup	turan	ni	miʔu	wo
	P1+		Pos.I	+	‘comida’	‘nova’	Cct.	PEN	‘comida’	Posp.

it	u	-	i	-	poi	-	ʔi	sēse	ti	raʔin
Neg.	P1	+	Vz.Inv.I	+	‘alimentar’ + Neg.			‘muito’	PEN	Asp.

“E quando fiquei menstruada (pela primeira vez), não fui alimentada com comida (com carne) – (Desde que fiquei menstruada pela primeira vez até hoje, não me alimento com carne nesse período (da menstruação).

Essa fala, assim como a do exemplo (1), faz parte do relato oral da senhora MB.

Em (2), o {ni} ocorre após o conector {turan} “quando”, terminado pela consoante alveolar nasal [n]. Essa partícula incide sobre todo o enunciado que a precede, o qual faz referência ao período menstrual de uma forma metafórica (quando eu tenho comida nova = quando eu fiquei menstruada), enfatizando-o e indicando que a locutora vivenciou e continua vivenciando essa experiência. O uso da partícula {ni} nesse enunciado indica para o interlocutor que o fato ainda é vivenciado pela locutora.

No exemplo (3), a variante {ri} ocorre após o consoante alveolar oral [t]. Essa fala faz parte de uma história, contada por um senhor BA, sobre um homem mítico [Sukareporan], que tinha o hábito de fumar e não se preocupava em ir em busca de alimentos para seus filhos. Nesse exemplo, a mulher do referido fala para os filhos que o pai deles ficava fumando o dia todo em vez de procurar comida para os filhos.

- (3) e - i - iwōt ri raʔin it ho - ʔo - waŋ ho - ʔo - waŋ - ʔi
 P2.Pl+Pos.I+‘pai’ PEN Asp. Neg. P3+Part.+‘coletar’ P3 + Part.+‘coletar’+Neg.
- Ø - Ø - ʔe / sūhu neʔi ti raʔin
 P3 +Vz.Md.II+‘dizer’ ‘cigarro’ Asp. PEN Asp.
- to - Ø - hapī ātʔi-ātʔi Ø - Ø - ʔe
 P3+ Vz.At.I+‘fumar’ ‘dia a dia’ P3 +Vz.Md.II+‘dizer’

“Quanto ao pai de vocês, ele nem coleta (saúva), em vez disso é só cigarro que fica fumando o dia todo, disse (a mãe deles). ”

A partícula enunciativa {ri}, no exemplo acima, topicaliza o nome que a precede {eiiwōt} e indica que o evento relatado é vivenciado pela família, incluindo a locutora (a mãe). Esse evento inicia no passado e continua se realizando no presente – aspecto imperfectivo.

5.2.1.2 Partícula {tiŋ}

A partícula {tiŋ}, e seus alormorfes {riŋ}~{niŋ}, indica que (i) o evento expresso pelo enunciado teve um início e um final e é apresentado como um todo acabado – aspecto perfectivo; (ii) ocorreu antes do momento de fala - passado; e (iii) foi visto ou vivenciado pelo locutor em um tempo distante do momento da enunciação. Vejamos os exemplos abaixo:

- (4) – mekētã **tiŋ** naŋ - nia Ø - t - um u - he - pe
 ‘assim’ PEN ‘velho’+ Plz P3+Vz.At.I+‘dar’ P1.In.+Rel.II+ Posp.

“Era assim que os velhos davam para mim.”

Em (4), que faz parte de um relato feito em um encontro de mulheres, a locutora emprega {tiŋ} após *mekētã* (‘assim’), para retomar e fazer referência ao todo vivenciado por ela durante o resguardo, reafirmando o que já tinha dito.

O exemplo abaixo, com o alomorfe {riŋ}, foi retirado do livro de leitura *Warana sa’awy etiat* (“Sobre o primeiro Guaraná”), publicado pela OPISM - Organização dos Professores Sateré-Mawé/MEC, em 2000. Nesse exemplo, a personagem mítica *Uniawasap’i* relata que sentiu o cheiro da cobra que passou perto dela e a mesma inalou esse cheiro, que era muito cheiroso e gostou, como mostra o enunciado abaixo.

- (5) miowat **riŋ** an Ø - Ø - ?e
 Dem. PEN ‘fala feminina’ P3.At+ Vz.Md.II +Aux.

‘Ah, esse sim, disse’

- ikap hiŋ sē kahato rat Ø - Ø - ?e
 ‘cheiroso’ ‘muito’ PEN P3.At + Vz.Md.II+Aux.

‘É muito cheiroso! Disse.’

“Ah esse sim! Disse. É muito cheiroso! Disse.”

No exemplo (5), a locutora emprega {riŋ} após o pronome demonstrativo *miowat* ‘esse sim’, indicando que o dito (Esse é muito cheiroso), foi vivenciado (sentiu o cheiro) por ela em um momento anterior ao da fala, ou seja, após inalar o odor da cobra, a locutora afirma que o mesmo é muito bom.

A partícula {tiŋ}, assim como {ti}, podem ser analisadas como partículas evidenciais, sendo que as mesmas se diferenciam em relação ao momento em que o fato foi evidenciado / vivido ou observado, e em relação ao aspecto.

Enquanto {ti} faz referência a um evento observado ou vivido pelo locutor no momento presente, coincidindo com o momento de fala, ou passado, anterior ao momento de fala, mas que continua sendo realizado (aspecto imperfeito), tendo validade no momento da fala, a

partícula {tin} faz referência a um evento vivenciado ou observado pelo locutor em um momento anterior ao da fala e que já foi finalizado (teve início e fim), ou seja, que é apresenta um aspecto perfectivo.

5.2.1.3 Partícula {nekē}

A partícula {nekē}, ao contrário de {tin}, indica que (i) o evento expresso pelo enunciado ocorreu de fato durante um determinado período de tempo - imperfeito; (ii) antes do momento de fala (passado); e que (iii) foi vivenciado ou visto pelo locutor, sendo que o locutor pode ter visto o evento se realizando ou visto vestígios de um evento realizado recentemente.

O exemplo (6) abaixo, trecho do enunciado (4) apresentado acima, de MB, o uso da partícula {nekē} indica que a locutora está descrevendo como era alimentada durante o resguardo, ou seja, indica que o evento expresso no enunciado era vivenciado por ela, durante o período do resguardo da primeira menstruação, que dura em torno de três meses.

- (6) – meɲewat **nekē** uito u - he - naŋ nia Ø - t - um u - he - pe
 Pron. PEN ‘eu’ P1.In.+Pos.II+‘velho’ Plz. P3.At. + At.I+‘dar’ P1.In.+Rel.II+Posp.
- kuiʔa pikitʔi ūʔi pesikʔa taʔatu - ɲ - um
 ‘cuia’ ‘não pintada’ ‘farinha’ ‘sem mistura’ P3.At.Pl. + At.I + ‘dar’

“Era isso que os meus velhos (pais) davam para mim, cuia sem pintura, farinha sem mistura, eles davam.”

No trecho abaixo, a senhora EZ relatava a orientação dada pelos pais para a realização dos trabalhos cotidianos, após o período de resguardo. Esses dados foram coletados durante o encontro das mulheres Satere-Mawé, na aldeia Marapatá, promovido pela Organização dos Professores. Vejamos os exemplos abaixo.

- (7) miʔitã **nekē** uruwat uru - Ø - ti nimo uru - Ø - mompokuap
 ‘assim’ PE nossa Pl.Excl.+Posp.I+‘mãe’ ‘antigamente’ P1.Excl.+Vz.Inv.I+‘acostumar’

“Era assim que nós éramos acostumados pela nossa mãe no passado.”

Nesse exemplo (7), a partícula {nekē} ocorre após {miʔitā}, indicando que o evento expresso no enunciado aconteceu durante um longo período, da infância até a idade adulta (que é entorno de 15 anos), no passado, e que foi vivenciado pela locutora.

Essa mesma interpretação pode ser feita do enunciado abaixo (8), que é uma continuação da fala da senhora EZ. Nesse trecho, a locutora relata uma das fases do processo de aprendizado de suas filhas, o de começar a trazer mandioca do roçado. Esse aprendizado se inicia mais ou menos aos sete anos de idade e se estende até que a jovem tenha domínio desse afazer feminino.

- (8) miʔi hawii poʔoŋ-poʔoŋ hawii **nekē** uru - he - ʔerūt hīt rī
 Pr. Cct. ‘mais - mais’ Cct. PEN P1.Excl.+Vz.At.II+‘trazer’ ‘pouco’
- raʔin mani uru - Ø - ti po pe
 Asp. ‘mandioca’ P1.Excl+Pos.I+‘mãe’ ‘mão’ Posp.

“Depois disso, depois de estarmos maiores, começávamos a trazer um pouco de mandioca na mão da nossa mãe (para nossa mãe).”

5.2.2 Partículas Não-Evidenciais

Sehay sapen koʻi yt herepmuatʻi koʻi

As partículas não-evidenciais indicam que o locutor não presenciou o evento que está relatando ou descrevendo, portanto não se compromete com a veracidade da proposição. Essas partículas são empregadas para indicar discurso relatado, dúvida, frustração, desejo, conforme veremos a seguir.

5.2.2.1 Partícula {so}

A partícula {so} indica um discurso relatado, sendo que a realização do evento expresso pelo locutor se situa em um passado remoto e que não foi visto ou vivenciado pelo mesmo. O evento foi acessado de forma indireta e se realizou em um passado mais distante.

O emprego dessa partícula é comum em narrativas míticas, mas também ocorre no relato de acontecimentos situados em um passado recente, que não possuem uma origem precisa e conhecida (diz que).

Os exemplos a seguir foram retirados da história *Mani etiat mienoi* (“História da Mandioca”), contada por MLT e transcrita por LM, a qual foi publicada no livro *As Bonitas*

Histórias Sateré- Mawé (Uggé, 1991). Nesse trecho da história sobre a mandioca, a contadora apresenta uma fala do personagem *Ĝosāp ywakup* em que o mesmo estava preocupado, pois a mãe dele estava trabalhando sozinha. Então, ele pensou em buscar mulheres para ajudá-la.

- (09) miʔi hawi **so** Ø - i - haʔāt turan **so**
 PEN P3+Vz.Atr.I+‘olhar’ Asp. PEN
- Ø - i - ti tu - Ø - weran Ø - i - potpāp
 P3+Posp.I+‘mãe’ P3+Vz.Atr.I+‘sozinho’ P3 + Vz.Atr.I+‘trabalhar’

“Depois disso, quando ele estava olhando, a mãe dele estava trabalhando sozinha.”

- (10) miʔi hawi **so** mesūp aru hariporia-ʔin a - hu - ʔāt
 PEN Adv. Asp. ‘mulher’ + Plz. P1+Vz.At.I+ ‘buscar’
- u - i- ti Ø - Ø - ʔe
 P1+Pos.I+ ‘mãe’ P3+Vz.Md+ ‘dizer’

“Depois disso, falou: - agora irei buscar algumas mulheres, minha mãe.”

Nesses dois exemplos, o emprego da partícula {so} indica que se trata de uma narrativa situada em outro tempo, muito distante do atual, em um tempo mítico em que foram criadas as coisas, sendo que nessa narrativa trata-se da origem da mandioca. A partícula {so} indica, portanto, que o que é enunciado, não foi evidenciado / visto / observado pelo locutor, pois trata-se de uma narrativa sem autoria definida e que é repassada de geração em geração.

5.2.2.2 Partícula {som}

A partícula {som} indica que há uma dúvida do locutor em relação à veracidade do que está sendo dito, pois não vivenciou, observou o evento relatado.

O exemplo (11) foi retirado de uma conversa oral via *whatsapp* entre um agente indígena de saúde VM e seu tio JO sobre uma criança que estava doente, como mostra o exemplo abaixo.

- (11) moʔopuo **som** mūʔi tek Ø - Ø - ʔe hap neʔi
 talvez PEN ‘carne’ ‘rasgar’ P3+ Vz.Md +Aux. Nom. PEN

“Talvez seja rasgadura / Deve ser rasgadura”

Nesse exemplo, o tio, que não viu a criança, faz uma suposição sobre a doença da criança, portanto não se compromete com a veracidade da sua fala, ou seja, não afirma nada.

No diálogo abaixo, alguém solicita uma informação e o interlocutor responde, mas não categoricamente, pois tem dúvida em relação a confirmação de sua resposta.

(12.a) uwe wat toin gasolina miweneru wuat?
Pron. Pron. 'ter' 'vender' Posp.

“Quem tem gasolina para vender?”

(12.b) weneru?i-weneru?i Ø - Ø - ?e haria wat som
Vendedores P3+ Vz.Md +Aux Plz. Pron. PEN

“Talvez os que vendem as coisas /os ‘comerciantes’ (da comunidade)”

Nesse exemplo, a partícula {som} ocorre no final desse enunciado, diferentemente do exemplo anterior, em que a mesma ocorre após o primeiro constituinte do enunciado. Essas diferentes posições em que ocorrem as partículas parecem estar relacionadas a organização enunciativo-hierarquica do enunciado, indicando o termo focalizado, nesse caso. Em (12.b) todo o enunciado está focalizado, ou seja, traz uma nova informação, em relação ao (12.a).

5.2.2.3 Partícula {awiin}

Essa partícula indica que o locutor não é a fonte da informação, que o que está enunciando foi dito por outra pessoa e, portanto não se compromete com a veracidade da informação.

O exemplo a seguir foi retirado de uma conversa oral via *whatsapp* entre uma funcionária indígena da Escola Indígena São Pedro OZ e o senhor JO sobre a atualização de um currículo do professor JB, como mostra o exemplo abaixo.

(13) puruwei José Ø - ti - wan na?in awiin kuite ecurrículum
'professor' 'Jose' P3 + Vz.At.I + 'escrever' Asp. PEN Dem. 'currículo'

“Parece que o prof. José já está lá (em outro lugar) escrevendo teu currículo. ”

Em (13), o professor José, a pedido de um dos servidores da escola, já estava fazendo a atualização do currículo de outro professor que estava na escola. Então, na hora da atualização,

o locutor não estava presente, por isso que usou a partícula {awiiŋ} ‘parece que’, para indicar que não estava vendo a realização do evento, não se comprometendo, assim, com a veracidade do dito.

Esse outro exemplo foi retirado de uma postagem no grupo de *whatsapp* denominado *Sateré Ty* (Mãe do Sateré), sobre a morte de uma menina que se envenenou com timbó.

- (14) koitiʔi **awiiŋ** piʔã tawa Nova América piat tu-we-ʔauka uuku wo
Adv. PEN ‘menina’ ‘aldeia’ Nova América Posp. 3p+Vz.Inv+‘matar’ ‘timbó’ Posp.

“Hoje falaram que uma menina da comunidade Nova América se matou com o timbó”

O uso da partícula {awiiŋ} indica que o locutor não presenciou o evento enunciado. Ele está apenas repassando uma informação obtida de outra pessoa.

No exemplo a seguir, um professor informou a sua filha que a mãe estava viajando para cidade e que essa informação tinha sido repassada por outra professora da comunidade Simão, como mostra o exemplo.

- (15) Valmira **awiiŋ** hempi pe Ø - t - ũt Ø - Ø - ʔe nekē Lailza
Valmira PEN ‘cidade’ Posp. P3+Vz.Atr.II+‘vir’ P3+Vz.Md+‘dizer’ PEN Lailza

“Parece que Valmira vem para cidade, assim disse Lailza ”

Nesse exemplo, a partícula {awiiŋ} indica que a fonte da informação não é o locutor, portanto ele não se compromete com a veracidade da informação.

5.2.2.4 Partícula {ten}

A partícula {ten} e seus alormorfes [ren] e [nen]¹⁶ é usada para indicar que a realização do evento é possível, mas não certa. Pode-se dizer que essa partícula indica *modo subjuntivo*, pois a realização do evento é apresentada como sendo hipotética, incerta ou que está condicionada à realização de um outro evento.

O exemplo (16) foi retirado da história *Mani etiat mienoi*, contada por MLT e transcrita por LM, publicada no livro *As Bonitas Histórias Sateré-Mawé*. Nesse trecho da história sobre

¹⁶ O uso dessas formas é condicionado por fatores morfofonológicos: quando precedida por palavra terminada com vogal ou pelas consoantes [p] e [k], realiza-se como [ten]; quando precedida por palavra terminada com [t], realiza-se como {ren}; e precedida por consoante nasal, realiza-se como [nen]. Essa regra é bastante regular na língua Sateré-Mawé e se aplica a várias palavras.

a mandioca, a contadora apresenta uma fala do personagem *Ĝosāp'ywakup* em que o mesmo está aconselhando três meninas a se defender do *Awyato ywōt'i* (jacaré).

- (16) wentupʔok ʔo apuwat rote **ten**
 'outro' PEN Dem. Asp. PEN
- uru - Ø - ʔu e - re - (ʔe) ʔo Ø - Ø - ʔe
 P1Excl.+Vz.At.I+'comer' P2+ Vz.Md+'dizer' PEN P3+Vz.Md+'dizer'

“e a outra (perguntará ao jacaré) ‘em qual (dente) você disse que nos comerá?’, disse.”

Nesse exemplo, o uso da partícula {ten} indica que a realização do evento expresso pela questão / pergunta (o evento de comer as personagens) é apresentado como incerto, hipotético.

Vejamos o exemplo a seguir:

- (17) e - re - mū'e ro
 P2 +Vz.Md.I + 'estudar' PEN
- mi'i pote **ten** waku e - e - ko
 isso Posp. PEN 'bom' P2 + Pos.I + 'comportamento'

“Vá estudar! Se fizer isso, talvez melhore teu comportamento.”

O exemplo (17) é a fala de uma mãe para seu filho que não tem bons comportamentos. Ela o manda estudar, para que mude seu comportamento, se torne mais responsável. A mudança do comportamento do filho estaria condicionada aos estudos dele, mas, mesmo isso ocorrendo – ele estudar, ainda há incerteza quanto à realização do evento ‘melhorar seu comportamento’

5.2.2.5 Partícula {pon}

A partícula {pon} indica que a expectativa do locutor não se realiza, ocorrendo uma divergência entre o que enunciador esperava e o que realmente aconteceu. Pode-se considerar essa partícula como um *frustativo*, termo usado para análise de morfemas com o mesmo valor em outras línguas Tupi.

O exemplo a seguir foi retirado de uma conversa oral via *whatsapp* entre um presidente de uma organização indígena OG e o senhor JO questionando sobre atuação dos responsáveis da saúde indígena na Casa de Saúde Indígena, como mostra o exemplo abaixo.

- (18) miʔi tupono ti rat wi uito **pon**
 dem. conect. PEN PEN ‘também’ ‘eu’ PEN
- it a - he - katup - ʔi raʔin miʔitã koʔi hamuat
 Neg. P1+ Vz.At.II+ ‘esperar’ + Neg. Asp. assim Plz. tempo

“Por isso eu também já não esperava mais que acontecesse assim”

Nesse exemplo, o locutor expressa sua decepção em relação a algo que aconteceu com a gestão da saúde indígena, pois não esperava que isso acontecesse novamente.

O exemplo (19) foi retirado do livro *Sateré-Mawé Miwan Pakup*, de uma narrativa escrita por um professor sobre o personagem Ase’i. Trata-se de uma cena em que o Ase’i foge para o mato e os que o procuravam foram com lanterna, mas não o encontraram e voltaram para suas casas, como mostra o trecho do enunciado abaixo.

- (19) Miʔi Ø - i - mehīt-mehīt haria **pon**
 Pr.3 P3+ Vz.At.I+‘focar’ Plz PEN
- teʔera - Ø - ʔaipok iraʔin taʔatu - Ø - ʔiat kape
 P3 pl. + Vz.At.I + ‘voltar’ Asp. P3 pl. + Pos.I + ‘casa’ Posp.

“Mas os que focaram (com lanterna), já voltaram de novo para casa deles (sem o terem encontrado).”

O uso da partícula {pon}, nesse exemplo, indica que os personagens que foram procurar o Ase’i na floresta foram frustrados em sua expectativa de o encontrar.

O exemplo (20) é a fala de uma mãe para seu esposo que está relatando que o filho continua usando drogas. A mãe diz, então, que não quer mais saber disso, que já cansou de aconselhar e tentar fazer o filho mudar. O uso da partícula {pon} indica sua frustração em relação ao filho.

- (20) uito **pon** it a - ti - kuap - ʔi raʔin hētiat
 eu PEN Neg. 1A + Vz.At.I + saber + Neg Asp. sobre

“Eu já não quero mais saber disso!”

Como mostram os exemplos acima, a partícula {pon} serve para expressar um sentimento do locutor – frustração, ou seja, um ato ilocucionário expressivo. Essa também é a função da partícula {toro}, como veremos a seguir.

5.2.2.6 Partícula {toro}

O uso dessa partícula indica que o locutor deseja que algo se realize. Vejamos os exemplos:

- (21) āt Ø - Ø - hakup **toro** a - re - sokpe -koho hap mo
 ‘sol’ P3+Vz.Atr.I+‘estar quente’ PEN P1+Vz.Med.I+‘roupa’+‘lavar’ Rel. Posp.

“Tomara que o sol esteja quente para que eu possa lavar minha roupa”.

- (22) i - Ø - haiŋte **toro**
 P3+ Vz.Atr.I+ ‘ter saúde’ PEN

“Tomara que tenha saúde (melhore) / Que tenha saúde!”.

Esses dois exemplos correspondem a atos ilocucionários expressivos, sendo que o locutor expressa, ao usar a partícula {toro}, seu desejo de que o dito por ele se realize.

Essas partículas usadas em enunciados assertivos podem, então, ser classificadas a partir de dois critérios, o da evidencialidade e o dos atos ilocucionários. Quanto à evidencialidade, pode-se classificá-las em dois grupos, o das partículas evidenciais, que indicam que o locutor vivenciou ou viu o que está enunciando, comprometendo-se, assim, com a veracidade do dito; e o das partículas que não são evidenciais.

Enquanto que as partículas evidenciais fazem referência a atos ilocucionários assertivos, as partículas não-evidenciais podem fazer referência a atos ilocucionários assertivos e expressivos, conforme apresentamos no quadro 17.

Quadro 17: Partículas evidenciais e não-evidenciais por atos ilocucionários

Partículas Evidenciais	Partículas Não-Evidenciais	
Atos ilocucionários ASSERTIVOS	Atos ilocucionários ASSERTIVOS	Atos ilocucionários EXPRESSIVOS
{ti} > [ti] ~ [ri] ~ [ni]	so	awiŋ
{tiŋ} > [tiŋ] ~ [riŋ] ~ [niŋ]	{ten} > [ten] ~ [ren] ~ [nen]	toro
nekē	som	

Fonte: própria, no âmbito deste trabalho.

A seguir, apresentamos as partículas empregadas em enunciados imperativos, as quais correspondem a atos ilocucionários diretivos, os quais têm a pretensão de fazer com que o interlocutor realize uma determinada ação (ordenar, pedir, aconselhar, etc.).

5.3 Partículas enunciativas em enunciados imperativos

Sehay sapen ko'i wo'opo'oro hap ko'i

Enunciados imperativos são aqueles que indicam que o enunciador tem a intenção de intervir no comportamento do interlocutor, seja dando-lhe uma ordem, fazendo-lhe um pedido, sugerindo ou aconselhando-o. Em Sateré-Mawé, existem diferentes partículas, com diferentes valores, que podem ser usadas em enunciados imperativos.

5.3.1 Partícula {to}

A partícula {to} e seus alomorfes {ro} e {no}, indica ordem, ou seja, indica que o locutor age sobre o interlocutor, o qual é obrigado a realizar o que é solicitado ou pedido pelo locutor. O enunciado (23) foi retirado da história do guaraná, contada por MLT e transcrita por LM, a qual se encontra no livro *As Bonitas Histórias Sateré-Mawé*. No trecho abaixo, a narradora conta que, após os irmãos de *Uniawasap?i* terem matado seu único filho, um ser mítico mandou retirar as partes do corpo dele, ou seja, mandou tirar a coxa direita, a coxa esquerda e o fígado do filho de *Uniawasap?i*, conforme mostra o exemplo abaixo.

Enunciados diretivos (ou imperativos) são aqueles que indicam que o enunciador tem intenção de intervir no comportamento do interlocutor, seja dando-lhe uma ordem, fazendo-lhe um pedido, sugerindo ou aconselhando. Em Sateré-Mawé, existem diferentes partículas, com diferentes valores, que podem ser usadas em enunciados diretivos.

- (23) e - ti - hep to Ø - i - ?uptu puerete Ø - Ø - ?e
 P2+Vz.At.I+‘tirar’ PEN P3 +Pos.I+‘coxa’ ‘verdadeiro’ P3.At.+Vz.Md.II+‘dizer’

“Tire a coxa direita/verdadeira dele, disse”

e - ti - hep to Ø - i - ?uptu morān kawiat Ø - Ø - ?e
 P2+Vz.At.I+‘tirar’ PEN P3 +Pos.I+‘coxa’ ‘mão falsa’ ‘do lado’ P3.At.+Vz.Md.II+‘dizer’

“Tire a coxa do lado esquerda dele, disse”

“Tira o fígado dele, disse”

O enunciado abaixo faz parte de uma fala da senhora (EZ), na qual está explicando aos participantes do encontro das mulheres um fato vivenciado após o período de resguardo, em que a mãe lhes mandava buscar mandioca, pois já tinham concluído a passagem de menina para mulher adulta.

“ ‘Vão buscar mandioca, minhas filhas!’ dizia.”

5.3.2 Partícula {sake}

“Coloca para a professora”

Nesse exemplo, temos uma fala realizada durante um almoço, no qual o professor Sateré JO pede à filha para servir salada para uma outra pessoa (professora) que está almoçando junto com eles. O emprego da partícula {sake} ocorre após o verbo nesse enunciado, indicando um pedido do locutor para ser realizado em favor de um terceiro interlocutor. Vejamos o diálogo a seguir.

(26.a) kat apo aru moŋkiʔite a - i - miʔu wo
 o que int. fut amanhã P1 pl.Inc+ Pos.I +‘comida’ Posp

“O que será amanhã para nossa comida”?

(26.b) waipaka
 “frango”

(26.c) waipaka **sake** e - ti - hep
 ‘frango’ PEN P2 + Vz.At.I + ‘tirar’

“É para você tirar o frango mesmo”.

Esse diálogo ocorre entre três pessoas. No enunciado (26.a), o professor JO pergunta para a professora DCF o que vai ser almoço no dia seguinte e ela responde que vai ser frango - enunciado (26.b). Então, o professor se dirige à filha e solicita que ela retire o frango do congelador para descongelar, para o almoço do dia seguinte – enunciado (26.c). O emprego de {sake} nesse enunciado (26.c), ocorre após o constituinte nominal *waipaka* e indica, como no exemplo anterior, um pedido do locutor para um dos interlocutores (sua filha) em favor de um terceiro interlocutor (a professora).

5.3.3 Partícula {ʔo}

A partícula {ʔo} é utilizada para indicar que a intenção do locutor é a de aconselhar, orientar o interlocutor a fazer algo.

Vejamos a seguir alguns exemplos do uso da partícula {ʔo}, retirados da história *Mani etiat mienoi*, contada por MLT e transcrita por LM, publicada no livro *As Bonitas Histórias Sateré-Mawé* (Uggé, 1991, p.168). O exemplo (27) é um trecho da história sobre a mandioca, a contadora apresenta uma fala do personagem *Ĝosāp ywakup* em que o mesmo está aconselhando três meninas a se defender do *Awyato ywōt'i* (jacaré) que irá aparecer para elas questionando-as sobre o paradeiro de *Ĝosāp ywakup* e que as acusará de o ter escondido.

(27) Fala do personagem *Ĝosāp ywakup*:

wentupʔok ʔo Ø - ī - hai Ø - ī - hai Ø - Ø - ʔe
 ‘outra’ PEN P3+Vz.At.I+‘falar’ P3+Vz. At.I+‘falar’ P3+Vz.Md.II+‘dizer’

“Uma deve ficar falando bastante, disse;”

wentupʔok ʔo wakupe raʔin Ø - i - po pe nu sakup Ø - Ø - ʔe
 ‘outra’ PEN ‘estar pronto’ Asp. P3+Rel.I+‘mão’ Posp. ‘pedra’ ‘quente’ P3+Vz.Md.II+‘dizer’

“E a outra deve ficar pronta com uma pedra quente na mão, disse;”

wentupʔok ʔo a - puwat rote ten uru - Ø - ʔu
 ‘outra’ PEN Int.+‘este’ Asp. P1.Excl.+Vz.Inv.+‘comer’

e - re - (ʔe) ʔo Ø - Ø - ʔe
 P2+Vz.Md.II+‘dizer’ PEN P3+Vz.Md.II+‘dizer’

“e a outra (perguntará ao jacaré) ‘em qual (dente) você disse que nos comerá?’, disse. ”

Nesse exemplo, *Ĝosāp ywakup*’i aconselha cada uma das meninas a fazer uma coisa diferente, quando o *Awyato ywōt*’i aparecer. Uma delas, deverá ficar falando bastante, a outra, ficará pronta com uma pedra quente na mão; e a terceira perguntará ao jacaré, com qual dos dentes ele as comerá. Tudo isso para que elas pudessem distraí-lo e, assim, matá-lo, jogando a pedra quente em sua boca quando ele a abrisse para mostrar os dentes.

A partícula {ʔo}, nesses exemplos, ocorre após o constituinte nominal *wentupʔok* que faz referência às personagens que estão sendo orientadas, aconselhadas; e também após a fala que o *Ĝosāp ywakup*’i aconselha a terceira personagem a fazer para o jacaré, indicando uma sequência de ações que as personagens devem fazer para poder matar o jacaré.

No exemplo abaixo, uma contadora de histórias míticas aconselha os interlocutores a prestarem atenção na história contada por ela, para poderem pouco a pouco assimilar / conhecer a mesma.

(28) ewe - hoʔo - paŋ - hoʔo - paŋ naʔin ʔo eipe wi
 P2 pl+part.+‘colocar’ + part.+‘colocar’ Asp. PEN ‘vocês’ ‘também’

“Vocês também já devem ir colocando (na cabeça) / assimilando parte da história”

Em (28), a partícula {ʔo} ocorre após o predicado, indicando que a locutora está orientando/aconselhando os interlocutores {eipe} ‘vocês’, a prestarem atenção, a fim de conseguirem assimilar à história contada por ela.

5.3.4 Partícula {it...teiʔo}

Caso a intenção do locutor seja a de aconselhar a não fazer algo, empregará o morfema {it...teiʔo} ou um de seus alomorfes [it...reiʔo] ~[it...neiʔo], sendo que o uso dos mesmos é condicionado por fatores fonéticos: quando precedido por palavra terminada com vogal ou pelas consoantes [p] e [k], realiza-se como [it...teiʔo]; quando precedido por palavra terminada com [t], realiza-se como [it...reiʔo]; e precedido por consoante nasal, realiza-se como [it...neiʔo].

Esta partícula {it...teiʔo} e seus alomorfes incidem sobre o predicado e indicam atos ilocucionários diretivos negativos, ou seja, indicam que o locutor está orientando o interlocutor, mas de forma negativa, ou seja, orientando-lhe a não fazer algo, conforme mostram os exemplos abaixo.

O exemplo (29), a seguir, foi retirado da história *Ase'i hu etiat*, escrita pelo professor EFO, publicada no livro *Satere Miwan Pakup* (Franceschini, 2008, p. 34).

(29) – mesūp taʔin e - ti - ʔahik to Ø - Ø - ʔe
 ‘aqui/agora’ Asp. P2+Vz.At.I+‘bater’ Imp. P3 +Vz.Md.II+‘dizer’

“Já está aqui (a criação), bata (nela) agora! disse”

– **it** e - ti - haika **teiʔo** maʔato Ø- Ø - ʔe
 Neg. P2 + Vz.At.I+‘chorar’ Neg. Cct. P3+Vz.Md.II+‘dizer’

“mas não faça (ele) chorar, disse!”

Nesse trecho, o autor conta que o vovô pretendia transformar a criação dele em uma onça. Ao saberem disso, os vizinhos planejaram matar o animal de criação do vovô. Quando chegaram ao local, um dos vizinhos aconselhou/orientou o colega para bater na criação, mas que não podia fazê-lo chorar. O uso de {it....teiʔo} indica que o locutor está orientando o interlocutor a não realizar determinado evento, no caso, o evento ‘fazer chorar a criação’.

O exemplo abaixo foi retirado da fala de uma senhora (EZ), que contava a experiência de orientação que os pais repassavam durante o período de resguardo, durante o Encontro de

Mulheres promovido pela Organização dos Professores - OPISMA na aldeia Marapatá, rio Andirá.

- (30) a - i - nampin a - ha - maratkaŋʔi turan
 Pl.Excl.+ Vz.At.I+‘aconselhar’ Pl.Incl.+ Vz.Atr.II+ ‘resguardo’ Cct

“Quando estávamos de resguardo, nos aconselhavam”

it e - r - entem e - r - entem **neiʔo** u - i - mempit Ø - Ø - ʔe
 Neg. P2 + Vz.Md.I+‘sair’ P2 + Vz.Md.I+‘sair’ Neg. P1 + Pos.I+‘filha’ P3 + Vz.Md.II+‘dizer’

“Não fique saindo tanto, minha filha! Dizia.”

“Quando estávamos no resguardo [nossa mãe] nos aconselhava (em período de menstruação): “não saia tanto, minha filha”, dizia.”

Nesse exemplo, temos o uso do alomorfe [it...neiʔo], pois o verbo termina por consoante nasal. Seu uso indica que a mãe orientava, aconselhava as filhas a não fazerem algo, ou seja, a não saírem, ficarem andando pela comunidade no período do resguardo. É interessante verificar que no contexto linguístico, o uso do verbo *ainampin* ‘nos aconselhava’, já nos certifica da função dessa partícula, a de aconselhar.

5.3.5 Partícula {wainj...te}

A partícula {wainj...te} e seus alomorfes [wainj...re] ~ [wainj...ne]¹⁷ indica que o locutor está dando ordem, exigindo que um determinado comportamento do interlocutor ou evento não seja realizado pelo interlocutor.

Vejamos o exemplo abaixo, que foi retirado do livro *Warana saʔawi etiat*, cuja história foi escrita por um professor indígena e publicado pelo OPISM/MEC, em maio de 2000.

- (31) **wainj** e - i - wempāpʔi **te** u - he - wowi Ø - Ø - ʔe
 Neg. P2 pl. + Vz. At.I+‘falar’ Neg. P1+Rel.II+Posp.II P3 + Vz.Md.II+‘dizer’

‘não falem comigo, disse.’

¹⁷ A distribuição dessas formas obedece à mesma regra morfofonológica que as demais partículas que apresentam variação.

it e - i - moweuka?i hamo ?i rat a - r - iot Ø - Ø - ?e
 Neg P2 pl+Vz.At.I+‘brincar’ Posp. + Neg P1+Vz.Md.I +‘vir’ P3+Vz.Md.II+‘dizer’

‘não foi para brincar com vocês que eu vim, disse’

sopo ro pino ewei - Ø - wat Ø - Ø - ?e
 ‘vai’ PEN Cct P2pl. + Vz.Md.I+‘ir’ P3+Vz.Md.II+‘dizer’

‘Por isso vão embora para lá! Disse.’

“Não falem comigo, disse. Não foi para brincar com vocês que eu vim. Por isso vão embora para lá! Disse.”

Nesse trecho da história, a personagem mítica *Uniawasap?i* chama a atenção das personagens que a estavam perseguindo para que não a perturbassem, ordenando para que não lhe dirigissem a palavra, pois não estava lá para brincar com eles. Para lhes dar uma ordem negativamente usa {waiŋ...te} no primeiro enunciado. Já na última fala, *Uniawasap?i* ordena positivamente, usando a partícula {ro}, que saiam de lá, para irem embora do local que ela se encontrava.

O exemplo (32), foi retirado de um diálogo em que a irmã mais velha, que cuida da casa e lava as roupas dos irmãos, pede para a sua irmã mais nova não sujar a roupa.

(32) **waiŋ** e - re - mohūn **ne** Safira
 Neg. P2 + Vz.Md.I + ‘sujar’ Neg ‘Safira’

“Não se suje Safira!”

Nesse exemplo, a irmã mais velha chama a atenção da irmã mais nova, dizendo que a mesma não podia sujar as roupas dela, pois não era ela que lavava.

No quadro 18 a seguir, apresentam-se as partículas enunciativas que indicam atos diretivos.

Quadro 18: Partículas enunciativas diretivas em Sateré-Mawé

Partículas diretivas	Valor ilocucionário
to ~ ro ~ no	Indica ordem – o interlocutor é obrigado a realizar o que é solicitado ou pedido pelo locutor.
sake	Indica solicitação – o locutor solicita algo para benefício de um terceiro
?o	Indica aconselhamento – o locutor aconselha/orienta o interlocutor.
it...rei?o ~ it...tei?o ~ it...nei?o	Indica orientação negativa – o locutor aconselha/orienta interlocutor a não realizar algo.
waiŋ...te ~ waiŋ...re ~ waiŋ...ne	Indica ordem negativa – o locutor ordena o interlocutor a não realizar algo.

Fonte: própria, no âmbito deste trabalho.

Pode-se dizer que as partículas diretivas estão organizadas em um contínuo que vai de uma ordem, em que o interlocutor deve obrigatoriamente fazer o solicitado, até um pedido / conselho, em que o interlocutor decide sobre a realização ou não do solicitado, tanto em enunciados afirmativos, quanto em enunciados negativos.

A seguir, apresentamos as partículas usadas em enunciados interrogativos.

5.4 Partículas enunciativas em enunciados interrogativos

Sehay sapen ko'i apo-apo ehap ko'i

Em Sateré-Mawé, os enunciados interrogativos recebem geralmente partículas que indicam que se trata de uma interrogação, ou seja, de um ato em que o locutor solicita algo / uma informação ao interlocutor. No entanto, também ocorrem enunciados interrogativos não marcados por partículas interrogativas; nesse caso, a entonação indica que a intenção do locutor é interrogar o interlocutor.

Os enunciados interrogativos podem ser de dois tipos: **(i) total**, cuja resposta pode ser afirmativa ou negativa; e **(ii) parcial**, cuja resposta do interlocutor deve preencher a lacuna deixada pelo locutor. Vejamos os exemplos, a seguir:

Perguntas totais:

- (33) e - re - to raʔin manaus kape?
P2+Vz.Med.I+'ir' Asp. 'Manaus' Posp.

“Você já foi para Manaus?”

- (34) waku apo a - i - mi - ʔu ape oken upī?
 ‘ser bom’ Inter. 1incl.+Vz.Atr.I+nomin.+‘comer’ ‘casca’ ‘quintal’ Posp.

“É bom [deixar] a casca da nossa comida no quintal?”

As perguntas em (33) e (34) são totais, pois espera-se do interlocutor uma resposta afirmativa ou negativa em relação ao que está sendo questionado.

Perguntas parciais:

- (35) kan wa - ti - koi ii hup me?
 ‘o que’ 1incl.+Vz.At.I+‘plantar’ ‘terra’ ‘vermelha’ Posp.

“O que a gente planta na terra vermelha?”

- (36) aikotã a - re - ʔe aru a - ti - maʔat u - i - ti?
 ‘como’ P1+Vz.Med.+‘fazer’ TM P1+Vz.At.I+‘enganar’ P1.In.+Pos.I+‘mãe’

“Como eu vou fazer [para] enganar minha mãe?”

As perguntas em (35) e (36) são parciais, ou seja, exigem do interlocutor uma resposta que preencha a lacuna deixada pela interrogação. Em (35), o locutor questiona o interlocutor um dos constituintes do enunciado (o complemento verbal) e, em (36), sobre o modo ‘de se realizar a ação’.

Em Sateré-Mawé, os enunciados interrogativos totais e parciais podem ser marcados pelas partículas {in}, {apo}, {aten} e {asom}, cuja função, além de indicar que o enunciado é interrogativo, consiste em marcar o escopo da interrogação, conforme veremos a seguir.

5.4.1 A partícula interrogativa {apo}

A partícula interrogativa {apo} tem sua origem no lexema verbal {apo} ‘perguntar’. O enunciado assertivo (37.a) ilustra o emprego de {apo} como verbo, encontrando-se flexionado na 3ª pessoa {apo ʔe} “ele perguntou”.

- (37.a) miʔi hawii so apo Ø - Ø - ʔe raʔin
 3sg. ‘depois’ Part. ‘perguntar’ P3+Vz.Med.+Aux. Asp.

“E depois disso, ele perguntou:”

- (37.b) – aikope iŋ e - mi - nuŋ?
 ‘onde’ Inter. P2+nomin.+ ‘fazer’

“Onde está o feito por você?”

A partícula {apo} permite que o locutor delimite o escopo de uma interrogação. Essa partícula pode ser empregada em nível de constituinte e em nível de enunciado. Quando empregada em nível de constituinte, serve para focalizar o constituinte que lhe é anterior; e, em nível de enunciado, ocorre em posição final para indicar que a interrogação recai sobre todo o enunciado.

Vejamos os exemplos, a seguir:

- (38) e - tu - ʔu pīra **apo?**
 P2+Vz.At.I+‘comer’ ‘peixe’ Inter.

“Você comeu o peixe?”

Em (38), a partícula {apo} é empregada em posição final e indica que a interrogação recai sobre todo o enunciado. Ao enunciá-la, o locutor questiona o interlocutor sobre ele ter ‘comido o peixe’.

- (39) waku **apo** a - he - ʔini hun?
 ‘ser bom’ Inter. 1incl.+Vz.Atr.II+‘rede’ ‘suja’

“É BOM a nossa rede estar/ficar suja?”

Em (39), a partícula {apo} focaliza o predicado verbal estativo *waku* ‘ser bom’. Interpretamos essas perguntas como retóricas. Ao enunciá-las, o locutor não espera a resposta de seus interlocutores, ao contrário, tem a intenção de fazê-los refletir sobre o benefício de ‘se deixar a rede suja’.

- (40) en **apo** e - tu - ʔu pīra?
 2sg. Inter. P2+Vz.At.I+‘ingerir’ ‘peixe’

“Foi VOCÊ que comeu o peixe?”

Em (40), a partícula {apo} é empregada para indicar uma interrogação, focalizando o constituinte nominal *en* ‘você’.

5.4.2 A partícula interrogativa {iŋ}

Assim como a partícula {apo}, o emprego da partícula interrogativa {iŋ}, em nível de enunciado ou de constituinte, permite delimitar o escopo de uma interrogação.

A partícula {iŋ}, diferentemente da partícula {apo}, pode co-ocorrer com a partícula enunciativa {ke}. Essa partícula, que precede a partícula {iŋ}, é responsável por indicar a atitude do locutor em relação ao que é questionado. De acordo com Spoladore (2011), o emprego da partícula enunciativa {ke} apresenta função semelhante a do emprego de uma pergunta “tag”. Segundo Payne (1997, p. 298), ao empregar esse tipo de interrogação, o locutor tem frequentemente algum conhecimento da informação sobre a qual interroga, direcionando a resposta do interlocutor para “sim” ou “não”. Em se tratando do emprego da partícula {ke}, entretanto, o locutor não direciona a resposta do interlocutor, mas suspeita de sua resposta, esperando receber uma confirmação em relação às suas expectativas. Vejamos os exemplos, a seguir:

- (41) e - he - si?at ke iŋ?
P2 + Vz.Atr.II + ‘ter fome’ Part. Inter.

“Você está com fome?”

Em (41), a partícula {iŋ} indica que a interrogação incide sobre todo o enunciado. O locutor interroga o interlocutor sobre ‘ele ter fome’ e emprega a partícula {ke} a fim de indicar que desconfia da resposta de seu interlocutor.

- (42) i - i - kahu ke iŋ wahi?
P3 + Vz.Atr.II + ‘ser bonito’ Part. Inter. ‘colar’

“É BONITO o colar?”

No enunciado (42), a partícula {iŋ} serve para focalizar o predicado verbal estativo {-kahu} ‘ser bonito’, escopo da interrogação. E, ao empregar a partícula {ke}, o locutor indica que suspeita da resposta de seu interlocutor, mas quer confirmá-la.

As partículas interrogativas {iŋ} ou {apo} se diferenciam pela possibilidade ou não de co-ocorrência com a partícula {ke}. Enquanto a partícula {iŋ} pode co-ocorrer com a partícula {ke}, não observamos em nosso corpus a co-ocorrência de {ke} com a partícula {apo}. Pode-se dizer que o emprego da partícula {apo} indica um posicionamento neutro do locutor em

relação ao que é interrogado. Ao contrário, o emprego da partícula {in}, acompanhada da partícula {ke}, indica que o locutor se posiciona em relação ao que questiona, indicando ao interlocutor que já supõe qual seja a resposta dele, embora não tenha certeza.

5.4.3 Partícula interrogativa {aten}

A partícula {aten} é formada pela partícula {ten}, que, conforme já apresentado acima, indica a eventualidade, possibilidade de realização de um evento (modo subjuntivo), prefixada por {a-}, que indica indefinição em relação a algo.

A partícula {aten}, por sua vez, funciona como uma partícula interrogativa, indicando que o locutor interroga o interlocutor, solicitando sua opinião sobre uma condição necessária para a realização de um evento que deseja realizar, conforme mostra o exemplo a seguir.

- (43) inʔ ne **aten** ini korã wuat a - ti - koho pote?
 enxugar ainda PEN rede agora Asp. P1+Vz.At.I +‘lavar’ se

“Será que enxugaria ainda, se lavar a rede agora?”

Nesse exemplo, a filha do professor JO estava pensando em lavar a rede da mãe, às quinze horas da tarde, e pediu a opinião das demais pessoas de casa, questionando-as sobre a possibilidade da rede secar ou não até o anoitecer. Por isso o emprego da partícula {aten} após o predicado *inʔ ne* “ela ainda secaria”, sobre o qual recai a interrogação.

A partícula {aten} também é empregada quando a intenção é solicitar um favor de alguém, interrogando-o se poderia ou não realizá-lo, conforme mostra o exemplo a seguir.

- (44) e - tio - to **aten** meikowat aseʔi kape Ø - i - pohap merep mo?
 P2+Vz.At.I+‘levar’ PEN Pro. Pos. ‘avô’ Posp. P3+Pos.I+‘oferta’ Adv. Posp.

“Você levaria esta oferta rapidamente para teu avô?”

Em (44), a partícula {aten} incide sobre o predicado {etioto} ‘você levaria’, que a precede. Nesse exemplo, a mãe questiona seu filho sobre a possibilidade de ele levar ao avô uma oferta, no caso seria um pedaço de carne de um animal que tinha sido caçado.

Pode-se dizer que este tipo de pergunta se aproxima de um pedido, podendo ser traduzido por “por favor, você levaria para seu avô esta oferta?”, indicando um ato ilocucionário diretivo.

5.4.4 Partícula {asom}

A partícula {asom}, assim como {aten}, é formada por dois morfemas, a partícula {som}, que indica dúvida, e o prefixo {a-}, que indica indefinição em relação a algo. A partícula {asom} indica, por sua vez, que a interrogação incide sobre alguma dúvida do locutor. Ou seja, o locutor deseja que o interlocutor tire alguma dúvida dele. Vejamos o exemplo a seguir.

- (45) mio asom i - Ø - perup taʔyn kumana puruwei?
Dem. PEN P3+Vz.At.I +‘amolecer’ Asp. ‘feijão’ ‘professor’

“Será que agora o feijão já está amolecendo, professor?”

Em (45), a partícula {asom} ocorre após o pronome demonstrativo {mio}, que é usado para fazer referência a algo não visto, neste caso, seria o feijão, por estar em uma panela de pressão. Ao usar a partícula {asom}, o locutor indica que está em dúvida sobre o feijão estar pronto – mole, ou não.

- (46) miʔi asom u - i - wiria - ʔin aikotã . hap kaipii tu - we - ukuʔu?
Pr.3 PEN P1+Pos.I +‘povo’+Col. Adv. Nmz. Posp. P3 + Vz.Md.I+se envenenou’

“E esse jovem meu povo, como foi que / por que se envenenou?”

O exemplo (46), foi retirado da fala de um dos membros de um grupo de *whatsapp* Sateré-Mawé, que, ao saberem do suicídio de um jovem Sateré-Mawé, perguntavam-se sobre o acontecimento. Nesse exemplo, o locutor questiona sobre o porquê do suicídio desse jovem, indicando sua dúvida em relação a essa questão, a causa de tantos suicídios de jovens do povo Sateré-Mawé, e, mais especificamente, sobre o suicídio desse jovem.

O Quadro 19 a seguir apresenta um resumo das partículas enunciativas interrogativas na língua Sateré-Mawé.

Quadro 19: Partículas enunciativas interrogativas em Sateré-Mawé

Partículas interrogativas	Valor ilocucionário
apo	Indica interrogação em nível de constituinte ou enunciado, delimitando o escopo da interrogação.
iŋ	Indica interrogação e pode co-ocorrer com a partícula <i>ke</i> (de dúvida ou expectativa quanto à resposta)
aten	Indica uma dúvida quanto à possibilidade de realização de um evento,

	geralmente usada em perguntas sobre a possibilidade de algo ocorrer.
asom	Indica dúvida ou incerteza sobre o que está sendo questionado.

Fonte: própria, no âmbito deste trabalho.

Neste capítulo, pretendeu-se apresentar uma análise das partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé, apresentando seu funcionamento enunciativo-pragmático. No entanto, devido à complexidade do funcionamento dessas partículas e o elevado número dessas, não foi possível fazer um estudo exaustivo dessas unidades da língua. Portanto, mais estudos serão necessários para que possamos compreender melhor o funcionamento das partículas enunciativas em Sateré-Mawé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS // І?А?УНІК НАР



Nesta dissertação, propusemos uma descrição e análise das partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé. Os dados utilizados foram extraídos de um *corpus* composto por textos orais e escritos, parte dos quais já integrava o nosso acervo pessoal, enquanto outra parte foi coletada especificamente no contexto desta pesquisa. Teoricamente, essa pesquisa ancorou-se na linguística descritiva, com especial atenção às contribuições do Funcionalismo, da Teoria da Enunciação e da Pragmática Linguística, estabelecendo-se três objetivos específicos: (a) identificação das partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé; (b) descrição do funcionamento morfofonológico dessas partículas e (c) análise do funcionamento enunciativo-pragmático das partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé.

O primeiro objetivo consistiu em *identificar as partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé*. A partir da análise do *corpus*, foram identificadas 25 partículas que aparentam funcionar como enunciativas, ou seja, elementos que não alteram o conteúdo proposicional do enunciado, mas lhe conferem sentidos enunciativos e/ou pragmáticos essenciais à sua interpretação (Fernandez, 1994). Contudo, não foi possível analisar todas as partículas identificadas, já que a apreensão das sutilezas semântico-pragmáticas requer um tempo considerável para a formulação e verificação de hipóteses de funcionamento. Ainda assim, realizamos a análise de 18 dessas partículas, que foram organizadas, segundo os enunciados em que ocorrem.

O segundo objetivo da pesquisa consistiu em *descrever o funcionamento morfofonológico das partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé*. Sua característica se coaduna com a caracterização feita por Fernandez (1994), isto é, são foneticamente breves (em sua maioria, monossilábicas) e subordinam-se a outra palavra no enunciado, ainda que não estabeleçam com ela uma relação sintática. Diferenciam-se, portanto, dos afixos e clíticos, pois não podem ser identificadas por critérios morfológicos tradicionais, como invariabilidade ou posição fixa, nem por critérios sintáticos, dado que desempenham funções essencialmente enunciativo-pragmáticas. Observou-se, ainda, que algumas dessas partículas apresentam alomorfia, isto é, variam conforme o segmento fonético que as precede.

O terceiro objetivo consistiu em *analisar o funcionamento enunciativo das partículas enunciativas da língua Sateré-Mawé e os efeitos semântico-pragmáticos que elas produzem*. A análise mostrou que tais partículas atuam no plano da enunciação, permitindo ao locutor expressar atitudes, intenções e graus de envolvimento com o conteúdo do enunciado. Embora não estabeleçam vínculos sintáticos com outros constituintes, elas modulam aspectos fundamentais da interação discursiva, como evidencialidade, modalização e organização da informação. A partir do *corpus*, classificamos as partículas conforme os tipos de enunciado em que se manifestam: assertivos, imperativos e interrogativos.

Ao retomar os objetivos específicos desta pesquisa — identificar, descrever e analisar o funcionamento das partículas enunciativas em Sateré-Mawé —, podemos afirmar que, apesar dos limites impostos pelo tempo e pela complexidade do fenômeno investigado, os propósitos estabelecidos foram alcançados. A identificação de 25 partículas, acompanhada da análise detalhada de 18 delas, possibilitou o aprofundamento em aspectos morfofonológicos, enunciativos e pragmáticos relevantes para a compreensão do sistema linguístico Sateré-Mawé. Com isso, o objetivo geral da dissertação — *propor uma análise das partículas enunciativas a partir de um estudo descritivo* — foi efetivamente atendido. Os resultados não apenas contribuem para o conhecimento científico da língua Sateré-Mawé, mas também oferecem subsídios teóricos, metodológicos e analíticos relevantes para estudos das línguas indígenas brasileiras.

Nesse sentido, do *ponto de vista teórico*, o estudo avança na compreensão dos mecanismos enunciativos que estruturam a comunicação nas línguas originárias. Ao identificar e analisar as partículas enunciativas do Sateré-Mawé, a pesquisa amplia as abordagens sobre a categoria da evidencialidade, demonstrando como os falantes codificam seu grau de compromisso com o conteúdo enunciado. Essa perspectiva permite uma leitura mais refinada dos recursos modais e pragmáticos da língua, frequentemente negligenciados em descrições convencionais. Ao revelar estratégias linguísticas de expressão da subjetividade, da intencionalidade e da interação social, o trabalho contribui de maneira relevante para o aprofundamento das teorias linguísticas aplicadas às línguas indígenas, abrindo caminhos para investigações futuras nesse campo.

Metodologicamente, a pesquisa se destaca pelo uso de uma abordagem situada e colaborativa, fundamentada na estratégia da pesquisa-ação. A coleta e análise de dados privilegiaram o uso da língua em contextos naturais de comunicação — interações cotidianas, narrativas orais e diálogos digitais —, assegurando uma descrição mais fiel e dinâmica das

partículas enunciativas em uso. A elicitación com enunciados elaborados pelo próprio pesquisador, falante da língua, contribuiu para a verificação de hipóteses e aprofundamento das análises, superando a mera observação descritiva. A participação ativa de professores(as) e lideranças Mawé no processo investigativo foi essencial para captar sutilezas linguísticas e, ao mesmo tempo, fortalecer a formação de pesquisadores locais. Essa metodologia, ao valorizar o saber indígena e articular teoria e prática, constitui um modelo replicável para o estudo de outras línguas indígenas, promovendo tanto a pesquisa científica quanto a valorização sociolinguística dessas línguas.

Do *ponto de vista analítico*, este trabalho oferece um mapeamento inédito e sistemático das partículas enunciativas do Sateré-Mawé, classificadas conforme os valores ilocucionários que expressam: assertivos, diretivos e interrogativos. A apresentação de suas formas, contextos de uso e efeitos pragmáticos contribui significativamente para a compreensão dos mecanismos linguísticos que modulam o sentido do enunciado e organizam a interação verbal. Essa análise evidencia o papel central dessas partículas na construção do discurso, ao revelar estratégias de modalização, evidencialidade e gestão da informação fundamentais para o funcionamento da língua. Ao fazer isso, a pesquisa não apenas aprofunda o conhecimento linguístico sobre o Sateré-Mawé, mas também amplia as perspectivas analíticas sobre os sistemas enunciativos em línguas indígenas brasileiras, reforçando sua centralidade nos estudos linguísticos contemporâneos. Os resultados alcançados oferecem subsídios relevantes para futuras descrições gramaticais, produção de materiais didáticos e formulação de políticas de valorização linguística, contribuindo para o fortalecimento das práticas de ensino e para o desenvolvimento de políticas de preservação da diversidade linguística dos povos indígenas.

A continuidade da investigação sobre as partículas enunciativas em Sateré-Mawé mostra-se necessária para o aprimoramento das análises aqui desenvolvidas, especialmente por meio do estudo de interações mais variadas e de gêneros discursivos diversificados. Ainda que o *corpus* utilizado nesta pesquisa tenha contemplado diferentes situações comunicativas, é fundamental expandir a coleta de dados para outros contextos de uso da língua, ampliando a compreensão das funções enunciativas desempenhadas pelas partículas no cotidiano dos falantes.

Este estudo contribui de forma significativa para o fortalecimento da língua Sateré-Mawé, ao evidenciar o papel essencial das partículas enunciativas — elementos que não encontram equivalentes diretos no português — na organização do discurso e na expressão da subjetividade. Ao oferecer uma descrição sistemática dessas partículas, o trabalho também

subsídia a elaboração de materiais didáticos mais sensíveis às especificidades linguísticas do Sateré-Mawé, promovendo sua valorização no contexto escolar e contribuindo para a continuidade do seu uso intergeracional.

Assim, a análise das partículas enunciativas em Sateré-Mawé não apenas avança na compreensão do funcionamento dessa língua, mas também reforça a relevância das línguas indígenas no cenário linguístico global, destacando o valor da diversidade linguística e cultural como patrimônio coletivo da humanidade. Os resultados obtidos neste trabalho reafirmam a urgência de estudos comprometidos com a descrição e com a valorização das línguas originárias, contribuindo para o reconhecimento de seus saberes e modos próprios de expressão e interação.

Posto isso, finalizamos essas considerações com a expectativa de que esse trabalho incentive a formação de linguistas indígenas, estimulando trajetórias acadêmicas comprometidas com a continuidade do conhecimento linguístico ancestral. A nossa titulação como primeiro linguista Sateré-Mawé, conferida por meio desta dissertação, representa um marco simbólico e político que visa inspirar outras lideranças e jovens falantes a trilharem caminhos semelhantes, fortalecendo o protagonismo indígena na produção do saber científico sobre suas próprias línguas.

REFERÊNCIAS // MOTPÁP APYAHA?A KO?I



AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BENVENISTE, E. A forma e o sentido na linguagem. In: *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. 2a. ed. Campinas: Pontes, 2006a. p. 220-242.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. 2a. ed. Campinas: Pontes, 2006b. p. 81-90.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em pesquisa: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.

CARNEIRO, D. de S. *Construções negativas em Sateré-Mawé*. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

CHAFE, W.; NICHOLS, J. *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood, NJ: Ablex, 1986.

CREISSELS, D. *Syntaxe générale: une introduction typologique 2*. Paris: Lavoisier, 2006.

CUNHA, D. de A. C. A Linguística da enunciação e o ensino da língua portuguesa no Brasil. *Revista do GELNE*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 45 - 48, 1999.

DILLINGER, M. Forma e função na linguística. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 7, n. 1, 1991, p. 395-407.

FERNANDEZ, M. M. J. *Les particules énonciatives dans la construction du discours* (Linguistique nouvelle). Paris: PUF, 1994.

FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FRANCESCHINI, D. do C. *La langue Sateré-Mawé: description et analyse morphosyntaxique*. 1999. 297 p. Tese de Doutorado. Université Paris VII (Denis Diderot), Paris, 1999.

FRANCESCHINI, D. do C. O Sistema verbal em Sateré-Mawé. In: *Jornada de estudos linguísticos do GELNE*, 18. Salvador: Programas e resumos do GELNE, 2000.

FRANCESCHINI, D. do C. (coord.). *Wantym sa'awy etiat*. Brasília: MEC, 2000.

FRANCESCHINI, D. do C. A voz inversa em Sateré-Mawé. In: *Encontro internacional do grupo de trabalho de línguas indígenas*, 1. Belém: Editora da UFPA, 2002.

FRANCESCHINI, D. do C. As classes de nomes em Sateré-Mawé. In: *Congresso internacional da ABRALIN*, 2. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2001.

FRANCESCHINI, D. do C. Os demonstrativos em Sateré-Mawé. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, C. A. S. (org.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005.

FRANCESCHINI, D. do C. (coord.). *Satere-Mawe pusu aḡkukaḡ*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

FRANCESCHINI, D. do C. (coord.). *Wahemeikowo tuerut aheko*. Barcelona: Càtedra Unesco de Llengües i Educació, 2007.

FRANCESCHINI, D. do C. Os valores da voz média em Sateré-Mawé. In: *Encontro internacional de línguas e cultura tupi*, 1. Campinas: Editora Curt Nimuendaju, 2007.

FRANCESCHINI, D. do C. (coord.). *Sateré-Mawé miwan pakup*. João Pessoa; Parintins (AM): Editora da UFPB, FAPEAM, 2008.

FRANCESCHINI, D. do C. (coord.). As posposições em Sateré-Mawé. *Revista Revel*, Edição especial n.3, 2009.

FRANCESCHINI, D. do C. (coord.). A orientação e o aspecto verbal em Sateré-Mawé. *Revista de Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v.18, n.1, p. 165-186, 2010.

FRANCESCHINI, D. do C. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? In: SILVA, S. de S. (Org.). *Cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2011.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GRUPIONI, L. D. B. Alfabetização Indígena. In: REZENDE, P. *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 39, nº esp., p. 148-170, set.-dez. 2019.

GUMPERZ, J. J. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119.

HAGÈGE, C. *La structure des langues*. Paris, 1982.

ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

- JODAR, D. K. C. A modalização epistêmica e deontica em entrevista: um exercício em análise. *Travessias Interativas*, Ribeirão Preto (SP), n. 10 (v. 5), p. 123–136, jul.-dez. 2015.
- KRENAK, A. *A língua é uma tecnologia de sobrevivência*. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/ailton-krenak-lingua-mae>. Acesso em: 11 out. 2024.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAZARD, G. *L'actance*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- LORENZ, S. da S. *Os filhos do guaraná*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.
- MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. 8a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- MARTINET, A. Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? *ALFA*, v. 38, 1994, p. 11-18.
- MENDONÇA, P.; LORENZ, S. (Orgs.). *Yi Esaikap: plano de gestão territorial e ambiental da terra indígena Andirá-Marau, povo Sateré-Mawé*. Brasília, DF: Centro de Trabalho Indigenista, 2023.
- MÓDOLO, M.; CONEGLIAN, A. V. L. *Dez livros para conhecer funcionalismo em linguística*. Disponível em: chrome-www.fflch.usp.br. Acesso em: 03 abr. 2025.
- MOURÃO, M. Perigo: Línguas em Extinção. RS. 2014. Disponível em: <https://reportersombra.com/perigo-linguas-em-extincao/>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- NARO, A. J.; VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 285-290, 1989.
- NEVES, M. H. de M. A Modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org). *Gramática do Português Falado IV*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NEVES, M. H. de M. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*, v. 13, n. 2, 1984.
- OPISM - Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé. *Warana sa'awy etiat*. Brasília: MEC, 2000.
- OPISM - Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé. *Wantym sa'awy etiat*. Brasília: MEC, 2000.
- PEIXOTO, V. do N. *Conectores de enunciado em Sateré-Mawé*. 2014. 80 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

PORTAL DOS FILHOS DO WARANÁ. *O território Sateré-Mawé*. Disponível em: <https://www.nusoken.com/conselho-geral-da-tribo-sater%C3%A9-maw%C3%A9-cgtsm/o-territ%C3%B3rio-sater%C3%A9-maw%C3%A9>. Acesso em: 05 jun. 2024.

RODRIGUES, A. D. Relações Internas na Família Linguística Tupí-Guarani. *Revista de Antropologia*, USP, v. 27/28, p. 33-53, 1984/1985.

RODRIGUES, A. D. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 9 n. 1. Brasília, 2017, p. 187-195.

SEARLE, J. *Expressão e Significado*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, R. G. P. da. *Estudo morfossintático da língua Sateré-Mawé*. 2010. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SOARES, R. Padre Henrique Uggé celebra jubileu de ouro sacerdotal. *Site Alvorada FM*, jun. 2020. Disponível em: <https://alvoradaparinins.com.br/padre-henrique-ugge-celebra-jubileu-de-ouro-sacerdotal/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

SPOLADORE, F. F. *As estratégias de focalização em português brasileiro e sateré-mawé*. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 08-29, jan./jun. 2017.

SPOLADORE, F. F. *A interrogação em Sateré-Mawé*. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

TEIXEIRA, P. (org.). *Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena*. Manaus: UNICEF, 2005.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1994.

UGGÉ, H. *As bonitas Histórias dos Sateré-Mawé*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1991.

UNESCO. Mais de 2500 línguas em perigo no mundo. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/22252>. Acesso em 18 dez. 2014.